

1 2 9 0



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Beatriz Ribau Lourenço

A POLÍTICA CULTURAL DESENVOLVIDA
NO MUNICÍPIO DE ÍLHAVO

O CIEMAR-ÍLHAVO E O SEU SERVIÇO À COMUNIDADE

Relatório de Estágio do Mestrado em Política Cultural Autárquica, orientado pela Professora
Doutora Maria do Rosário Morujão e apresentado ao Conselho Interdepartamental da
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2020

FACULDADE DE LETRAS

A POLÍTICA CULTURAL DESENVOLVIDA NO MUNICÍPIO DE ÍLHAVO

O CIEMAR-ÍLHAVO E O SEU SERVIÇO À COMUNIDADE

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	A Política Cultural desenvolvida no Município de Ílhavo O CIEMar-Ílhavo e o seu serviço à comunidade
Autora	Beatriz Ribau Lourenço
Orientadora	Doutora Maria do Rosário Barbosa Morujão
Júri	Presidente: Doutora Maria Margarida Sobral da Silva Neto
Identificação do Curso	Vogais:
Área científica	1. Doutor Saul António Gomes Coelho da Silva
Data da defesa	2. Doutora Maria do Rosário Barbosa Morujão
Classificação do Relatório	2.º Ciclo em Política Cultural Autárquica
Classificação do Estágio e Relatório	História
	09-12-2020
	17 valores
	17 valores



Agradecimentos

Quero, antes de mais, dirigir uma palavra de sincera gratidão à minha orientadora, a Professora Doutora Maria do Rosário Morujão da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pela ajuda disponível, pelo espírito de confiança e pelo acompanhamento sempre atento.

Agradeço também à incansável Dr.^a Eliana Fidalgo pela orientação dedicada desde o primeiro dia e a toda uma excelente equipa de profissionais que tão bem me acolheram no CIEMar-Ílhavo.

Um agradecimento muito especial aos meus colegas e amigos do Mestrado em Política Cultural Autárquica e aos que já vêm da Licenciatura, pela amizade e companheirismo.

À Cristina, a minha madrinha de Coimbra, pela presença firme e ânimo ao longo destes verdes anos.

Aos meus amigos de sempre pelo apoio, tantas vezes o meu refúgio.

À minha família, fonte de inspiração, sem a qual se tornaria impossível o meu progresso académico.

À minha mãe, aos meus irmãos Daniel, Mariana e Luciana pelos exemplos de vida e aos meus sobrinhos Jorge Miguel e João Manuel.

A todos aqueles que sempre acreditaram em mim, muito obrigada!

In memoriam do meu irmão Miguel

“Sem Deus, nada podemos. Com Deus, podemos tudo!”

Pe. J. Kentenich

Lista de Abreviaturas

Art.º – artigo

c. – cerca

CDI – Centro de Documentação de Ílhavo

Cf. – confrontar

CIEMar-Ílhavo – Centro de Investigação e Empreendedorismo do Mar de Ílhavo

CMI – Câmara Municipal de Ílhavo

Consult. – consultado

coord. – coordenação

doc. – documento

GANPB – Grémio dos Armadores dos Navios de Pesca do Bacalhau

MMI – Museu Marítimo de Ílhavo

n.º – número

op. cit. – obra citada

p. – página

Pub. – publicado

séc. – século

seg./s. – seguinte/s

SEMI – Serviço Educativo Municipal de Ílhavo

V./*Vide* – ver

vol. – volume

Resumo

O presente Relatório de Mestrado em Política Cultural Autárquica corresponde a um estágio realizado no CIEMar-Ílhavo, na valência do Centro de Documentação, entre novembro de 2019 e maio de 2020. Este relatório divide-se em quatro partes.

Na Parte I começo por fazer um (re)conhecimento do território do Concelho de Ílhavo a nível geral através de uma contextualização histórica, geográfica, demográfica e económica, para nos situarmos no tempo, nos enquadrarmos no espaço e nos inteirarmos da dinâmica socioeconómica tão peculiar deste território costeiro.

Também procuro caracterizar o município de Ílhavo quanto às suas potencialidades e identificar as suas carências através de uma análise SWOT. Em suma, pretende-se refletir sobre o contexto local com o intuito de traçar possíveis estratégias para o futuro.

Na Parte II abordo uma questão sensível às autarquias: a cultura. Dou conta do que têm sido as políticas culturais levadas a cabo pela Câmara Municipal de Ílhavo, um exemplo notório de como o investimento no setor da cultura e das artes não só reforça a coesão social e territorial, como promove o desenvolvimento local. No fundo, trata-se de um balanço dos últimos oito anos de governo para ensaiar respostas aos desafios que se impõem no presente e no futuro.

Já na Parte III foco o CIEMar-Ílhavo e o Centro de Documentação, em particular, como entidade de acolhimento, traçando as suas principais características no que diz respeito à missão, objetivos, valores, à equipa e à sua dinâmica de interação com a comunidade local e visitante através do seu serviço educativo e de formação de públicos. Irei também, e especialmente, focar a instituição como um arquivo de preservação da memória coletiva e da memória histórica.

Por último, na Parte IV, testemunho o meu envolvimento e experiência de acompanhamento e participação nas atividades de serviço educativo e apresento os projetos desenvolvidos durante o período de estágio consignado.

Palavras-chave: Centro de Documentação; Política Cultural; Município de Ílhavo; Património; Identidade.

Abstract

The present report of master's on Municipal Cultural Policy corresponds to a placement held at CIEMar-Ílhavo, within the Documentation Centre, between November 2019 and May 2020. This report is divided into four parts.

In Part I, I begin by making a recognition of the territory of municipality of Ílhavo on a general level through a historic, geographic, demographic and economic context to situate ourselves in time, to fit in space and to learn about the socio-economic dynamics so peculiar to this coastal territory.

I will also aim to characterize the municipality regarding its potential and identify its needs through a SWOT analysis. In short, I intend to reflect on the local context in order to outline possible strategies for the future.

In Part II, I address a sensitive issue to municipalities: culture. I take account of cultural policies that have been carried out by the Municipality of Ílhavo, a notable example of how investment in the culture and arts sector not only reinforces social and territorial cohesion, as it promotes local development. Basically, it's a review of the last eight years of local governance to reassess responses to the challenges that are imposed in the present and future.

In Part III, I will focus on CIEMar-Ílhavo and the Documentation Centre, particularly, as a host entity, outlining its main characteristics regarding its mission, objectives, values, its team and its dynamics of interaction with the local and visiting community through its educational service. I will also, and especially, focus on the institution as an archive for the preservation of collective and historical memory.

Lastly, in Part IV, I manifest my involvement and learnings experiences through my participation in educational service activities and I present the projects developed during the consigned internship period.

Keywords: Documentation Centre; Cultural Policy; Municipality of Ílhavo; Patrimony Identity.

Índice

Agradecimentos	2
Lista de Abreviaturas	5
Resumo	6
Abstract	7
Índice de figuras, esquemas e quadros	10
Introdução	11
Parte I – O Concelho de Ílhavo	14
1. Ílhavo: um Município com “o mar por tradição” Caracterização histórica, geográfica, social e económica.	14
2. Análise SWOT.....	23
Parte II – A Política Cultural desenvolvida pela CMI	26
1. De 2012 a 2020: que mudanças? Um percurso pelas medidas culturais na autarquia de Ílhavo.	26
Parte III – O CIEMar-Ílhavo, um equipamento municipal de promoção cultural	41
1. Características.....	41
1.1. O Centro de Documentação de Ílhavo	43
Parte IV – Atividades desenvolvidas no âmbito do estágio curricular	47
1. Projetos	47
1.1. “Se esta rua fosse minha...” – Projeto de Toponímia	47
1.2. “Quem sai aos seus...” – Tutorial para o Clube de Genealogia.....	50
1.3. “Ílhavo e o Liberalismo” – Projeto educativo	51
2. Atividades: Serviço Educativo	54
2.1. Exposição itinerante – “Do Paleolítico à atualidade: herança arqueológica” .	54
2.2. “Quem sai aos seus...” – Genealogia no 1.º Ciclo do Ensino Básico	56

2.3. Férias Divertidas 2019/2020.....	57
3. Eventos e outros	59
3.1. Ciclo de Palestras: “Ílhavo, Terra Milenar: A escrita da Era pré-digital no Município de Ílhavo”.....	59
3.2. II Jornadas escolares da Gafanha da Encarnação: “A história do hospital de Ílhavo (Santa Casa da Misericórdia)”.....	61
3.3. Apoio no tratamento arquivístico: O arquivo do Grémio dos Armadores dos Navios de Pesca do Bacalhau	63
Conclusão	67
Referências bibliográficas e eletrónicas	70
1. Consultas	70
2. Estudos	71
3. <i>Sites</i> e conteúdos audiovisuais.....	74
Anexos	77

Índice de figuras, esquemas e quadros

Figura 1 – Localização do Município de Ílhavo.....	15
Figura 2 – Pormenor da Carta Geológica de Portugal.....	16
Figura 3 – Presumível evolução da linha de costa na plataforma continental portuguesa.....	17
Figura 4 – Localização dos sítios arqueológicos subaquáticos na Ria de Aveiro.....	18
Figura 5 – Espaços culturais do projeto cultural 23 Milhas.....	37
Figura 6 – Vista exterior do CIEMar-Ílhavo.....	42
Figura 7 – Organização e identificação de fotografias e topónimos da Freguesia da Gafanha da Nazaré.....	49
Figura 8 – <i>Timeline</i> : “Ílhavo e o Liberalismo – Projeto educativo.....	53
Figura 9 – Ação de formação/consciencialização na Escola Secundária da Gafanha da Nazaré, 21/01/2020.....	56
Figura 10 e 11 – Sessão: “Quem sai aos seus...” – Genealogia no 1.º Ciclo do Ensino Básico, 14/01/2020.....	57
Figura 12 e 13 – Férias Divertidas de Natal, 30/12/2019.....	59
Figura 14 e 15 – Ciclo de Palestras: “Ílhavo, Terra Milenar: A escrita da Era pré-digital no Município de Ílhavo”, 18/01/2020.....	60
Figura 16 e 17 – II Jornadas escolares da Gafanha da Encarnação, 27- 28/02/2020.....	62
Figura 18 – Fichas de inscrição marítima no GANPB: organização da informação.....	64
Figura 19 – Portal “Homens e Navios do Bacalhau”.....	65
Esquema 1 – Modelo de organização da CMI com destaque para a Divisão da Cultura.....	34
Quadro 1 – Análise SWOT ao Município de Ílhavo.....	23
Quadro 2 – Objetivos estratégicos da CMI para a Cultura.....	33
Quadro 3 – Missão, Visão, Objetivos e Valores do Centro de Documentação de Ílhavo.....	44

Introdução

O presente relatório insere-se no âmbito do 2.º Ciclo em Política Cultural Autárquica e reflete o meu estágio realizado no Centro de Investigação e Empreendedorismo do Mar – CIEMar-Ílhavo, na valência do Centro de Documentação de Ílhavo.

Ao longo de seis meses desenvolvi atividades com e para a população ilhavense no decurso de um estágio curricular que agora exponho na certeza de ter sido um tempo de enriquecimento a nível pessoal, académico e profissional.

Na impossibilidade de o cumprir como previsto, devido à pandemia de Covid-19, propus-me colaborar a partir de casa com o CDI, na condição de voluntária, durante as últimas semanas.

Este relatório divide-se em quatro partes.

A Parte I está reservada a uma contextualização histórica e geográfica, demográfica e económica do Concelho de Ílhavo. As origens históricas e as especificidades da topografia, da população que aí habita e da economia, que são muito próprias deste território costeiro. Em suma, uma caracterização geral para nos situarmos no tempo, nos enquadrarmos no espaço e nos inteirmos da sua dinâmica socioeconómica.

Nesta parte é feita também uma análise SWOT, um olhar sobre as forças e oportunidades, mas também as fraquezas e ameaças ao município ilhavense. No fundo, trata-se de uma reflexão sobre o contexto local relativamente às suas potencialidades e carências, com o intuito de traçar possíveis estratégias para o futuro.

Na Parte II abordamos uma questão sensível às autarquias: a cultura.

Um dos grandes objetivos deste relatório é esclarecer o que são e para que servem as políticas culturais autárquicas, evocando, por isso, o exemplo da Câmara Municipal de Ílhavo (doravante referida apenas por CMI) a forma como tem exercido a sua política na área da cultura.

A CMI já despertou para a importância do investimento na cultura e nas artes, não só porque a par com o setor do turismo reforça a coesão social e territorial, como também pelo resultado enquanto motor de desenvolvimento local e pela projeção e atratividade do município além fronteiras.

É neste sentido que nasce o 23 Milhas, projeto cultural do Município de Ílhavo que visa agitar a vida do município com maior e melhor oferta cultural e contribuir para o próprio desenvolvimento do setor da cultura.

Consideramos o 23 Milhas um projeto inovador e diferenciador, no conceito e na atuação, que leva o nome de Ílhavo mais longe e se distingue dos demais.

Quais as linhas programáticas da autarquia de Ílhavo para o território concelhio no âmbito do setor cultural? Que equipamentos e valências culturais existem e que atividade cultural tem sido realizada? Qual a evolução das políticas culturais da Câmara Municipal de Ílhavo nos últimos anos? Estas são algumas questões que tentaremos responder ao longo de breves páginas.

Na Parte III, faço uma contextualização da entidade acolhedora enquanto equipamento cultural do Município de Ílhavo à disposição de todos os cidadãos, instituição arquivo de preservação da memória coletiva, da memória histórica e serviço de educação e formação de públicos. Uma caracterização relativa à sua missão, visão, objetivos e valores, à equipa e à sua dinâmica de interação com a comunidade local e visitante.

Compreendemos porque as bibliotecas conseguem estabelecer uma maior relação de proximidade com as comunidades. A sua ação começou, desde há muito, a fazer-se sentir junto dos mais novos que, ao longo da vida, criaram fortes vínculos com elas.

As bibliotecas encontram-se já enraizadas na vida das pessoas e em muitas delas desde crianças, daí a facilidade com que usufruem dos serviços, dos espaços.

Já no que toca aos arquivos reconhecemos que ressentem libertarem-se das quatro paredes e têm alguma dificuldade em chegar ao público, não só porque existe a ideia pré-feita de que servem apenas para arrumar e limpar o pó a “papéis velhos”, como também são vistos como um local de estudo e investigação exclusivo a historiadores.

É preciso mudar este paradigma.

Outro grande objetivo deste relatório é, ao focar a realidade do Centro de Documentação de Ílhavo, demonstrar que os arquivos não estão “mortos”, mas sim cheios de vida e abertos a todos. O CDI é convictamente um caso de sucesso.

Veremos com quem e quando é que o CDI estabelece os seus contactos e como é sustentada a relação Centro de Documentação - públicos.

Finalmente na Parte IV, descrevo todos os projetos e atividades que tive oportunidade de participar e acompanhar ao longo de meio ano de estágio.

Há que referir que à data do início do meu estágio a agenda do CDI para o ano 2019/2020 já havia sido fixada e, portanto, integrei na programação tomando parte ativa e desenvolvendo tarefas às quais procurei dar um cunho pessoal. Em todos os projetos e atividades elencadas empenhei o meu esforço para dar o meu contributo.

Das atividades do Serviço Educativo, direcionadas mais concretamente para as crianças e adolescentes, como por exemplo as “Férias Divertidas”, as sessões de genealogia no 1.º ciclo e as ações de formação/consciencialização nas várias escolas do concelho em que estive diretamente envolvida às atividades mais internas e de âmbito arquivístico, acrescem ideias da minha autoria inseridas nos projetos do CDI. Destaco um projeto educativo que intitulei “Ílhavo e o Liberalismo”, concebido a propósito do bicentenário da implantação do liberalismo em Portugal e com o intuito de apresentar às turmas de História dos agrupamentos de escolas do município o papel de Ílhavo nas guerras liberais e um jogo que criei denominado “Memória(s) de Ílhavo” inserido no projeto de toponímia “Se esta rua fosse minha...” que visa dar a conhecer a história de Ílhavo, sensibilizar a comunidade para a valorização do seu património material e imaterial, incentivar a preservação da memória coletiva, bem como reforçar o sentimento de pertença e identidade municipal.

Mas também os eventos como o ciclo de palestras “Ílhavo, Terra Milenar” e as jornadas escolares da saúde constituíram um verdadeiro desafio superado com êxito.

Assim, cumprem-se os objetivos do estágio numa instituição autárquica no âmbito do Mestrado em Política cultural Autárquica, nomeadamente, o de “facultar aos alunos uma experiência de trabalho no seio das autarquias, concretizada no seu envolvimento em práticas culturais em curso ou em novos projetos, no sentido da consolidação dos conhecimentos teóricos adquiridos no primeiro ano e na aquisição de competências sustentadas na conceção e execução de eventos culturais”.¹

¹ Podem-se consultar os objetivos gerais do Mestrado em Política Cultural Autárquica em: WWW:<URL: <https://apps.uc.pt/courses/pt/course/1437>>.

Parte I – O Concelho de Ílhavo

1. Ílhavo: um Município com “o mar por tradição”.

Caracterização histórica, geográfica, social e económica.

O Concelho de Ílhavo situa-se no Distrito de Aveiro, pertencendo à Região Centro de Portugal (NUT II) e à Sub-região do Baixo Vouga (NUT III). Geograficamente é delimitado a Norte e a Este pelo Concelho de Aveiro, a Sul pelo de Vagos e a Oeste pelo Oceano Atlântico.

Nesta estreita faixa litorânea, como que num enclave junto ao mar que se espraia por 7km, insere-se o município de Ílhavo com uma área de cerca de 73,48 km².²

De acordo com os dados revelados pelos censos à população de 2011, são aproximadamente 38.598 pessoas que vivem “o mar por tradição” e se distribuem pelas quatro freguesias que compõem o município: S. Salvador, sede de concelho (c. de 16.597 habitantes), Gafanha da Nazaré, da qual faz parte a Praia da Barra (c. de 14.756 hab.), ambas cidades, Gafanha da Encarnação, da qual faz parte a Costa Nova (c. de 5.487 hab.), e Gafanha do Carmo (c. de 1.785 hab.), ambas vilas.³

Localizado na orla marítima, caracteriza-se por ser um território de planície de baixa altitude, entre os 20 e os 60 metros, o que traduz desde logo a ligação íntima ao mar e aos seus trabalhos. Como, aliás, afirma Virgínia Rau, esta é uma região muito peculiar, porque se ergue “com um pé no mar e outro na terra”.⁴

Devemos salientar a grande faina da pesca do bacalhau, uma imagem de marca do concelho, mas também a pesca lagunar e a produção de sal. Esta região ofereceu, às suas comunidades, desde muito cedo, uma forte prosperidade graças às condições favoráveis para a exploração salineira, o que resultou num saldo económico muito positivo. O “ouro branco” permitiu à região e ao país chegar a um lugar de destaque no espaço europeu.⁵

² Vide: CARVALHO, José; RAMOS, Rui; SILVA, Ana Rita – *Do Paleolítico à atualidade: herança arqueológica*. Ílhavo: Câmara Municipal de Ílhavo; ERA-Arqueologia, S.A. 2019, p. 20.

³ V. COSTA, Nuno Silva – “População e Demografia”, in GOMES, Saul António (coord.) – *Ílhavo: Terra Milenar*. Ílhavo: Câmara Municipal de Ílhavo. 2017, p. 53-64.

⁴ Veja-se a este propósito: RAU, Virgínia – *Estudos sobre a história do sal português*. Lisboa: Presença. 1984, p. 58.

⁵ *Idem, Ibidem*, p. 58.

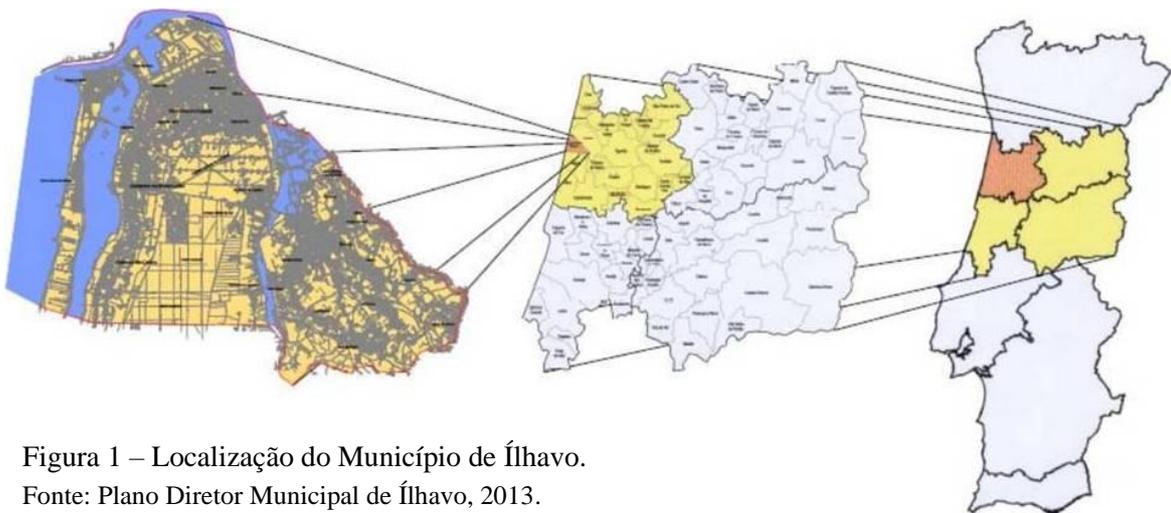


Figura 1 – Localização do Município de Ílhavo.
 Fonte: Plano Diretor Municipal de Ílhavo, 2013.

A Ria de Aveiro e os seus canais não só marcaram e marcam indelevelmente a paisagem como influenciaram parte desse povoamento ao longo dos tempos.⁶

É precisamente a geomorfologia do território o principal elemento identitário de toda esta região.

O traçado litoral foi constantemente (re)desenhado desde o séc. X, data das primeiras informações acerca deste território. Devido ao sistema lagunar muito impreciso a linha de costa foi sofrendo alterações.⁷

Em 959, a condessa Mumadona Dias, condessa de Guimarães, lavra o seu testamento, no qual surge a primeira referência escrita sobre a existência de marinhas de sal em *Alavario, in territorio de Colimbrie*, mais concretamente em Alquerubim⁸, hoje uma povoação a vários quilómetros de distância do mar. O que nos faz crer que, há mil anos, o rio Vouga desaguava numa grande baía e que terras como Esmoriz, Ovar, Estarreja, Albergaria-a-Velha e Aveiro eram banhadas diretamente pelo mar.⁹ Este é um dos pressupostos para a obtenção de sal.

⁶Veja-se a este propósito o estudo de BASTOS, Maria do Rosário; DIAS, J.M. Alveirinho. “Uma representação do litoral português: o Baixo Vouga (séculos IX-XIV)”, in *O litoral em perspetiva histórica (Séc. XVI-XVIII)*. Porto: Instituto de História Moderna. 2002 p. 111-126 [Em linha]. [Consult. a 29 de janeiro de 2020]. Disponível em WWW:<URL:https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8051.pdf>.

⁷ “A linha de costa, ou melhor, a alteração da mesma até momentos muito recentes em termos históricos condicionou a evolução da ocupação humana deste espaço” afirmam Paulo Morgado e Sónia Filipe em: NEVES, Amaro; FERREIRA, Delfim Bismarck – *História de Aveiro: sínteses e perspetivas*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro. 2009, p. 51.

⁸ MADAIL, António Rocha – *Milenário de Aveiro. Coletânea de documentos históricos*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro. 1959. Vol. I. 959-1516. Doc.1, p. 3.

⁹ Cf. GIRÃO, A. de Amorim – *Bacia do Vouga. Estudo geográfico*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 1922, p. 55 e MORGADO, Paulo; FILIPE, Sónia – “O testemunho do passar do tempo e do

Mas essa inconstância é passível de se explicar recorrendo à Geologia. A diferença está entre a parte este e oeste dessa antiga linha de costa. A constituição geológica da parte a oeste é bastante recente, porque formada pelo processo de sedimentação de areias marítimas e fluviais.¹⁰



Figura 2 – Pormenor da Carta Geológica de Portugal, 1:50000, Folha 16A, 1976.

Na figura podemos observar diferentes níveis. Entre os 5-8m corresponde aos depósitos das praias, representados na imagem com tons mais claros, onde se encontram as Gafanhas. Entre os 120-130m diz respeito aos arenitos, calcários e xistos, representados na imagem com tonalidades mais escuras e onde se situam os territórios geologicamente mais bem consolidados.

Fonte: Laboratório Nacional de Energia e Geologia, I.P.

Com os sucessivos avanços e recuos do mar, como consequência das variações climáticas, originou-se uma restinga completamente exposta aos processos marinhos, mas na qual se fixou, mais tarde, um povoado.¹¹

Em 1047 surge documentado pela primeira vez, a propósito de uma doação de Recemundo Maureliz, o topónimo *Iliavo*, uma vila que despertara em torno da laguna do Vouga, e por isso, uma terra fértil e rica em pescado e sal.¹²

Homem no registo arqueológico de Aveiro”, in NEVES, Amaro; FERREIRA, Delfim Bismarck – *História de Aveiro: sínteses e perspetivas... op. cit.*, p. 50.

¹⁰ *Idem, Ibidem*, p. 55.

¹¹ Vide: FONSECA, Senos da – *Ílhavo: Ensaio monográfico Século X ao Século XX*. Porto: Papiro Editora. 2007, p. 101-116 e SILVA, Ana Rita; BRANCO, Jorge – “A Arqueologia no Município de Ílhavo”, in GOMES, Saul António (coord.) – *Ílhavo: Terra Milenar*. Ílhavo: Câmara Municipal de Ílhavo. 2017, p. 65-88.

Mas a restante área do concelho ainda não existia. Outrora submersa, na zona onde se situam as Gafanhas começou a formar-se um corredor de sedimentos trazidos pelo rio Douro e por depósitos aluviais do rio Vouga que se foi compondo e alargando até ao final do séc. XVI.¹³

A única ligação ao mar fazia-se por uma estreita barra natural que foi migrando de norte para sul, ao sabor das correntes marítimas, até se fixar próximo de Aveiro onde, em 1808, foi construída uma barra artificial delimitada por dois molhes.

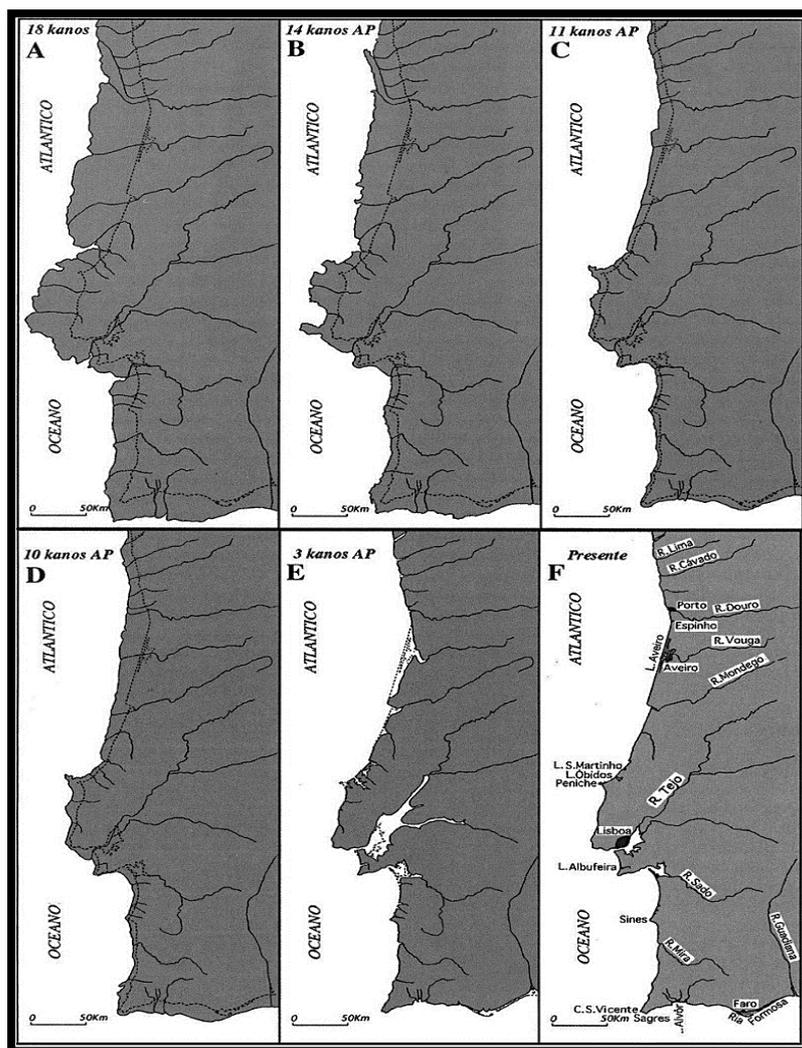


Figura 3 – Presumível evolução da linha de costa na plataforma continental portuguesa. A – há 18.000 anos (último Máximo Glaciário); B – há 14.000 anos, no final da glaciação; C – há 11.000 anos (início do Dryas recente); D – há 10.000 anos, no início do Holocénico; E – há 3.000 anos, quando o nível do mar atingiu aproximadamente a cota atual e F – na atualidade. Fonte: DIAS, João Alveirinho, 2004, p. 163.

¹² Pub.: GOMES, Saul António (coord.) – *Ílhavo: Terra Milenar... op. cit.*, doc.1, p. 47.

¹³ V. CARVALHO, José; RAMOS, Rui; SILVA, Ana Rita – *Do Paleolítico à atualidade...op. cit.*, p. 37 e também BERNANRDES, Cristina – “Geomorfologia e formação do território”, in GOMES, Saul António (coord.) – *Ílhavo: Terra Milenar...op. cit.*, p. 23-26.

Os achados arqueológicos fruto dos mais recentes trabalhos de prospeção iniciados em 2015 por uma equipa da empresa ERA-Arqueologia revelaram uma “nova antiguidade neste território costeiro”¹⁴, pois, “até ao momento, a ocupação humana deste território em períodos tão remotos como o Paleolítico (Pré-História Antiga) era completamente desconhecida”.¹⁵

A prova de que esse processo geológico se afigurou tantas vezes dramático está debaixo de água, a alguns metros de profundidade. Além da descoberta de um aldeamento neolítico que é considerado o primeiro sítio pré-histórico subaquático do país¹⁶, uma série de embarcações naufragadas ao largo da costa fazem da Ria de Aveiro um sítio arqueológico de extrema relevância para se entender a transformação deste território milenar.¹⁷

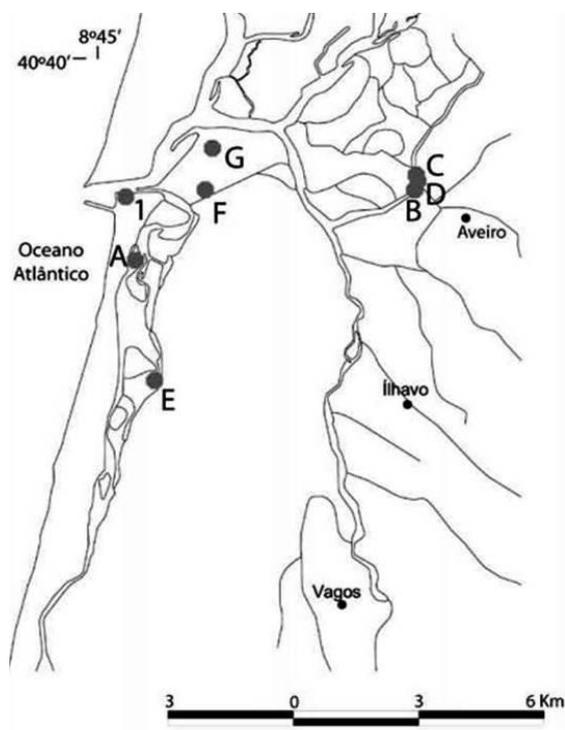


Figura 4 – Localização dos sítios arqueológicos subaquáticos na Ria de Aveiro.

Os vestígios de naufrágio estão designados por *Ria de Aveiro* A a G.

Fonte: BETTENCOURT, José António, 2009, p. 168.

¹⁴ Cf. CARVALHO, José; RAMOS, Rui; SILVA, Ana Rita – *Do Paleolítico à atualidade...op. cit.*, p.106.

¹⁵ *Idem, Ibidem*, p. 42.

¹⁶ Em agosto de 2019 no decorrer dos trabalhos de desassoreamento da Ria de Aveiro uma equipa de arqueólogos detetou um conjunto de artefactos associados a uma estrutura do Neolítico. Os mergulhos realizados no verão passado no canal do Rio Boco, em Ílhavo, confirmaram a descoberta do primeiro sítio pré-histórico subaquático do país. Veja-se a este propósito a notícia completa. [Em linha]. [Consult. em 28 de janeiro de 2020]. Disponível em: WWW:<URL:https://expresso.pt/sociedade/2019-0917DescobertoemIlhavoprimeirositioprehistoricosubaquatico-portugues>.

¹⁷ Cf. CARVALHO, José; RAMOS, Rui; SILVA, Ana Rita – *Do Paleolítico à atualidade...op. cit.*, p. 68-77 e ainda BETTENCOURT, José António – “A Arqueologia marítima da Ria de Aveiro: uma revisão dos dados disponíveis”, in GARRIDO, Álvaro; ALVES, Francisco (coord.) – *Octávio Lixa Filgueiras: Arquiteto de culturas marítimas*. Lisboa: Âncora Editora. 2009, p. 165-188.

Só no séc. XIX a faixa arenosa, paralela à costa, adquire a configuração que hoje conhecemos, graças à abertura definitiva da barra, a 3 de abril de 1808, que permitiu o real desenvolvimento das atividades humanas.¹⁸ A partir desse mesmo momento, “a ria afirma-se como centro nevrálgico do desenvolvimento regional”.¹⁹ É encetada uma nova dinâmica de crescimento. Grande parte das atividades de cariz económico estão relacionadas com o mar e com a ria. Quer isto dizer que a economia local girava em torno da pesca costeira e da pesca longínqua, na qual se incluía a arte da construção naval e a labuta na indústria da seca.

Nas palavras de Jaime Magalhães Lima, “a gente de Ílhavo não tira os olhos do mar... nunca Ílhavo deixou de trazer no mar gente sua e barcos seus, para a pesca ou para o comércio”.²⁰

Na verdade, se Portugal é um país marítimo, Ílhavo é terra de pescadores por excelência. São indissociáveis, Portugal e a vocação marítima, Ílhavo e a “Faina Maior”.

Transformando limitações em vantagens Portugal, entregue ao mar, procurou tirar partido de todos os recursos que este pudesse oferecer.

O carácter marítimo é um peculiar elemento da nossa identidade nacional, mas uma iminente particularidade dos ílhavos.²¹ Oliveira Martins, frisando a ideia de que nesta região “se casam a terra e a água” com tão grande intimidade, classificou de “anfíbia” a vida destes homens.²²

Os habitantes de toda esta região seriam na sua maioria, desde longa data, “gente da vida marítima” com atividades ligadas ao mar. Maria João Branco, na sua monografia sobre Aveiro medieval, invoca a Confraria de Santa Maria de Sá (instituída em meados do séc. XIII) como elemento congregador de uma legião de pescadores, mareantes,

¹⁸ Ainda assim necessita de ser dragada de forma a manter a comunicação permanente entre a laguna e o mar, evitando o assoreamento e o paludismo que tantas vezes provocou surtos de doença na região e que levou à ruína das atividades económicas mais importantes: a pesca, a agricultura, a exploração salineira e o comércio fluvial. Veja-se a este propósito o estudo de MARTINS, Cátia – *A barra da laguna de Aveiro no século XIX: Impactos da ação antrópica da dinâmica lagunar*. Porto: Faculdade de Letras. Dissertação de Mestrado. 2012 [Em linha]. [Consult. a 3 de agosto de 2020]. Disponível em: WWW:<URL: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/66511>>.

¹⁹ V. FONSECA, Senos da – Ílhavo – *Ensaio monográfico...op. cit.*, p. 211.

²⁰ Cf. LIMA, Jaime Magalhães – *Os povos do Baixo Vouga*. Ílhavo: Câmara Municipal de Ílhavo. 1968, p. 317.

²¹ Entenda-se ilhavenses. Expressão local para designar os naturais do concelho de Ílhavo.

²² J.P de Oliveira Martins, *apud* LIMA, Jaime Magalhães – *Os povos do Baixo Vouga...op. cit.*, p. 289.

armadores, construtores navais, calafates e também marnotos.²³ Atualmente, esta tendência reverteu-se. Pese embora o facto do setor primário no geral e, ao nível das pescas em particular, ter sofrido um retrocesso, cada família desta grande comunidade piscatória em que se insere o município de Ílhavo tem ou teve nas suas raízes quem fez do mar a sua vida.

Nos dias de hoje as pescas já não têm a mesma importância económica que em tempos, sobretudo entre os anos 30 e 70 do séc. XX. Ainda assim, esta é uma atividade que mobiliza e gera receita.²⁴ Consultando os dados disponíveis na plataforma *online* da PORDATA, em 2018 eram cerca de 4678 os pescadores em exercício na Região Centro de Portugal, e esta é a região onde se concentra o maior número de pessoas cuja atividade profissional é a pesca.²⁵

O Município de Ílhavo caracteriza-se por uma atividade económica intensa que vai desde o comércio marítimo à indústria e, cada vez mais ao turismo. É um município capaz de fixar a população, ora empregando-a graças à diversidade no mercado de trabalho, ora pelo relativo baixo custo do arrendamento de casas, aliado à qualidade de vida que oferece. Ao longo do séc. XIX e durante o séc. XX, a população ilhavense foi aumentando, entre outros fatores, pela capacidade de atrair colaboradores para os ofícios na fábrica da Vista Alegre (um projeto inovador e ambicioso que muito contribuiu para a afirmação desta sub-região de Aveiro, pela evidente qualidade das suas louças e cristais) e para a indústria de pesca e transformação do bacalhau, bem como para a construção naval, atividades em exponencial crescimento e, de igual forma, importantíssimas para o desenvolvimento e prosperidade desta terra. É o designado fenómeno da litoralização.²⁶

Se em 1865 a fábrica da Vista Alegre empregava 155 trabalhadores, em 1889 já eram 269 e, logo em 1906, cerca de 320. Não fosse excelente a localização deste território para a implantação do complexo industrial, Ílhavo, segundo o estudo de Manuel

²³ Cf. BRANCO, Maria João Violante – *Aveiro Medieval...op. cit.*, p. 104 e 162.

²⁴ Veja-se a este propósito o estudo de GARRIDO, Álvaro – *As pescas em Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. 2018.

²⁵Dados disponíveis no *site* da PORDATA:

WWW:<URL: <https://www.pordata.pt/Municipios/Pescadores+matriculados-980>>. [Consult. a 17 de dezembro de 2019].

²⁶ Cf. COSTA, Nuno Silva – “População e Demografia”, in GOMES, Saul António (coord.) – *Ílhavo: Terra Milenar...op. cit.*, p. 53-64. Também nas palavras de Senos da Fonseca, Ílhavo tornou-se um “foco de atração de mão-de-obra” vinda de lugares próximos como Vagos e Murtosa ou até mesmo de lugares mais distantes como Fafe, in FONSECA, Senos da - *Ensaio monográfico...op. cit.*, p. 216.

Ferreira Rodrigues, seria o concelho com mais baixo rendimento da sub-região de Aveiro entre 1864 e 1931.²⁷

Mas também a construção naval, a pesca e a seca do bacalhau foram responsáveis pelo forte dinamismo e protagonismo de Ílhavo a nível nacional e internacional.

Os Estaleiros Mónica, criados em 1887 na Gafanha da Nazaré, foram até 1911 os únicos construtores de navios de grande porte adequados para a pesca longínqua (nos bancos da gélida Terra Nova e da Gronelândia).²⁸

Ao longo das primeiras décadas do séc. XX, foram sendo instaladas empresas de secagem do bacalhau. Ílhavo e, particularmente, a Gafanha da Nazaré tornaram-se o mais importante complexo industrial de processamento de bacalhau do país.²⁹ Como já referimos, este setor em crescendo necessitava de recrutar uma grande quantidade de mão-de-obra, por isso centenas de pessoas afluíram aqui em busca de trabalho, numa terra que oferecia boas condições de vida.³⁰

Ainda hoje, de acordo com o INE, Ílhavo apresenta-se com a maior densidade populacional da Região de Aveiro com 523.3 hab/km².³¹ Os dados que possuímos para o ano de 2018 mostram que 13,8% dos habitantes eram jovens com idades inferiores a 15 anos. Entre os 15 e os 64 anos de idade, o que corresponde à população ativa, eram cerca de 66,9%. Na casa dos 65 ou mais anos, a população idosa fazia-se representar com 19,3%.³²

²⁷Cf. RODRIGUES, Manuel Ferreira – *Empresas e Empresários das indústrias transformadoras... op. cit.*, p. 474 e segs.

²⁸ Para mais informações veja-se: “Estaleiros Mónica”. [Em linha]. [Consult. a 17 de janeiro de 2020]. Disponível em: WWW:<URL: <https://www.cm-ilhavo.pt/pages/2991>>.

²⁹ Em anexo encontra-se um quadro com a designação, ano de fundação e localização das empresas instaladas na região entre os anos de 1907 e 1928. Remete-se para o n.º 1 do Anexo, na p. 77.

³⁰*Idem, Ibidem*, p. 483 e seg.: “Entre 1864 e 1878, Ílhavo passou de 8125 habitantes para 8623, isto é, teve um aumento demográfico de 6,13%. Em 1890, a população de Ílhavo cifrava-se em 10.762 habitantes, ou seja, 24,8% de aumento, o maior, durante todo o período estudado. (...) Entre 1911 e 1920, tendo Aveiro e Estarreja registado um decréscimo, Ílhavo registou o maior incremento demográfico desta sub-região: 9,82%. Entre 1864 e 1930, a população de Ílhavo cresceu 201%. Foi, de longe, o maior crescimento registado.”

³¹ V. os resultados dos Censos à população no ano de 2011 relativos à Região Centro de Portugal. [Em linha]. [Consult. 29 de janeiro de 2020]. Acessível em: WWW:<URL: https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=156644135&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554>.

³²Dados do *site* da PORDATA:

WWW:<URL: <https://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/%c3%8dlhavo-251528>>. [Consult. a 29 de janeiro de 2020].

Embora o grosso da população se encontre na faixa etária dos 25 aos 64 anos, a população envelhecida tornou-se superior à população infantojuvenil. Estimam-se 139 idosos por cada 100 jovens residentes no município. Ainda assim, são valores inferiores aos nacionais.³³

A redução da taxa de natalidade e o aumento da esperança média de vida repercutem-se nesta tendência de envelhecimento, que se quer ativo, daí novos desafios terem recaído sobre o executivo.

Com impactos diretos na socioeconomia e com reflexos nas políticas sociais, às quais se associam as políticas culturais, a Câmara Municipal de Ílhavo tem-se mostrado sensível a esta nova realidade. Desde as infraestruturas à oferta cultural, a CMI, através do Pelouro da Maior Idade, tem dirigido um olhar atento aos munícipes mais idosos, com o objetivo de lhes proporcionar bem-estar e um vasto leque de escolhas que vão ao encontro dos seus interesses e necessidades.

Com esta “(mar)intimidade”³⁴, uma profunda ligação ao mar, assim se projeta o futuro da vida social, cultural e económica do Concelho de Ílhavo.

³³ Dados da PORDATA disponíveis em:

WWW:<URL: <https://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/%c3%8dlhavo-251528>>. [Consult. a 29 de janeiro de 2020].

³⁴ Expressão de Ana Maria Lopes, investigadora local e grande entusiasta dos temas da cultura marítima. Consultemos o seu *Blog*, uma importante fonte de informação para o estudo de territórios e comunidades marítimas. Acessível em WWW:<URL: <http://marintimidades.blogspot.com/>>.

2. Análise SWOT

No seguimento da abordagem de carácter mais histórico, geográfico e socioeconómico que acabo de apresentar, faço a minha análise SWOT ao município de Ílhavo, que tem por objetivo sintetizar de forma prática uma visão crítica das suas potencialidades e carências.

Com este exercício pretende-se traçar em linhas gerais a caracterização do concelho de Ílhavo quanto às suas Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças.

FORÇAS	OPORTUNIDADES
<ul style="list-style-type: none">▪ Qualidade de vida graças ao contacto com a Natureza e à ausência de <i>stress</i> provocado pelo trânsito das grandes cidades;▪ Ílhavo entre os Municípios mais ecológicos do país devido à implementação de estratégias e de boas práticas ambientais;▪ Custo de vida razoável;▪ Oportunidades no mercado de trabalho – indústria transformadora;▪ Tranquilidade, segurança e sensação de bem-estar no município;▪ População maioritariamente jovem, adulta e empreendedora;▪ Boas acessibilidades de e para Ílhavo;▪ Associativismo cultural e recreativo impactante;▪ Poder local sensível às questões culturais;▪ Boa rede, boa oferta e bons	<ul style="list-style-type: none">▪ Forte atração turística (praias com bandeira azul; festivais musicais e gastronómicos; museus premiados);▪ Turismo proeminente na faixa litoral;▪ Parcerias da CMI com o Turismo do Centro de Portugal;▪ Condições ideais para a prática de desportos náuticos (ria e mar), o que faz do Município um palco de disputa de várias provas de <i>surf</i>, <i>bodyboard</i> e <i>slackline</i>;▪ Património marítimo ilhavense característico da identidade e cultura portuguesas, que projeta o país a nível internacional;▪ Vontade de afirmação e projeção do Município de Ílhavo;▪ Proximidade geográfica e afinidade política do Concelho de Ílhavo com o de Aveiro, capital de Distrito;▪ Ligação direta de Ílhavo a Espanha por autoestrada (A25);

<p>equipamentos culturais;</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Porto de Aveiro, de acentuada relevância na rede portuária nacional, com sede no Município de Ílhavo, o que lhe confere uma maior importância geoestratégica; ▪ Marca “Vista Alegre” com visibilidade no mercado nacional e internacional. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Universidade de Aveiro que atrai e fixa estudantes nacionais e internacionais na região; ▪ Elaboração de um Plano Estratégico para a Cultura da Câmara Municipal de Aveiro 2019-2030; ▪ Candidatura da cidade de Aveiro a Capital Europeia da Cultura 2027.
<div style="display: flex; justify-content: space-between; padding: 5px;"> FRAQUEZAS AMEAÇAS </div>	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sentimento de identidade municipal fraturante na relação Gafanhas-Ílhavo e vice-versa; ▪ Pouca diversidade no serviço de restauração, bem como de estabelecimentos de animação noturna, comparativamente com o vizinho concelho de Aveiro; ▪ Alguma incoerência e falta de compatibilidade horária entre a rede de transportes públicos rodoviários e a linha de caminho de ferro, pondo em risco a ligação Aveiro-Ílhavo; ▪ Estado de degradação das antigas secas do bacalhau e do navio “Argus”, um património ilhavense que merece ser protegido e valorizado; ▪ Alguma falta de coesão no ordenamento do território. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Concorrência da programação cultural oferecida pelo Município de Aveiro; ▪ Cidade de Aveiro mais conhecida e turisticamente mais apelativa do que Ílhavo; ▪ Ílhavo não possui salas de cinema nem sequer uma grande superfície comercial. Apesar de privilegiar o comércio local, este pode ser um fator de peso na hora de escolher entre Ílhavo e Aveiro, por exemplo; ▪ Muitos estudantes, cativados para frequentar o ensino secundário em Aveiro, optam por não renovar as suas matrículas nas escolas de Ílhavo; ▪ Ílhavo muito fustigado pelos efeitos das alterações climáticas e pela própria natureza do território (subida do nível médio das águas do mar e erosão costeira).

Quadro 1 – Análise SWOT ao Município de Ílhavo.
Pela autora.

A partir desta análise e não obstante as suas fraquezas e ameaças, que são a pouco e pouco refletidas e solucionadas, muitas delas em consonância com o edil aveirense, podemos inferir que o Município de Ílhavo alicerça as suas potencialidades em dois setores-chave: no setor do ambiente e no setor da cultura.

Sobre a questão ambiental, a preocupação e os desafios impostos pela erosão costeira obrigam a uma postura mais responsável. Num Município com o lema “o mar por tradição”, onde a cultura marítima é um eixo central, onde ambiente e cultura se interpenetram, urge tomar medidas de fundo ao nível das mentalidades.

O investimento na consciencialização da população para a importância da reciclagem e da preservação da natureza e dos oceanos colocam o Município de Ílhavo na vanguarda da urgência climática e da educação ambiental.

A par com a adoção de um Plano Municipal de Adaptação às Alterações Climáticas, a organização de ecoeventos e a extensão das ciclovias, vários equipamentos municipais como, por exemplo o Ecocentro, estrutura de recolha e gestão de resíduos sólidos urbanos ímpar no Distrito de Aveiro, ou o Estaleiro – Estação Científica, que procura responder aos desafios do tempo presente com o contributo da ciência e inovação tecnológica na produção de bioplásticos e de biodiesel, promovem a sustentabilidade e o conceito de responsabilidade social.

Também as instituições de ensino de Ílhavo têm trabalhado afincadamente na transmissão de verdadeiros valores de cidadania. Todos os agrupamentos de escolas foram galardoados com a bandeira verde do Projeto Eco-Escolas. Esta conquista significa que os jovens estão cada vez mais despertos para a preservação da casa comum, tornando-se rostos ativos na defesa do meio ambiente e verdadeiros agentes de mudança no que toca a uma das principais problemáticas da contemporaneidade.

Estes jovens têm desenvolvido importantes ações em matéria de ambiente junto da sociedade civil, têm adotado estratégias amigas do ambiente e têm-se esforçado por cumprir uma verdadeira missão de sensibilização.

É pelo espírito competitivo, atrativo e sustentável que o Município de Ílhavo se quer evidenciar dos demais, de tal forma que, o projeto cultural 23 Milhas, a atuar desde 2017, relançou a cultura no Município e um pouco em toda a região.

A aposta neste setor é grande e o retorno notável.

A Parte II deste relatório irá mostrar como o 23 Milhas veio dinamizar o município e como agora se vive a “cultura do dia a dia” em Ílhavo.

Parte II – A Política Cultural desenvolvida pela CMI

1. De 2012 a 2020: que mudanças?

Um percurso pelas medidas culturais na autarquia de Ílhavo.

Importa começar por esclarecer os conceitos de Cultura, Política e Política Cultural para compreendermos a ação do poder local sobre esta matéria.

Em 1982, a UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura define a Cultura como o “conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as formas de viver em comunidade, os sistemas de valores, as tradições e as crenças.”³⁵

Política é, em sentido lato, o modo pelo qual se exerce o governo de um Estado ou Nação. Aliada a um sistema/regime político, traduz-se num conjunto de orientações que servem o funcionamento do espaço público e o bem dos cidadãos.³⁶

Por sua vez, a Política Cultural resulta da junção de duas dimensões: Cultura e Poder. A cultura surge entre as políticas públicas de qualquer Estado refletindo-se, por exemplo, na tomada de medidas de proteção, na disponibilização de subsídios e captação de programas de apoio com o intuito de fomentar e dinamizar este e também outros setores da sociedade civil.³⁷

Se é unânime a ideia de que a Cultura é um instrumento de desenvolvimento das sociedades, é, pois, indubitável a sua importância como indicador na avaliação da qualidade de vida das mesmas. Diria até que a Cultura está proporcionalmente relacionada com o Índice Mundial de Felicidade. O Relatório Mundial de Felicidade (*World Happiness Report*) mede anualmente o índice de felicidade de cidadãos de 156 nacionalidades. Este estudo de avaliação e classificação tem por base estatísticas de economia, psicologia, saúde, políticas públicas e outros aspetos que entram nesta

³⁵Definição em consonância com a Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais (MONDIACULT, México, 1982. [Em linha]. [Consult. a 24 de fevereiro de 2020]. Disponível em: WWW:<URL: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000052505_spa>.).

³⁶ V. definição de “Política”, in *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.

³⁷ V. HENRIQUES, Eduardo Brito – “Novos desafios e orientações das políticas culturais: Tendências nas democracias desenvolvidas e especificidades do caso português”, in *Finisterra*, vol. 37 n.º 73 (2002), p.61-80 [Em linha]. [Consult. a 26 de março de 2020]. Disponível em: WWW:<URL: <https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/1608>>.

equação de maneira a calcular o bem-estar global, como a análise dos indicadores de rendimento, liberdade, confiança, apoio social, generosidade e expectativa de uma vida saudável.³⁸

Mas todos reconhecemos que a falta da Cultura e do acesso a ela revela também as maiores fragilidades sociais.

A Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948) veio reconhecer a Cultura como um direito fundamental, porém, segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano da ONU (2004), os direitos culturais vêm em último na lista dos direitos civis, políticos, económicos e sociais.³⁹

Também as Constituições Políticas de cada país consagram, igualmente, a Cultura como um direito inerente ao ser humano, um direito que deve ser preservado e garantido, no entanto, quantas vezes a Cultura é subalternizada, sacrificada pela hierarquia das prioridades políticas e pela austeridade orçamental?⁴⁰

Portugal, a par com outros Estados desenvolvidos, tem apostado mais no setor da Cultura como um serviço público de ação educativa e de desenvolvimento económico e social do país, ainda que essa aposta gravite por vezes em função dos ciclos eleitorais.⁴¹

Geralmente, as despesas públicas com a Cultura são tanto mais elevadas quanto mais desenvolvida for a Democracia.⁴² Por isso mesmo, nos Governos onde impera uma visão economicista da sociedade a Cultura fica muito aquém.⁴³

³⁸ Pode consultar-se os vários relatórios em: WWW:<URL: <https://worldhappiness.report/archive/>>.

³⁹ V. ONU: Relatório do Desenvolvimento Humano 2004. Lisboa: Mensagem. 2004. [Em linha]. [Consult. a 5 de junho de 2020]. Disponível em: WWW:<URL: <http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2004-portuguese.pdf126>>.

⁴⁰ Em 2011, Portugal atravessou uma situação de crise económica que obrigou a uma contenção orçamental. Vimos o setor da Cultura passar por graves dificuldades. Assistimos ao desaparecimento do Ministério e de grande parte dos Departamentos de Estado que detinham autonomia administrativa. Nesse período foi posta em xeque a sustentabilidade dos equipamentos culturais, nomeadamente, das bibliotecas, museus, arquivos e centros culturais. Foram, portanto, intensificadas as parcerias público-privadas, não só para gerir diretamente esses equipamentos como também para definir a sua programação daí em diante. Veja-se a este propósito: ALBUQUERQUE, Luís Arroz – “Política Cultural: conceitos e tipologias”, in *Cadernos PAR*, n.º 4 (2011). [Em linha]. [Consult. a 26 de março de 2020] Disponível em: WWW:<URL: <https://iconline.ipleiria.pt/handle/10400.8/403>>. p. 96.

⁴¹ V. LOPES, J.M. Teixeira – “Da democratização da Cultura...” *op. cit.*, p. 9.

⁴² Segundo Eduardo Brito Henriques, o Estado intervém e financia a cultura porque como parte do setor público, é alvo de políticas específicas e porque na condição de Estado-Providência este deve garantir uma vida cultural a qualquer sociedade democrata, justa e igualitária. Conforme a sua pesquisa, afirma que, a partir do ano de 1960, nos países mais desenvolvidos, verificou-se um acréscimo de despesas

Em Portugal vemos, ainda que com algumas reticências, que está mais ou menos generalizado o acesso à Cultura fora dos grandes centros e que as políticas de democratização da Cultura e de democracia cultural têm apoiado os criadores e facilitado a produção e criação artística, bem como expandido o mercado dos bens culturais e estimulado um maior número de público a apreciar mais estas obras.⁴⁴ Contudo, os portugueses, no contexto de União Europeia, são o povo com menor taxa de participação em atividades culturais.⁴⁵ Será por falta de meios financeiros ou serão outros interesses que se sobrepõem? É certamente por ambos os motivos, mas sem dúvida por falta de empenho na formação de públicos e na sensibilização da população em geral para as artes. Se se cultivasse mais a consciência cultural e artística das crianças e jovens nos vários níveis de escolaridade, se se incrementassem serviços educativos extracurriculares nas instalações culturais e se se procedesse a uma distribuição descentralizada da Cultura, isto é, o alargamento da oferta cultural e artística para lá dos centros urbanos de Lisboa e Porto, a par de uma ampliação das redes de equipamentos e serviços culturais tendo por base parcerias públicas e privadas, talvez fosse o suficiente para reverter esta situação e talvez surtisse efeitos ao nível da participação e fruição cultural em Portugal.⁴⁶

A Cultura é um bem público, é um serviço público, cabendo por isso ao Estado o dever de distribuir e garantir o acesso de todos os cidadãos, em iguais condições, à oferta cultural que tutela e financia diretamente.⁴⁷

A intervenção do Estado na Cultura passa por assegurar o direito de acesso à criação e fruição cultural, nesse proteger e apoiar, fomentar e estimular a participação e a criatividade cultural dos vários grupos sociais.⁴⁸

públicas com a cultura, o que é bastante animador; HENRIQUES, E. B. – “Novos desafios e orientações das políticas culturais...” *op. cit.*, p. 66.

⁴³ *Idem, Ibidem*, p. 78.

⁴⁴V. SOUSA, Carlos Alexandre Pires de – *A Política Cultural em Portugal: 15 anos de (in)sucesso*. Viana do Castelo: Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Dissertação de Mestrado. 2013. [Em linha]. [Consult. a 23 de março de 2020]. Disponível em:

WWW:<URL: <http://repositorio.ipv.pt/handle/20.500.11960/1602>>.p.57 e também ALBUQUERQUE, Luís Arroz – “Política Cultural: conceitos e tipologias...” *op. cit.*, p. 95.

⁴⁵ V. SOUSA, Carlos Alexandre Pires de – *A Política Cultural em Portugal: 15 anos de (in)sucesso...op. cit.*, p. 33.

⁴⁶ *Vide*: SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (coord.) – “Políticas Culturais em Portugal”, in *V Campus Euroamericano de Cooperação Cultural*. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais. 2007, p. 3.

⁴⁷ V. HENRIQUES, Eduardo Brito – “Novos desafios e orientações das políticas culturais...” *op. cit.*, p.65.

No fundo, porque a Cultura é um direito fundamental, deve ser preservado e garantido pelo poder central, que superintende e intervém, mas sem se intrometer.⁴⁹ Há que salientar que a cultura não é exclusiva do Estado.

Com a percentagem do Orçamento de Estado anualmente destinada à Cultura (mesmo que envolta em controvérsias) e com a recente legislação que confere maior autonomia à administração local, este setor tem conseguido aumentar a oferta, mobilizar novos públicos e conquistar uma coerência nacional.

Evocamos a Lei n.º 75/2013 de 12 de setembro, com as suas sucessivas alterações, que, entre outras matérias, “estabelece o regime jurídico da transferência de competências do Estado para as autarquias locais e para as entidades intermunicipais”.⁵⁰ Esta lei, no plano da descentralização da administração pública, atribui às autarquias, instituições autónomas e dotadas de património e finanças próprias, importantes competências ao nível da cultura, como, por exemplo, a gestão dos equipamentos culturais (bibliotecas, arquivos, museus, auditórios e salas de espetáculos, etc.) e a programação cultural local.⁵¹

A Cultura é, cada vez mais um campo e objeto de intervenção autárquica à semelhança de outras políticas setoriais, como a educativa, a social, ou a do turismo. E, também, cada vez mais é reconhecido o papel impulsionador das autarquias nas estruturas e dinâmicas culturais locais. Isso reflete-se pela valorização e defesa do património, pelo incremento da oferta local, pela formação de públicos culturais, mas principalmente pelo comprovado aumento do financiamento das atividades e serviços culturais e pelo acentuado crescimento das despesas com a cultura.⁵²

⁴⁸ *Idem, Ibidem*, p. 65.

⁴⁹ *Vide*: Art.º 73.º relativo à Educação, cultura e ciência e o Art.º 78.º sobre a Fruição e criação cultural do capítulo III da Constituição Nacional. [Em linha]. [Consult. a 23 de setembro de 2020]. Disponível em: WWW:<URL:https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>.

⁵⁰ Lei n.º 75/2013 – Diário da República n.º176, Série I de 2013-09-12 [Em linha]. [Consult. a 23 de setembro de 2020]. Disponível em: WWW:<URL:https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/500023/details/maximized>.

⁵¹ Veja-se, também, a este propósito o Art.º 15.º relativo à Cultura da Lei-Quadro da transferência de competências para as autarquias locais e para as entidades intermunicipais, na qual está explícita a delegação de competências no âmbito da educação, saúde, segurança social e cultura do Estado nos municípios e entidades intermunicipais: Lei n.º 50/2018 – Diário da República n.º 157, Série I de 2018-08-16 [Em linha]. [Consult. a 23 de setembro de 2020]. Disponível em: WWW:<URL:https://dre.pt/home/-/dre/116068877/details/maximized>.

⁵² V. SILVA, Augusto Santos; PERES BABO, Elisa; GUERRA, Paula – “Políticas Culturais locais: Contributos para um modelo de análise”, in *Sociologia, problemas e práticas*, n.º 78 (2015) p. 1-2.

Em 2004, data em que as cidades e governos locais subscreveram o compromisso do desenvolvimento cultural, designado “Agenda 21 da Cultura”, o setor cultural mereceu uma renovada atenção.⁵³

Na verdade, desde 1986, aquando da adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia, o nosso país tem obtido pacotes de financiamento para investir, modernizar e desenvolver a economia e a sociedade. Desde então, contamos já com seis envelopes de apoio, a saber: de 1986 a 1988, o Anterior Regulamento ou Antigo Fundo, de 1989 a 1993, de 1994 a 1999 e de 2000 a 2006, o I, II e III Quadro Comunitário de Apoio (QCA), respetivamente, de 2007 a 2013, o Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN), e o de 2014 a 2020, ainda em vigor, também denominado PORTUGAL 2020.⁵⁴

A dimensão “cultura” é uma componente-chave do Capital Humano e, porque a competitividade e internacionalização muito dependem dela, o setor cultural e artístico não podia deixar de estar abarcado pelas verbas comunitárias.⁵⁵

Mas é com o Programa Operacional da Cultura (POC) – um programa específico do setor cultural no âmbito do QCA III da União Europeia – que Portugal beneficia de fundos estruturais e de coesão para reforçar o papel da cultura como estratégia de desenvolvimento social e económico, através da valorização do património histórico e cultural e da promoção de um igual acesso aos bens culturais.⁵⁶

Ao nível autárquico, logo aí se tornou visível quanto as políticas culturais tiveram impacto na dinâmica territorial, em termos de sociedade, educação, economia e no próprio meio cultural e artístico.

A oferta cultural passa a considerar mais o contexto local e a composição da população nas variáveis género, idade, formação e estrutura socioprofissional; são repensadas as dinâmicas de consumo e fruição, gostos e práticas, tempos e espaços e permitem-se os

⁵³V. AGENDA 21 DA CULTURA – Um compromisso das cidades e governos locais para o desenvolvimento cultural. Barcelona. 2004 [Em linha]. [Consult. em 22 de setembro]. Disponível em: WWW:<URL:<http://pnc.cultura.gov.br/wp-content/uploads/sites/16/2012/10/2-agenda-21-dacultura.pdf>>.

⁵⁴ Informação acessível no sítio *web* da Agência para o Desenvolvimento e Coesão, I.P.: WWW:<URL:<https://www.adcoesao.pt/content/1986-1988-qca-i-ii-iii-e-qren>>.

⁵⁵ Veja-se a este propósito: ANDRÉ, Isabel; VALE, Mário (coord.) – *Fundos estruturais e cultura no período 2000-2020*. Lisboa: Instituto de Geografia e Ordenamento do Território - Universidade de Lisboa. 2014.

⁵⁶ V. SILVA, Augusto Santos; PÉRES BABO, Elisa; GUERRA, Paula – “Políticas Culturais locais: Contributos para um modelo de análise”... *op. cit.*, p. 12.

relacionamentos entre agentes públicos e privados que facilitam ações de colaboração e cooperação em rede.

Tudo isto concorre para a frequência de maior número de público nos equipamentos culturais e, claro, para o fim último que se pretende: a capacitação e o desenvolvimento do potencial humano e o aumento do capital cultural local.⁵⁷

O Município de Ílhavo, que “foi crescendo em capacidade política, na qualidade dos seus autarcas, na dimensão e importância da obra realizada e dos serviços prestados aos cidadãos”⁵⁸, soube, efetivamente, aplicar bem as ajudas da União Europeia.

Depois de levantar o Centro Cultural da Gafanha da Nazaré (1996); de abrir as portas da Casa-Museu Casa Gafanhosa (2000) e do Fórum Municipal da Juventude de Ílhavo, com os respetivos polos na Gafanha da Nazaré e Gafanha do Carmo (2000); de instalar o MMI – Museu Marítimo de Ílhavo num edifício novo, amplo, moderno e conceituado e de recuperar o navio bacalhoeiro “Santo André” transformando-o em polo museológico (2001); e de erguer, a partir das ruínas do antigo palácio de Alqueidão, a BMI – Biblioteca Municipal de Ílhavo, com os seus Polos de Leitura na Gafanha da Nazaré e na Gafanha do Carmo (2005), eis que no período de 2007-2013 foram vários os projetos que receberam luz verde. É o caso da construção do Centro Cultural de Ílhavo (2008); da entrada em funcionamento da Universidade Sénior do Centro Social e Paroquial Nossa Senhora da Nazaré (2009); da renovação do Centro Cultural da Gafanha da Nazaré (2010); e da inauguração do Fórum Municipal da Maior Idade (2013).

E porque merece especial menção neste relatório, um dos projetos apoiados pelo QREN no arco temporal a que nos reportamos, foi a obra de ampliação e instalação de um aquário de bacalhaus no Museu Marítimo (2013), bem como de um gabinete de investigação dedicado à Cultura marítima, com lugar no edifício do CIEMar – Centro de Investigação e Empreendedorismo do Mar (2012).

Este ousado investimento da CMI no Museu Marítimo de Ílhavo e no CIEMar-Ílhavo, subunidade para fins arquivísticos, de investigação, de educação e formação,⁵⁹ marca uma nova etapa na vida cultural do município.

⁵⁷ *Idem, Ibidem*, p. 7 e p. 10-14 e também ANDRÉ, Isabel; VALE, Mário (coord.) – *Fundos estruturais e cultura no período 2000-2020...op. cit.*, p. 40-43 e p. 56-60.

⁵⁸ ESTEVES, José Agostinho Ribau – *10 de mudança: Município de Ílhavo 1998-2008*. Ílhavo: Câmara Municipal de Ílhavo. 2008, p. 23-24.

⁵⁹ Como veremos mais à frente, na Parte III, deste relatório.

É, em parte, graças a este investimento e à noção cultural a ele associada e por ele despoletada que podemos definir o que realmente mudou a partir de 2012.

Com a entrada em funcionamento do aquário, o MMI registou um aumento considerável do número de visitantes, um acréscimo de 66% face ao ano anterior. Em 2012, contabilizaram-se 46.510 visitantes enquanto que no ano de 2013 totalizaram-se 77.111 visitantes.⁶⁰

No que diz respeito ao CIEMar-Ílhavo, particularmente, ao CDI – Centro de Documentação de Ílhavo, feito um levantamento relativo a 2018, foram cerca de 836 os investigadores que, presencialmente, consultaram os arquivos e a biblioteca e 24.419 as requisições de documentos; 3.204 as pessoas que participaram nos vários projetos educativos, formativos e expositivos; e 2.181 os que acederam, virtualmente, ao portal digital e à base de dados, o que perfaz um total de 6.221 utilizadores.⁶¹

Isto significa que a transição de Executivo Municipal por ocasião das eleições autárquicas de 2013 não representou uma quebra nas políticas culturais, pelo contrário, antes representou um ganho para o município e para os munícipes de Ílhavo. Alterou-se o Executivo da Câmara Municipal, mas manteve-se a linha de pensamento e atuação política em relação à cultura e ao setor cultural. A tendência tem evoluído no sentido de reforçar a aposta no setor da cultura e das artes porque este é um impulsionador do desenvolvimento local.

Olhando a despesa, em percentagem (%), da Câmara Municipal de Ílhavo com o setor da Cultura e Desporto, e estabelecendo uma comparação entre o ano de 2010 e 2018, verificamos que de 6,7% em 2010 passa para 17,4% em 2018. É, pois, um aumento bastante significativo e revelador dos apoios concedidos e iniciativas promovidas.⁶²

De facto, desde a entrada em vigor do atual QREN, a CMI já inaugurou o Laboratório das Artes da Vista Alegre e o Cais Criativo da Costa Nova e renovou a CCI – Casa da Cultura de Ílhavo e a Fábrica das Ideias da Gafanha da Nazaré, os quatro palcos do 23 Milhas – Projeto Cultural do Município de Ílhavo (2017); ativou um novo espaço e serviço na Biblioteca Municipal dedicado a atividades “não convencionais”: o

⁶⁰ Cf. ANDRÉ, Isabel; VALE, Mário (coord.) – *Fundos estruturais e cultura no período 2000-2020... op. cit.*, p. 98-99.

⁶¹ Informação recolhida em WWW:<URL:https://www.cm-ilhavo.pt/comunicacao/noticias/noticia/centro-de-documentacao-de-ilhavo-afirma-se-como-um-arquivo-da-comunidade-e-para-a-comunidade>.>

⁶² Dados consultados no site da PORDATA. Disponíveis em:

WWW:<URL: https://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/%c3%8dlhavo-251528>. [Consult. a 29 de janeiro de 2020].>

Makerspace (2017); acolheu o ECOMARE – Laboratório para a inovação e sustentabilidade dos recursos biológicos marinhos da Universidade de Aveiro (2017) e o PCI – Parque de Ciência e Inovação da Universidade de Aveiro (2018); criou o Estaleiro – Estação Científica de Ílhavo (2020); e iniciou o processo de atualização do discurso e percurso museológico do NMSA – Navio-Museu Santo André, a propósito da sua obra de restauro (2020).

Todos estes espaços e equipamentos que fomos listando têm em comum um único objetivo: formar culturalmente a comunidade.

De facto, ao longo dos últimos vinte anos, a cultura tem conquistado, de forma gradual, uma posição de relevo na autarquia de Ílhavo, por tanto que influencia de forma direta e positivamente a atividade de outros setores, em especial o do turismo.⁶³ Podemos afirmar que a CMI, consoante os seus objetivos estratégicos e conforme as suas políticas culturais, tem sido promotora da dinamização cultural, no que se refere à oferta.

AÇÕES ESTRATÉGICAS

EIXO ESTRATÉGICO-ÂNCORA

CULTURA E CRIATIVIDADE

1. Promoção da cooperação institucional e territorial visando ampliar e qualificar a oferta de programas culturais
2. Projeção da identidade cultural ilhavense à escala local, regional e internacional
3. Valorização dos elementos imateriais do património cultural municipal, como reforço da identidade social e cultural
4. Aposta na formação artística profissional em vários domínios, em articulação com a Universidade de Aveiro

Quadro 2 – Objetivos estratégicos da CMI para a Cultura.

Fonte: Plano Estratégico do Município de Ílhavo, 2015.

⁶³ Não esqueçamos que uma boa parte dos eventos culturais que ocorrem no município e que cobrem todo o ano são realizados pelas várias associações e cooperativas culturais e recreativas, pelas casas do povo, grupos de folclore e etnográficos e por escolas de dança e música espalhadas pelo concelho.

Estas associações intervêm muito positivamente no desenvolvimento das comunidades residentes nas várias freguesias que compõem o Município de Ílhavo. Elas assumem um papel importantíssimo naquela que é a dinâmica do movimento associativo.

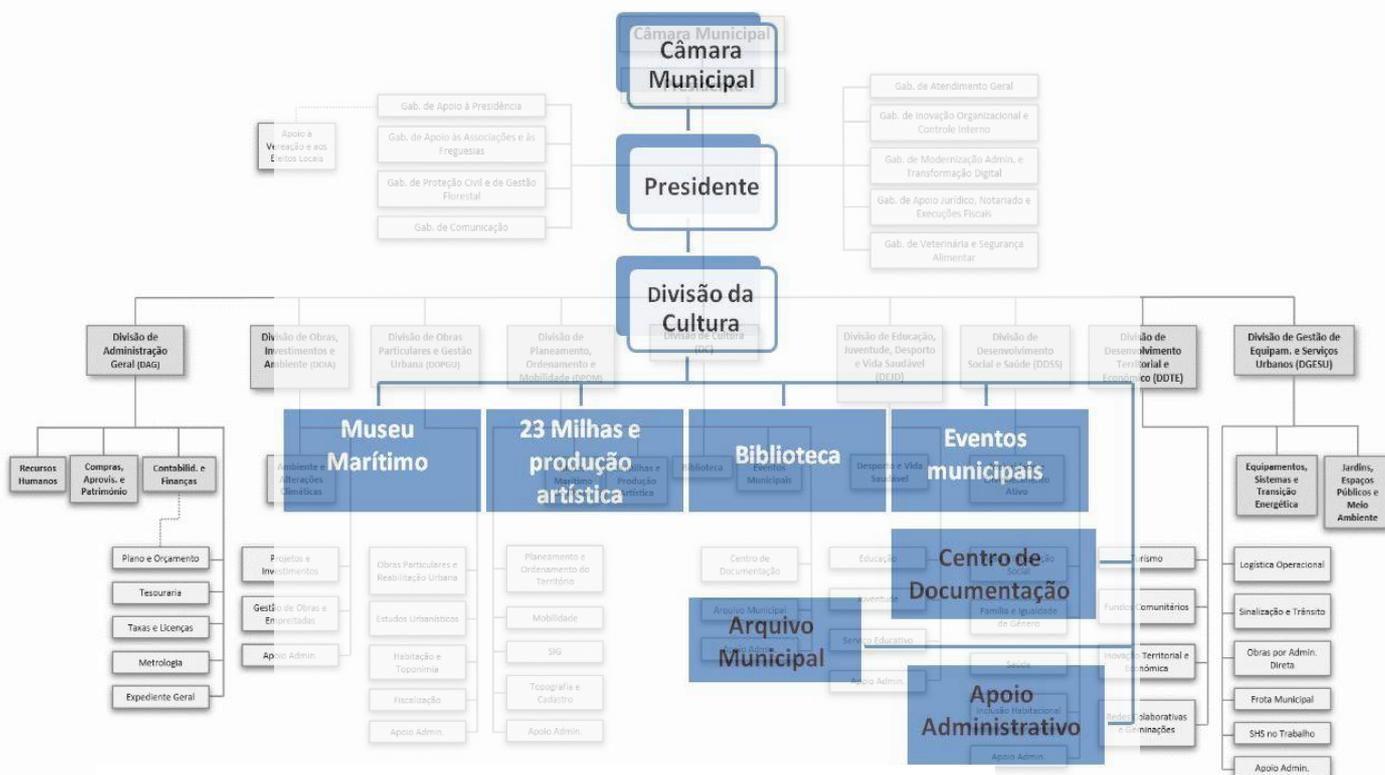
Em anexo podemos tomar conhecimento dos promotores de muitas das iniciativas culturais e recreativas, que decorrem no Município.

Remete-se para o n.º 2 do Anexo, na p. 78.

A fruição cultural em Ílhavo é quase total, por ser tão intensa a atividade cultural e tão vasta a oferta de eventos para todas as idades, desde as crianças aos seniores, para todos os grupos, desde as famílias a turmas escolares, e para todos os gostos, desde as artes visuais à música, da dança ao teatro, do *design* ao cinema, etc., que não só mobiliza a própria região como todo o país.

Ílhavo é, com certeza, um concelho culturalmente ativo.

Observemos no organograma da Câmara Municipal de Ílhavo quem se ocupa da Cultura no seio desta autarquia.



Esquema 1 – Modelo de organização da CMI com destaque para a Divisão da Cultura.

Pela autora, com base em: WWW:<URL: <https://www.cm-ilhavo.pt/pages/56>>.

Além das funções da presidência da Câmara Municipal, o Eng.º Fernando Caçoilo, líder do atual executivo, reúne em si as atribuições do Pelouro da Cultura e Criatividade.

Neste esquema estão identificadas as várias extensões da cultura no município de Ílhavo. Entre elas, encontra-se o projeto cultural 23 Milhas, a orientar a “cultura do dia a dia” no território concelhio desde 2017.⁶⁴

A cultura é já considerada uma força distintiva de Ílhavo, não é o diretor artístico, nem a equipa técnica do projeto quem o diz, mas sim as pessoas, orgulhosamente envolvidas e chamadas a ser/fazer parte da cultura, que o dizem.

Porque se trata de um projeto extremamente bem concebido e implementado com grande sucesso, resolvemos dá-lo a conhecer com maior detalhe neste relatório.⁶⁵

Em entrevista ao Dr. Luís Ferreira, diretor artístico do 23 Milhas, ficámos esclarecidos quanto à atuação do projeto, que se tornou manifesta por encetar uma nova dinâmica do sistema territorial.⁶⁶ É certo que se, anteriormente, o município vivia fustigado com as suas rivalidades internas, muitas delas baseadas em lendas e alimentadas por ódios do juízo popular, hoje, com todo um trabalho, lento e minucioso, de agregação das comunidades e do próprio território, essas divergências foram sendo atenuadas e recuperado o sentimento de identidade, de pertença.

Partindo da representação gráfica do alcance luminoso do Farol da Barra (exatamente de 23 milhas náuticas) como símbolo de identificação local, pensou-se um projeto de ação cultural, transversal e inclusivo, com o triplo objetivo de:

- ✓ Promover as práticas e a participação cultural da comunidade;
- ✓ Contribuir para o desenvolvimento do setor cultural;
- ✓ Reforçar a coesão e a atratividade do território.⁶⁷

Ou seja, um projeto que pudesse responder às necessidades de consumo da comunidade, através de uma oferta de programação regular e holística, que estimulasse a criação

⁶⁴ Poderá consultar-se o *site* do 23 Milhas, projeto cultural do Município de Ílhavo em: WWW:<URL: <https://www.23milhas.pt/>>.

⁶⁵ Poderá assistir-se ao vídeo promocional do projeto em: WWW:<URL: https://www.youtube.com/watch?v=a9xL133htDk&feature=emb_title>.

⁶⁶ Entrevista requerida por iniciativa própria e realizada a 24 de setembro de 2020 para ler no Anexo, na p. 79 e segs.

Mais que uma entrevista, foi uma conversa aberta sobre o projeto cultural 23 Milhas deveras útil para compreender um projeto desta dimensão e complexidade, para compreender como e por que nasceu e qual a visão e os objetivos estratégicos. Quero, por isso, deixar uma palavra de agradecimento ao Dr. Luís Ferreira, pela amabilidade e pela disponibilidade e colaboração.

⁶⁷ V. 23 MILHAS – A CULTURA DO DIA A DIA – Câmara Municipal de Ílhavo. 2017, p. 13.

artística e a formação de públicos, a participação cívica e o espírito reflexivo, mas acima de tudo que ajudasse a restabelecer o orgulho municipal, a ideia de conjunto, de complementaridade.⁶⁸ Tal como afirma o responsável pelo 23 Milhas “(...) *a perda do sentimento de pertença, de identidade, principalmente nas camadas mais jovens, aliada a uma antiga e acesa rivalidade entre Ílhavo-Gafanhas e vice-versa foi o mote para se criar um projeto agregador do território. (...) A partir da imagem poética do farol da Barra, um símbolo identitário cujo feixe luminoso tem um alcance de 23 milhas náuticas e que abrange todo o município, foi possível restabelecer os elos de união.*”⁶⁹

A par com a programação regular e mais geral, existe uma outra programação mais específica que faz do 23 Milhas um projeto com um conceito bastante inovador e diferenciador. A sua intervenção no apoio à criação, experimentação, pesquisa e formação levou à idealização de quatro programas de ação:

- ❖ Programa de residências artísticas e apoio à criação;
- ❖ Programa de projetos de investigação e apoio à inovação;
- ❖ Programa práticas da cultura;
- ❖ Programa de formação.⁷⁰

O 23 Milhas soube detetar os problemas existentes e, à luz das orientações de Augusto Santos Silva, procurou gizar uma política estratégica de intervenção no Município de Ílhavo. Segundo o autor, as políticas culturais autárquicas devem obedecer às seguintes disposições: diversidade (averiguação dos interesses e necessidades sociais locais), atualidade (noção de modernidade aliada a uma conciliação com as políticas culturais nacionais), dimensão (realização de parcerias e participação dos projetos em programas à escala nacional e europeia), continuidade (apresentação de uma oferta cultural regular e artisticamente diversificada) e impacto (produção de efeitos positivos e perduráveis na sociedade).⁷¹

⁶⁸ V. 23 MILHAS – A CULTURA DO DIA A DIA...*op. cit.*, p. 8-17.

⁶⁹ Cf. resposta à questão 1 da entrevista, na p. 79-80.

⁷⁰ *Idem, Ibidem*, p. 21.

⁷¹ Cf. SILVA, Augusto Santos (2007), "Como abordar as políticas culturais autárquicas? Uma hipótese de roteiro", *Sociologia Problemas e Práticas*, n.º 54 (2007), p. 27-29.

Como agente de desenvolvimento e afirmação do setor cultural, o 23 Milhas, além de um caráter policêntrico, assume um caráter multidisciplinar.⁷²

São quatro os palcos da “cultura do dia a dia”, com diferentes propósitos cada um. Desde o espaço da cultura mais erudita ao das oficinas das subculturas emergentes, todos são espaços para a participação direta e ativa da comunidade. Falamos da Casa da Cultura de Ílhavo, vocacionada para o acolhimento de espetáculos, apresentando uma programação eclética; da Fábrica das Ideias da Gafanha da Nazaré, dedicada ao acolhimento e apoio de artistas e criadores locais em processo de criação, através das residências artísticas e das oficinas de experimentação nas áreas das artes visuais e performativas, que visam a aproximação e tomadas de contacto entre o grande público e os artísticas/criadores culturais; do Laboratório das Artes da Vista Alegre, direcionado para a formação, pensamento e exploração nos domínios da criação artística; e do Cais Criativo da Costa Nova, diferenciando-se dos restantes pelo caráter sazonal, de apoio às praias e com uma vertente mais turística, com uma programação veraneante, jovem e descontraída.⁷³

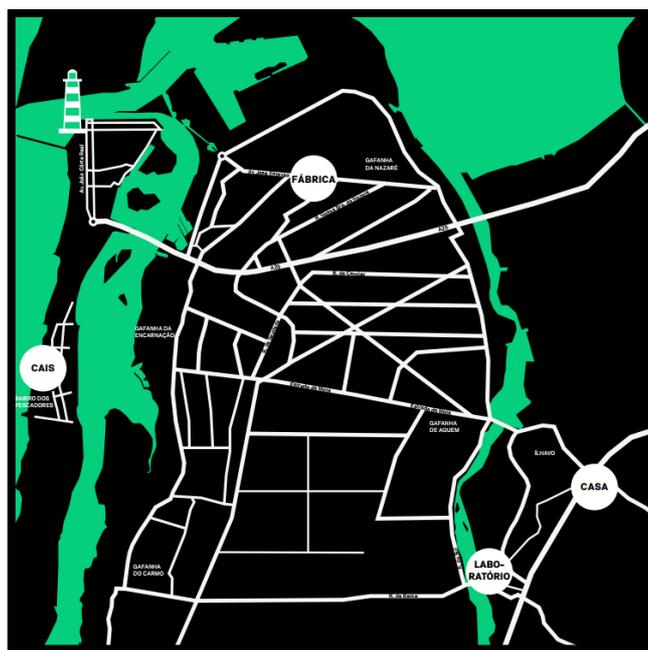


Figura 5 – Espaços culturais do projeto cultural 23 Milhas.

Fonte: 23 MILHAS – A CULTURA DO DIA, 2017, p. 47.

⁷²Vejam-se a este respeito as notas de imprensa da *Terra Nova* e do jornal *Expresso*. Disponíveis em: WWW:<URL:https://www.terranova.pt/noticia/politica/ilhavo-acaba-com-os-centros-culturaisfaznascerpolitica-policentrica-e> e em:

WWW:<URL:https://expresso.pt/sociedade/2016-11-12-Ilhavo-centros-culturais-vem-abaixo-e-semeia-se-a-cultura-do-dia-a-dia>., respetivamente.

⁷³ V. 23 MILHAS – A CULTURA DO DIA A DIA... *op. cit.*, p. 46-59.

A entreatajuda com os vários parceiros, a dinâmica do trabalho em rede pautado por uma lógica policêntrica, dos equipamentos e infraestruturas e o caráter multidisciplinar e multigeracional favoreceram a circulação de produtos e o encontro e cruzamento de pessoas.

O 23 Milhas é um projeto muito recente e, embora revestido de sucesso pelo fator novidade e o seu tempo de atuação no território junto das comunidades seja ainda curto, são já visíveis algumas mudanças a fundo, especialmente na consciência ilhavense.

Em entrevista o Dr. Luís Ferreira menciona que se trata *“de um projeto que leva o nome de Ílhavo mais longe, pois têm chegado espetadores de Coimbra, Viseu, Porto e obviamente da região de Aveiro. (...) Para muitos o 23 Milhas encontra-se entre os dez mais referenciados do país e quando se fala em cultura, entre dez cidades, Ílhavo surge muito naturalmente nesse top.”*⁷⁴

Portanto o balanço, que até ao momento é bem positivo, é um ótimo pressuposto para o futuro que se pretende desenhar.

O que marca a diferença neste projeto é a aproximação da comunidade entre si e desta ao território e a participação direta e ativa do grande público no desenvolvimento de atividades e eventos culturais. O mesmo refere que o 23 Milhas *“(…) sem dúvida marca pelo seu pensamento aglutinador e transversal a nível de disciplinas, lugares e da relação entre processo criativo desde o momento da conceção até à realização.”*⁷⁵

E porque o 23 Milhas tem como lema a “cultura do dia a dia”, nem o cenário mais escuro do ano 2020 causado pela pandemia de SARS-CoV-2 deixou de marcar presença na vida das pessoas. Uma vez mais, este projeto revelou ser original, quer como palco de capacitação social, como alavanca de desenvolvimento local, quer como contributo de reforço ao setor da cultura e das artes.

Perante esta situação de pandemia, a equipa do 23 Milhas, em plena fase de confinamento, adaptou-se e adaptou a cultura para a fazer chegar a casa de cada ilhavense. Como explica o diretor artístico do projeto *“(…) se a cultura já era tão importante, nunca fez tanta falta como durante esta fase de isolamento (...) o 23 Milhas compreendeu que era preciso respeitar um distanciamento físico, mas não um distanciamento social, e a cultura seria a grande responsável por essa aproximação.”*⁷⁶

⁷⁴ Cf. resposta à questão 2 da entrevista, na p. 81-82.

⁷⁵ Cf. resposta à questão 3 da entrevista, na p. 82.

⁷⁶ Cf. resposta à questão 4 da entrevista, na p. 83-84.

A solução cultural ou reinvenção da cultura tomou várias formas. Uma delas foi a rádio em sinal aberto: “Rádio 23 Milhas” a emitir na frequência da rádio regional “Terra Nova” e a fornecer toda uma programação rica em espetáculos, formações, debates, concertos, etc., contando com a participação das instituições culturais do município. O Fórum da Maior Idade, o Museu Marítimo de Ílhavo, o Centro de Documentação de Ílhavo, a Biblioteca Municipal de Ílhavo e o Estaleiro – Estação científica de Ílhavo que dinamizaram uma rúbrica por semana.⁷⁷ Os “kits da cultura do dia a dia – desafios e práticas culturais em casa” foram preparados e entregues, porta a porta, pelo 23 Milhas e pelos vários equipamentos culturais de Ílhavo.⁷⁸ Foram divulgados os Guias de Navegação – pacotes de sugestões para, semana após semana assistir, visitar (virtualmente), pensar, experimentar e fazer em família.⁷⁹

Por força das circunstâncias, pela capacidade de adaptação à nova realidade e a toda esta nova dinâmica, o 23 Milhas está, decerto, preparado para enfrentar os desafios futuros.

Em simultâneo com a programação do 23 Milhas em tempo de Covid-19, a Câmara Municipal de Ílhavo levou a cabo um conjunto de iniciativas com intenção de tornar menos penosa a permanência em regime de confinamento, tanto para as crianças em idade escolar, como para os seniores do município, ambos grupos de especial preocupação por parte da autarquia. Assim, de maneira a prestar apoio à comunidade educativa e a sustentar o ensino à distância foi lançado o “Radar”, um programa transmitido pelo “Canal Central”, canal televisivo da Região de Aveiro, para crianças do Pré-Escolar e do 1.º ciclo que trabalhou várias disciplinas.⁸⁰ Para os mais velhos, o confinamento não significou esquecimento ou isolamento social. Os “Kits da maior idade” foram entregues aos maiores para os manter ativos e entretidos.⁸¹

Por tudo isto, percebemos que o setor cultural e os profissionais da cultura são devidamente valorizados, pois são parte essencial na dinâmica local.

Quando as pessoas são incitadas ao consumo e à fruição cultural sentem falta da cultura como de um bem de primeira necessidade.

⁷⁷ Remete-se para o n.º4 do Anexo na p.85

⁷⁸ Remete-se para o n.º4 do Anexo na p.86

⁷⁹ Remete-se para o Anexo na p.86

⁸⁰ Remete-se para o n.º 4 do Anexo, na p. 87.

⁸¹ Remete-se para o Anexo, na p. 87.

Um dos muitos efeitos da pandemia nas comunidades foi essa redescoberta da cultura como um bem imprescindível.

A autarquia de Ílhavo considera que o não investimento na cultura só faz com que as pessoas não a compreendam como um bem essencial.

Hoje, em 2020, mas já de olhos postos no futuro, no ciclo 2021-2027 e numa agenda PORTUGAL 2030, perspetivamos a cultura, como uma prioridade nos compromissos da Câmara Municipal de Ílhavo.

Parte III – O CIEMar-Ílhavo, um equipamento municipal de promoção cultural

1. Características

O CIEMar-Ílhavo – Centro de Investigação e Empreendedorismo do Mar nasce a 31 de março de 2012, fruto de um reforço da política cultural levada a cabo pela Câmara Municipal de Ílhavo e a propósito do 75º aniversário do Museu Marítimo de Ílhavo que lançou nesse ano a marca: “Museu, Aquário, Investigação”.

Trata-se, pois, de uma subunidade do museu, que tem por objetivos a investigação e a divulgação da cultura e patrimónios marítimos, através da publicação de obras científicas e da realização de seminários, tendo como base os seus fundos arquivísticos. Para além do gabinete de investigação, encontra-se neste edifício a biblioteca do MMI, especializada em temática marítima. Com cerca de 8.000 monografias e 2.000 publicações periódicas sobre o fenómeno piscatório, sobre a Economia, Geografia e Antropologia marítimas, sobre a História da expansão portuguesa, História naval, História local e regional e Museologia, distingue-se como a mais bem apetrechada das bibliotecas museológicas do país. Nesta coleção integram-se as bibliotecas privadas de Octávio Lixa Filgueiras, de Rocha Madail e de Américo Teles, figuras incontornáveis da historiografia marítima e da história do próprio museu.

Do espólio do MMI fazem, igualmente, parte os fundos de arquivo de documentação marítima (DOCMar) de entidades relacionadas com a história da pesca do bacalhau, a saber: a Associação de Armadores da Pesca Longínqua, o Grémio dos Armadores dos Navios de Pesca do Bacalhau, a Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau, a Indústria Aveirense de Pesca e a Empresa de Pesca de Aveiro, a Parceria Geral das Pescarias, a Empresa Brites, Vaz & Irmão, Lda., o Porto de Aveiro, os Estaleiros Mónica e os Estaleiros Navais de Viana do Castelo e os diários de Bordo e as Cartas Náuticas.

Ao reunir toda esta documentação, o CIEMar-Ílhavo afirma-se como uma referência a nível regional, nacional e internacional.

Aqui também se congregam os serviços de arquivo municipal encarregados de preservar, descrever e divulgar a memória e a identidade ilhavenses.

Em depósito está, assim, conservada a documentação resultante da atividade executada pelos órgãos autárquicos ainda em exercício e pelos entretanto extintos: a Câmara Municipal de Ílhavo, a Câmara Municipal da Vila e Couto da Ermida, a Assembleia Municipal de Ílhavo, o Concelho Municipal de Ílhavo, a Administração do Concelho de Ílhavo e, ainda, a Capitania-mor das ordenanças de Ílhavo.⁸²

No CDI – Centro de Documentação de Ílhavo existem historiadores que se dedicam à produção de estudos, ao lançamento de obras e à organização de ciclos de palestras e outros eventos que dão a conhecer a história, a cultura e as gentes de Ílhavo ao público em geral. São exemplos do resultado desse trabalho a revista semestral “Nossa Gente: Biografias”, que destaca os ilustres locais e a sua marca no município, a monografia de Ílhavo – “*Ílhavo, Terra Milenar*”⁸³ – uma investigação profunda que reuniu especialistas de diversas áreas do saber, e também, os encontros de História Local e o Seminário “Ponto(e)s de Acesso”, momentos de partilha de conhecimento.

No CIEMar-Ílhavo funcionam o Serviço de Apoio à Formação e Emprego (SAFE) e o Gabinete de Inserção Profissional (GIP) do Município, em consonância com o Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), assim como opera um polo da Incubadora de Empresas da Região de Aveiro (IERA), onde são fermentadas ideias de negócio por parte de jovens empreendedores e *start-ups*, ou empresas ligadas ao mar e à ria recebem apoios e alguns incentivos para singrarem no mercado.



Figura 6 – Vista exterior do CIEMar-Ílhavo.
Pela autora.

⁸² Em anexo encontra-se uma síntese esquematizada de toda a documentação de arquivo custodiada no CDI. Remete-se para o Anexo n.º 5 deste trabalho, na p. 88 e segs. Poderá consultar-se o Guia dos Arquivos: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DE ÍLHAVO – Guia dos Arquivos. 2015. [Em linha]. Disponível em: WWW:URL: https://loja.cmilhavo.pt/uploads/writer_file/document/3628/Guia_dos_Arquivos_2015.pdf.

⁸³ GOMES, Saul António (coord.) – *Ílhavo: Terra Milenar*. Ílhavo: Câmara Municipal de Ílhavo. 2017.

1.1. O Centro de Documentação de Ílhavo

O CDI localiza-se junto ao Museu Marítimo nas instalações do CIEMar-Ílhavo. O edifício de que falamos não foi criado de raiz para fins arquivísticos, pois trata-se de um reaproveitamento. O espaço foi alvo de uma obra de adaptação para possuir todas as condições e dispositivos necessários e essenciais à preservação e conservação das espécies documentais e bibliográficas.⁸⁴ Por exemplo, a madeira que reveste o edifício levou um tratamento de polipropileno e os gabinetes, as salas e as zonas de depósito são estanques, de modo a que, em caso de sinistro, o fogo não se propague.

Os oito profissionais do CDI com formação na área de Arquivo e Biblioteca fazem todas as semanas o controlo da amplitude térmica e da humidade relativa através de termo-higrómetros e de desumidificadores, para garantir a estabilidade e a integridade física da documentação. No final de cada dia de trabalho, certificam-se de que todos os meios são acionados para deteção de eventuais situações de perigo, não só os aparelhos de desenfumagem como a ligação direta entre o alarme da instituição e os bombeiros de Ílhavo, para uma atuação rápida, eficaz e com a máxima segurança.

A política preventiva do CDI, isto é, o zelo por boas condições de segurança e ambiente e a higienização/monitorização regular da documentação, uma prática que, continuada, assegura a estabilidade do património documental e bibliográfico, passa também pela disponibilização da informação em suporte digital. O mau manuseamento ou o uso cumulativo são fatores de peso na degradação dos livros e documentos originais, por isso, o CDI tem privilegiado a digitalização e a consulta virtual como uma alternativa fundamental minimizando os riscos a que as espécies documentais e bibliográficas estão sujeitas.

Compete ao CDI servir o público em geral e em especial a população ilhavense, reforçando a sua identidade, dando a conhecer a sua história, cultura, costumes e tradições, o património e as suas gentes. Compete a esta instituição arquivo recolher, descrever, gerir, eliminar, preservar, conservar e disponibilizar a documentação

⁸⁴ Veja-se a este propósito: COMISSÃO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS; COMISSÃO PARA A PREVENÇÃO DE DESASTRES – *Diretrizes para a prevenção e controlo de desastres em arquivo*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal. 2000 e também MCOLWAIN, John – *Prevenção de desastres e planos de emergência: manual básico da IFLA*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal. 2008.

custodiada, bem como desenvolver estudos e projetos sobre história local.⁸⁵ Também um aspeto muito importante e muito batalhado é o da sensibilização da sociedade para a salvaguarda dos documentos como fontes de conhecimento dos nossos antepassados. Desde as atividades lúdicas e didáticas do serviço educativo à promoção de eventos científicos, de ações de formação à venda de publicações, o CDI tem aberto o caminho para o respeito pela documentação e pela profissão dos arquivistas e bibliotecários e estimulado o gosto pela História no Município de Ílhavo.

O quadro que se segue permite identificar as características do CDI a partir da sua missão, visão, objetivos e valores.

MISSÃO

- O CDI tem como principal vocação gerir, preservar e conservar documentos de arquivo relativos à memória ilhavense;
- Disponibilizar a informação custodiada aos cidadãos, aumentando o seu conhecimento sobre Ílhavo;
- Atuar em prol da comunidade de maneira a despertar e cultivar o gosto dos ílhavos pela sua história, pela sua identidade.

VISÃO

- Suscitar o orgulho e sentimentos de pertença. No fundo, procura enraizar as pessoas à sua terra natal e ao município a que pertencem;
- Divulgar à escala nacional os temas marítimos muito característicos da região e de extrema importância na afirmação e projeção do Município de Ílhavo.

OBJETIVOS

- Promover congressos, seminários, conferências e outros eventos de índole cultural;
- Desenvolver estudos científicos e projetos de investigação sobre história local e cultura marítima;
- Realizar exposições, visitas-guiadas e atividades lúdico-educativas para todos os públicos.

VALORES

- Sensibilizar a população, através do serviço educativo, para a importância da salvaguarda de documentos históricos e de vestígios arqueológicos como fontes de conhecimento dos nossos antepassados;
- Envolver e responsabilizar a população no processo conjunto de salvaguarda do património material e imaterial de Ílhavo.

Quadro 3 – Missão, Visão, Objetivos e Valores do Centro de Documentação de Ílhavo. Pela autora, com base no Regulamento Municipal dos Equipamentos de Ílhavo, 2018.

⁸⁵ V. Regulamento n.º 135/2018 – Diário da República n.º 40/2018, Série II de 2018-02-26, p. 27-36, relativo aos equipamentos do Município de Ílhavo.

2. Dinâmicas de interação com a comunidade local e visitante

O CDI, enquanto equipamento de formação cultural, preocupa-se em organizar um conjunto variado de iniciativas de modo a integrar todos os munícipes, das mais diversas faixas etárias. No CDI, crianças, jovens, adultos e seniores têm à sua disposição uma multiplicidade de atividades pensadas e proporcionadas pelo seu serviço educativo ao longo do ano. A forma dinâmica como interage com a comunidade só demonstra essa fervorosa atividade durante todo o ano.⁸⁶

Do SEMI (Serviço Educativo Municipal de Ílhavo) destacamos as “Férias Divertidas”, uma oferta da Câmara Municipal às crianças dos 6 aos 12 anos, que decorrem nos diferentes espaços culturais do município durante as pausas letivas da Páscoa, do Natal e do verão. A dinamização das atividades fica a cargo de cada um dos espaços que trabalham os temas que mais lhe dizem respeito. No caso do CDI pretende-se estimular nas crianças o gosto pela História e cultura marítima. Atividades como “Vamos a ilha’vô” e “O arquivo do avesso” foram concebidas para transmitir conhecimentos sobre o passado ilhavense de uma forma leve, mas consistente, e com um caráter intergeracional. O “Quem sai aos seus” contempla duas dimensões, tratando-se de uma atividade quer para crianças do 1º ciclo, quer para os mais velhos, que dispõe das ferramentas necessárias para construir uma árvore de família. O clube de genealogia do CDI, tem por objetivo auxiliar os seus membros na pesquisa e identificação das ligações, da sequência biológica entre indivíduos de uma família, ou seja, de reconstrução de gerações, da rede de parentescos dentro de um grupo familiar. Fazer genealogia é partir em busca das raízes, das origens de uma família e traçar a sua evolução cronológica.

Para os jovens, dos 14 aos 30 anos de idade, apesar de inseridos na programação dedicada aos adultos, a Câmara Municipal de Ílhavo promove ao longo do ano a ocupação de tempos livres na perspetiva da sua valorização pessoal e formativa em diferentes áreas de atuação, no âmbito dos Programas PMOTL (Programa Municipal de Ocupação de Tempos Livres), com a duração de um mês e Programa Vocação, com a duração de três meses. O PMBET (Programa Municipal de Bolsas e Estágios de

⁸⁶ Podemos encontrar no anexo deste relatório a programação anual do CDI relativa ao ano civil de 2019 a título de exemplo. Procurámos organizar todas essas atividades em tabela para facilitar a leitura e ter uma verdadeira noção da dimensão cultural preconizada pelo CDI. Remete-se para a o n.º 6 do Anexo, na p. 95-97.

Trabalho), por sua vez, visa integrar os jovens recém-licenciados e/ou desempregados no mercado de trabalho, através de uma experiência profissional também em diversas áreas, com a duração de um ano.

O CDI é, sem dúvida, um Arquivo que não se encerra em si, pelo contrário, vai ao encontro da comunidade, para que essa relação de proximidade possa despertar sentimentos de pertença, de identidade. Os ciclos de palestras, os seminários, as visitas guiadas, as exposições e as publicações têm alcançado cada vez mais público, e um público mais diversificado. Também os projetos até agora desenvolvidos através de parcerias, inclusive com instituições de ensino superior, têm contado com um grande interesse e entusiasmo por parte dos ilhavenses e não só.

Por isso, no CDI, muitas incorporações de arquivo resultam de depósitos/doações dos munícipes que querem fazer perpetuar a memória e, assim, dar o seu contributo à história.

Tudo isto só é possível graças a um conjunto de esforços e a uma campanha bem sucedida de sensibilização para a importância dos arquivos. Mas, acima de tudo, graças a uma excelente equipa de profissionais que todos os dias trabalham em prol da comunidade.

Por isso, e como estagiária, reconheço que a entidade acolhedora, na pessoa da minha orientadora local, a Dr.^a Eliana Fidalgo, técnica superior de arquivo e responsável pelo CDI, e toda a sua equipa me fizeram sentir em casa desde o primeiro momento.

Ao fim de 519 horas cumpridas, tendo ficado mais vinculada ao serviço educativo, desenvolvi competências ao nível da conceção e realização de atividades, em especial, para crianças e adolescentes.

Na parte IV exponho essas e outras atividades, eventos e projetos em que estive diretamente envolvida durante o período de estágio curricular.

Parte IV – Atividades desenvolvidas no âmbito do estágio curricular

Convém lembrar que, em virtude da situação pandémica a programação cultural do Município sofreu uma quebra sem precedentes.

O setor da cultura foi, sem dúvida, o que mais se ressentiu, porque forçado a parar, viu as suas instalações vazias durante meses.

Também o CDI teve de encerrar ao público e todas as atividades planeadas para o corrente ano foram repensadas e suspensas ou canceladas. Como tal, parte do meu estágio foi afetado, mas mesmo não tendo conseguido levar a cabo os meus projetos considero ter adquirido as bases de trabalho essenciais para, no futuro, exercer nesta área.

A lógica de apresentação das iniciativas não discrimina o grau de envolvimento, nem segue a ordem cronológica, encontra-se sim disposta em três principais categorias: projetos, atividades do serviço educativo e eventos e outros.

1. Projetos

1.1. “Se esta rua fosse minha...” – Projeto de Toponímia

O projeto de toponímia: “Se esta rua fosse minha”, iniciado em 2018, tem por objetivo obter um reconhecimento do território através da compilação, transformação e difusão da informação relativa aos topónimos ilhavenses a toda a comunidade, materializada em produtos educativos, culturais, históricos e turísticos para o Município de Ílhavo.⁸⁷

Trata-se de um projeto bastante ambicioso e de grande alcance, dado que abrange os topónimos das quatro freguesias. Conta, por isso, com a participação de vários parceiros como a Universidade de Aveiro, designadamente o Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF)⁸⁸, do Instituto de Investigação em

⁸⁷ Poderá assistir-se ao vídeo promocional do projeto em:

WWW:<URL: <https://www.facebook.com/centrodocumentacaodeilhavo/videos/216535296581491/>>.

⁸⁸ Os alunos do 3º ano da Licenciatura em Educação Básica, de Mestrado em Educação e os de formação contínua de professores foram impelidos a desenvolver jogos educativos e a criar percursos temáticos com base nos topónimos das ruas de Ílhavo, com o objetivo final de estimular o sentido de pertença local.

Design, Media e Cultura (ID+) e da Licenciatura em Novas Tecnologias da Comunicação, através dos quais os conteúdos são trabalhados e transformados em ferramentas educativas. Conta com a colaboração da Universidade Sénior do Centro Social e Paroquial da Nossa Senhora da Nazaré (CSPNSN), especialmente da turma de teatro e literatura e da turma de cavaquinho, que criaram um genérico para a rádio como forma de divulgação do projeto.⁸⁹ Também conta com a colaboração dos agrupamentos de escolas do Concelho e, claro, com todos os munícipes que cooperam na pesquisa e recolha de histórias, memórias, mitos ou lendas associadas às ruas, becos, praças e pontes do Concelho, o ponto central de várias tertúlias organizadas pelo CDI.

De igual forma, o projeto cultural 23 Milhas também se quis associar ao “Se esta rua fosse minha...”, dedicando, inteiramente, um dos seus percursos de arquitetura, “Olhar por Dentro”, à toponímia de Ílhavo.⁹⁰

Pretende-se com esta iniciativa envolver e integrar a comunidade ilhavense num processo de reconhecimento toponímico do território de Ílhavo, reunindo testemunhos, imortalizando memórias. Em suma, pretende-se que os “arquivos saiam da caixa” e vão ao encontro do grande público, porque só assim ganham vida.

No âmbito do meu estágio, fui desafiada a tomar parte nesse projeto. Tornei-me responsável por fazer o levantamento fotográfico da minha freguesia: a Gafanha da Nazaré. Esse trabalho de campo consistiu em fazer o registo fotográfico das ruas e das placas com o respetivo topónimo, com o intuito de criar um banco de imagens para inserir, mais tarde, numa aplicação móvel.

O objetivo final do projeto: “Se esta rua fosse minha...” é apresentar à comunidade educativa e aos turistas uma solução digital que permite dar a conhecer a história de Ílhavo de uma maneira diferente: através dos seus topónimos. Toda a informação previamente recolhida no âmbito do projeto (desde uma resenha história e administrativa de cada rua do município, aos testemunhos de residentes, por exemplo) é trabalhada e transformada num grande conteúdo audiovisual que é a aplicação móvel. Este produto digital incluirá um guia com várias línguas e mapas com trilhos e percursos toponímico-turísticos para fazer em grupo ou individualmente.

Deste esforço resultaram, adaptados dos já conhecidos jogos “Monopólio” e “Trivial”, dois jogos de tabuleiro em formato digital e físico: o “Ílhópolis” e o “Ílhavópolis”.

Remete-se para o n.º 7 do Anexo, na p. 98.

⁸⁹ Remete-se para o n.º 8 do Anexo, na p. 99.

⁹⁰ Remete-se para o n.º 9 do Anexo, na p. 100.

Uma vez concluída a fase de captação das fotografias, tratei de organizar a informação fazendo corresponder as fotografias aos topónimos para uma leitura mais simples, rápida e eficaz.

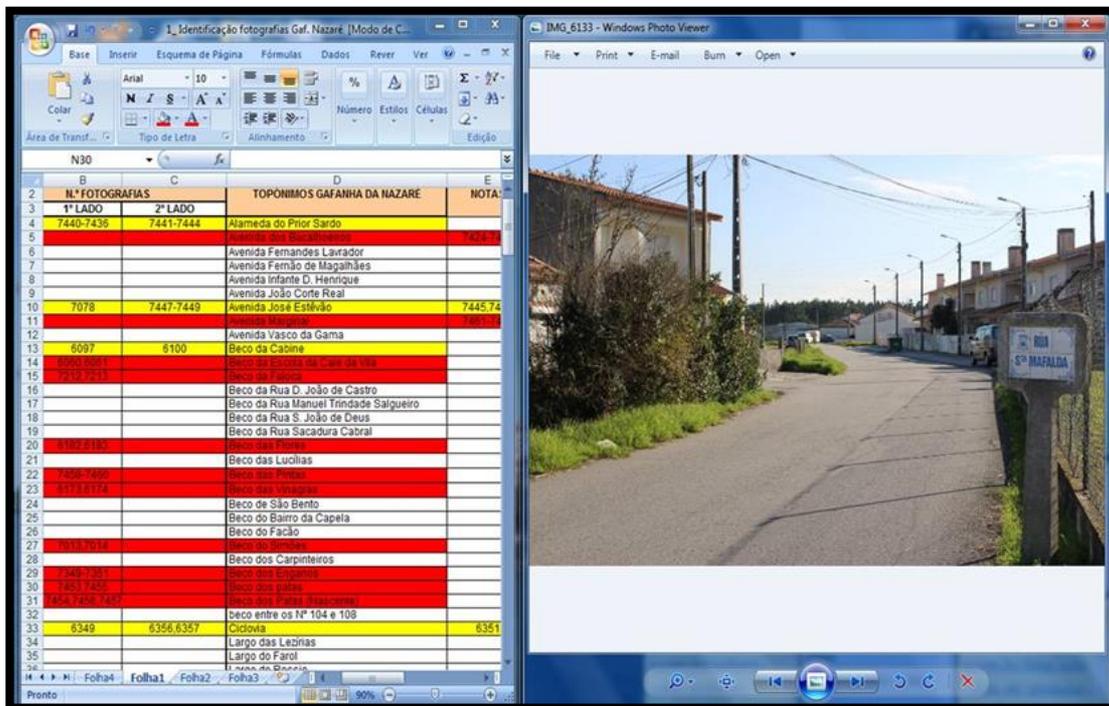


Figura 7 – Organização e identificação de fotografias e topónimos da Freguesia da Gafanha da Nazaré.
Pela autora.

Com o meu contributo foi possível dar cor à rubrica: “Se esta rua fosse minha...” acerca da toponímia ilhavense, lançada mensalmente na agenda do Município “Viver em...”, onde é feita uma breve caracterização histórica e administrativa de uma avenida, de uma rua ou beco, de uma praça ou de uma ponte.⁹¹

A propósito deste projeto da CMI, desenvolvi um projeto que, infelizmente, não chegou a ter a sua aplicação em virtude da pandemia de Covid-19, mas assim que as circunstâncias permitirem, isto é assim que estiverem reunidas condições que não ponham em causa a saúde pública será utilizado em atividades do serviço educativo do CDI, como as “Férias Divertidas”.

Criei um jogo para crianças e adolescentes dos 10 aos 15 anos de idade alusivo ao património cultural material e imaterial do Município de Ílhavo e que pudesse, acima de tudo, ensinar de uma forma leve e divertida.

⁹¹ Remete-se para o n.º 8 do Anexo, na p. 99.

O receio de que o gosto dos jovens pelas disciplinas da área das Ciências Sociais e Humanas, particularmente da História seja suplantado pela forte atração das Ciências Naturais e Exatas levou-me a pensar uma forma de conseguir despertar o interesse dos mais novos para os temas da História Local e da Etnografia.

Trata-se de um jogo da memória intitulado “Memória(s) de Ílhavo”.

A grande particularidade deste jogo são as regras. Em contraste com um jogo da memória vulgar, este possui perguntas com opção de resposta A, B ou C e sobre cada um dos trinta pares de imagens (jardins e ruas mas icónicas, edifícios e monumentos históricos, tradições e personalidades ilhavenses) existe uma nota explicativa.

O “Memória(s) de Ílhavo pode ser jogado em duas versões, como jogo da memória e como o jogo de cartas “Peixinho”, tendo por objetivo retratar a história, o património e as identidades ilhavenses, suscitar o interesse das gerações mais novas pela cultura local e alertar para a preservação dos monumentos e edifícios históricos, assim como fazer perpetuar as tradições, os usos e costumes mais característicos da região.⁹²

1.2. “Quem sai aos seus...” – Tutorial para o Clube de Genealogia

Todos os meses, reúne-se no CDI o Clube de Genealogia. Este clube nasceu do projeto “Construir genealogia, conhecer gerações” e refere-se a uma base de dados que proporciona a recolha de informação de batismos, casamentos e óbitos dos ilhavenses.⁹³

Tem, pois, como principal função disponibilizar os conhecimentos técnicos e os meios necessários para que cada membro possa construir a sua árvore genealógica.

Enquanto estagiária e aproveitando a minha formação em História, foi-me proposto elaborar um tutorial para disponibilizar na internet, na plataforma *online* do CDI, que elucidasse o grande público sobre como fazer a genealogia da sua família.

Questões como por onde e por quem começar, que fontes e documentos são precisos, onde encontrá-los, como recolher informação útil, como registar e organizar essa informação numa árvore genealógica foram o meu ponto de partida para criar um

⁹² Remete-se para o n.º 10 do Anexo, na p. 101-124, onde se encontra o jogo: “Memória(s) de Ílhavo” com uma explicação mais pormenorizada quanto ao conceito, destinatários, objetivos e mecânica do jogo.

⁹³ A Base de dados *TimeLink*, desenvolvida graças à celebração de um protocolo com a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, encontra-se, de momento, em manutenção e atualização pelo que não é possível indicar a ligação.

conteúdo audiovisual completo e de fácil compreensão para todos quantos queiram buscar as suas raízes, pertencendo ou não ao clube de genealogia do CDI.

A metodologia que utilizei foi estabelecer um paralelo, isto é, explicar como fazer uma árvore genealógica com o exemplo prático da minha. A ideia seria, à medida que fosse reconstruindo a genealogia da minha própria família, ir mostrando quais os passos a cumprir e dando algumas indicações para que cada um pudesse construir individualmente a sua árvore genealógica. Essa construção detalhada e quase que em simultâneo não só facilitaria a compreensão como acelerava o procedimento.

Assim, colocar-me-ia no centro das pesquisas e ao recuar nas gerações iria chamando a atenção para os documentos necessários, quais as informações a recolher de cada documento e como organizá-las na árvore.

Contudo, esta tarefa não foi concretizada, não só porque as minhas pesquisas não surtiram efeito, mas também porque tinha já entre mãos outros projetos que exigiam de mim mais tempo, entrega e dedicação, como o projeto que se segue.

No entanto, esta ideia - projeto poderá ser retomada e posta em prática num futuro próximo, não com os elementos biográficos da minha família, mas com os dados de uma família brasonada de Ílhavo, como os “Pinto Basto” ou os “Maia” para exemplificar.

1.3. “Ílhavo e o Liberalismo” – Projeto educativo

À semelhança de outros projetos educativos do CDI, nomeadamente “Os ílhavos na Grande Guerra” e “Ílhavo nas Invasões Francesas”, pensados para levar aos agrupamentos de escolas do Concelho, como um contributo para as disciplinas de História e História A (8.º e 9.º ano de escolaridade e 11.º e 12.º ano do ensino secundário, respetivamente) ao tempo que essas matérias são lecionadas, sugeri desenvolver o “Ílhavo e o Liberalismo”, uma vez que no presente ano comemoramos o bicentenário da Revolução Liberal em Portugal.

O intuito destes projetos é, justamente, contextualizar Ílhavo em alguns dos momentos mais marcantes da nossa História que, evidentemente, fazem parte da programação da unidade curricular em causa. Assim, graças a um método de ensino aplicado, em que se focaliza a História Local num evento de dimensão nacional e internacional, conseguimos cativar os alunos, fazer despertar o seu interesse por esta área de estudo, propiciar uma maior identificação com a sua história e incentivar o apego à sua terra.

Foi no dia 24 de agosto de 1820 que estalou no campo de Santo Ovídio, no Porto, a revolução. Eis o momento que consagra, politicamente, a instauração do Liberalismo no nosso país. Este pronunciamento militar oitocentista ditou o fim do Antigo Regime em que o rei detinha um poder absoluto por direito divino. Mais ainda, abriu caminho para o constitucionalismo, para a soberania nacional, para a garantia dos direitos fundamentais dos cidadãos.

Ílhavo participa não neste acontecimento, mas mais tarde, em 1846, na guerra da Patuleia, na sequência da revolução da Maria da Fonte que denuncia a instabilidade política de um país dividido em fações. Numa altura em que a fábrica da Vista Alegre havia cessado a atividade devido à conjuntura vivida, os operários formam um corpo de voluntários, designado “Batalhão de Ílhavo/Vista Alegre” ou “Batalhão dos Artistas”.⁹⁴ Chefiado por um dos proprietários e administradores da fábrica, tomou parte muito ativa e de veras importante em vários momentos como, por exemplo, na Ação de Valpaços que opôs cartistas a setembristas.⁹⁵

O “Batalhão de Ílhavo/Vista Alegre”, segundo as fontes consultadas no arquivo da fábrica, estava repartido em quatro companhias com cerca de 57 a 75 homens cada, constituídas, maioritariamente, por voluntários e por músicos, corneteiros, cabos, furriéis e sargentos.⁹⁶

De maneira a tornar esta temática mais apelativa e perceptível para os alunos, criei uma *timeline* onde é possível observar a evolução cronológica dos acontecimentos nacionais e regionais simultaneamente.

Este friso inicia a 19 de março de 1812, com aquele que podemos dizer ser o preâmbulo da Revolução Liberal Portuguesa – a aprovação da Constituição de Cádiz, que ditou o êxito dos ideais revolucionários em Espanha, serviu de inspiração ao primeiro documento constitucional português – e termina a 1 de maio de 1851 data que marca o apogeu da experiência liberal em Portugal – Fontes Pereira de Melo, figura incontornável do período da Regeneração lança o país na rampa do progresso. É a vitória sobre o Antigo Regime.

⁹⁴ Vide: GOMES, João Augusto Marques – *A Vista Alegre: Apontamentos para a sua história*. Porto: Tip. Commercio e Industria. 1883 e também GOMES, João Augusto Marques Gomes – *A Vista Alegre: memória histórica*. Aveiro: Tip. Minerva Central. 1924.

⁹⁵ *Idem, Ibidem*, p. 68-80.

⁹⁶ “*Livro de registo dos nomes de funcionários da fábrica da Vista Alegre de 1846*”, in Arquivo da Fábrica da Vista Alegre.

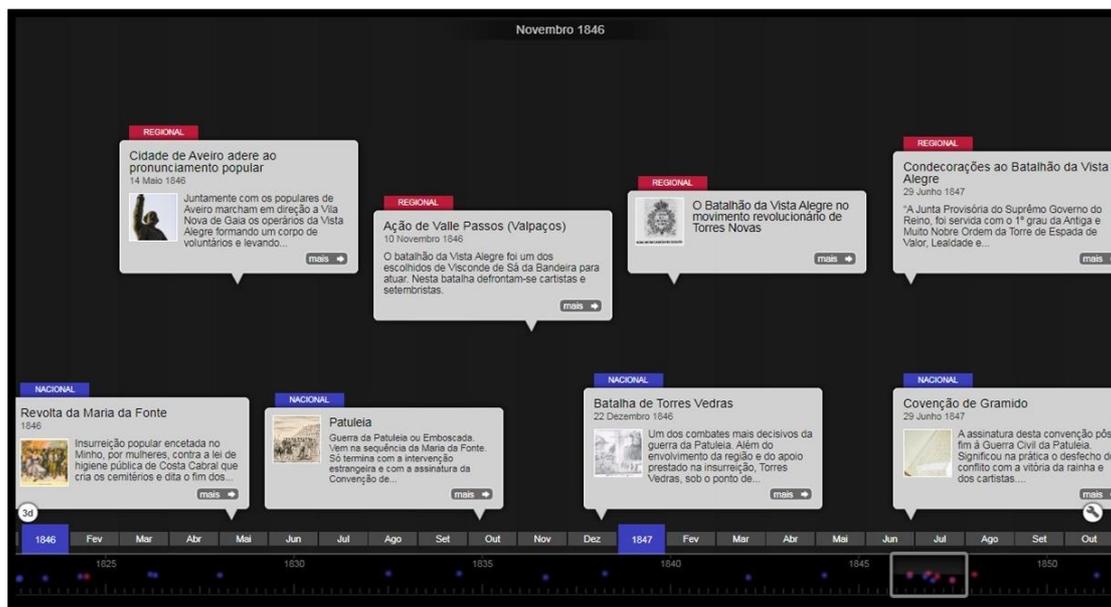


Figura 8 – *Timeline*: “Ílhavo e o Liberalismo – Projeto educativo.
Pela Autora.

Apesar de se afigurar um projeto com bastante potencial, acabou por ficar incompleto, quer pela escassa informação a este respeito nos documentos da época de Ílhavo⁹⁷, quer por ter sido impossível prosseguir a pesquisa no arquivo da fábrica da Vista Alegre devido ao seu encerramento como medida de contingência face à pandemia do Coronavírus.

Embora sem oportunidade de o apresentar à comunidade educativa em 2020, como estava previsto, abriu-se a esperança de contemplar este tema numa exposição a levar a cabo, em parceria com o CDI, durante as comemorações dos 200 anos da fundação do complexo industrial da Vista Alegre, em 2024.

⁹⁷ Não encontramos dados concretos nos Registos de óbito de Ílhavo, sensivelmente, entre 1820 e 1848, nem nas Atas da câmara existem referências importantes ao processo de implantação do liberalismo em Portugal ou sobre a atuação do Batalhão da Vista Alegre nas Atas da câmara dessa época.

2. Atividades: Serviço Educativo

2.1. Exposição itinerante – “Do Paleolítico à atualidade: herança arqueológica”

Em 2015 a Câmara Municipal de Ílhavo encetou o projeto “Ílhavo, Terra Milenar”. Desse projeto, que reuniu investigadores das mais variadas áreas, resultou uma monumental obra sobre Geologia, Biologia, Geografia, Património, Arqueologia e História do Município de Ílhavo.⁹⁸

Graças a essa aposta no estudo e divulgação do passado foi possível ir mais longe.

Num momento em que as políticas culturais sofrem com os cortes financeiros no setor da cultura e os subsídios reservados para atividades ligadas à investigação histórica e arqueológica são diminutos, a autarquia de Ílhavo, em contraciclo, decide investir num programa de identificação, inventariação e interpretação do património arqueológico como estratégia de valorização e coesão territorial.

O “Ílhavo, Terra Milenar”, enquanto projeto de investigação profunda, sistemática, consistente e alargada do “passado mais longínquo do território, do povoamento mais remoto e ancestral”⁹⁹, procura consciencializar a população local para o conhecimento das suas raízes, e potencializar os valores identitários e sentimentos de pertença.¹⁰⁰

Por isso, juntamente com a equipa da empresa ERA-Arqueologia, vários munícipes, na condição de voluntários, colaboraram nos trabalhos de prospeção arqueológica, em 2018.

⁹⁸ GOMES, Saul António (coord.) – *Ílhavo: Terra Milenar*. Ílhavo: Câmara Municipal de Ílhavo. 2017.

⁹⁹ Cf. CARVALHO, José; RAMOS, Rui; SILVA, Ana Rita – *Do Paleolítico à atualidade...op. cit.*, p. 31.

¹⁰⁰As Gafanhas (Gafanha da Nazaré, Gafanha da Encarnação e Gafanha do Carmo) só integram, oficialmente, o território de Ílhavo a partir da 2ª metade do séc. XIX. Até à data e, desde o séc. XVII, as Gafanhas pertenciam à Casa de Vagos e a Costa Nova e a Barra ao Município de Ovar.

O diploma legal que vem reorganizar as divisões administrativa e judicial chega a 31 de dezembro de 1853. Cf. SILVA, Pedro – “Ílhavo entre as Invasões Francesas e a Grande Guerra”, in GOMES, Saul António (coord.) – *Ílhavo: Terra Milenar...op. cit.*, p. 200-201.

Precisamente porque a história do Município de Ílhavo nem sempre foi comum (Ílhavo era já um concelho muito antes da atribuição do foral novo de 8 de março de 1514), e porque existem, ainda, algumas divergências em termos de identidade municipal, surge este projeto cujo objetivo principal é a união e o orgulho municipal. (Sobre o foral novo de Ílhavo, ver *O Foral Manuelino de Ílhavo*, introdução histórica, transcrição paleográfica e revisão científica por Saul António Gomes; comentário codicológico e transcrição paleográfica por Eliana Fidalgo; coordenação editorial por Lisete Cipriano. Ílhavo: Município de Ílhavo, 2009).

Com um orgulho enorme integrei essa equipa de voluntários ilhavenses que partiu à descoberta da sua história e das suas raízes, contribuindo para o conhecimento do património arqueológico da minha terra.

No ano seguinte foi lançada a publicação – “*Do Paleolítico à atualidade: herança arqueológica*”¹⁰¹ – que congrega e transmite toda a informação recolhida sobre a arqueologia do Concelho de Ílhavo com uma linguagem simples, porque dirigida à sociedade civil. Foi também preparada uma exposição itinerante, de modo a percorrer as escolas do município para estimular a curiosidade dos alunos e incentivá-los a conhecer melhor a sua história.¹⁰²

No contexto do meu estágio, pude introduzir esta exposição em ações de formação/consciencialização a várias turmas dos agrupamentos de escolas de Ílhavo e da Gafanha da Nazaré.¹⁰³

Creio que estas ações de formação/consciencialização captaram mais a atenção de uns alunos do que de outros. Os que se sentem mais identificados com os temas da História participaram mais ativamente, quer pela colocação de dúvidas como pela partilha de curiosidades. No entanto, no panorama geral, todos se mostraram interessados.

Para mim foi gratificante e um privilégio muito grande poder fazê-lo, uma vez que participei em quase todas as fases deste processo, ou seja, desde o trabalho de campo à divulgação do resultado final.

¹⁰¹CARVALHO, José; RAMOS, Rui; SILVA, Ana Rita – *Do Paleolítico à atualidade: herança arqueológica*. Ílhavo: Câmara Municipal de Ílhavo; ERA-Arqueologia, S.A. 2019.

¹⁰² Para auxiliar na divulgação deste projeto a toda a população ilhavense e à comunidade educativa, em específico, foi realizado um pequeno vídeo pela Equipa da ERA Arqueologia que reparte a Arqueologia do Município de Ílhavo por épocas históricas. Este vídeo pode ser encontrado na plataforma *Youtube*: WWW:<URL:https://www.youtube.com/watch?v=4kQfRtZLeU8>.

¹⁰³ Na E.B. 2,3 José Ferreira Pinto Basto, em Ílhavo, no dia 19 de novembro de 2019 foram abrangidas cerca de 6 turmas, do 5.º ao 9.º ano de escolaridade, e na Escola Secundária com 3.º Ciclo da Gafanha da Nazaré, no dia 21 de janeiro de 2020, estiveram presentes cerca de 9 turmas, do 7.º ao 12.º ano.



Figura 9 – Ação de formação/consciencialização na Escola Secundária da Gafanha da Nazaré, 21/01/2020.

Fonte: Bibliotecas do Agrupamento de Escolas da Gafanha da Nazaré.

2.2. “Quem sai aos seus...” – Genealogia no 1.º Ciclo do Ensino Básico

O serviço educativo pensa em todas as faixas etárias, por isso, para qualquer idade, o CDI dispõe uma resposta.

Durante este ano (2019/2020), o Centro de Documentação de Ílhavo oferece às crianças quem frequentam o 1.º Ciclo (entre os 6 e os 10 anos) no Município uma atividade sobre Genealogia. Esta serve os mesmos propósitos que os encontros do Clube de Genealogia dos mais velhos: ensinar a construir uma árvore genealógica.

Essa atividade reparte-se em dois momentos: num primeiro momento é feita uma abordagem mais teórica sobre os princípios de estruturação de uma árvore e, depois, parte-se para um trabalho prático em que, efetivamente se “põem as mãos à obra”.

Às crianças mais novas (1.º e 2.º ano de escolaridade) é proposto desenhar o autorretrato, já para as mais velhas (3.º e 4.º ano de escolaridade) lançamos o desafio de construir a árvore do seu agregado familiar, um trabalho manual com agulha e linha.

Durante o período de estágio tive a oportunidade de conduzir uma dessas sessões¹⁰⁴ e constatei que todas as crianças gostaram da atividade, o que foi visível não só pelo nível de atenção (absorção da informação transmitida) como pela participação ativa através da colocação de questões bastante pertinentes, e também pela partilha de testemunhos. De facto, todos se sentiram à vontade e com liberdade para interpelar, o que evidencia, desde logo, o seu interesse.

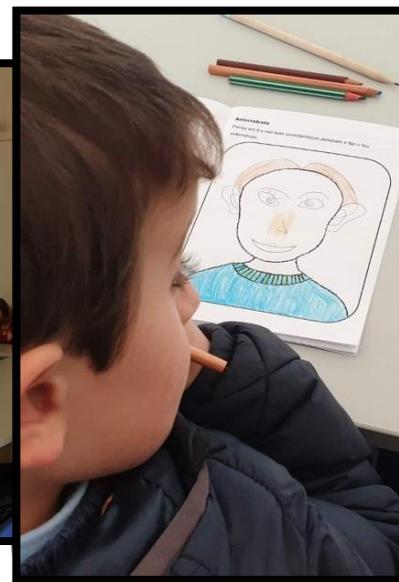


Figura 10 e 11 – Sessão: “Quem sai aos seus...” – Genealogia no 1.º Ciclo do Ensino Básico, 13/01/2020.

Fonte: CDI.

2.3. Férias Divertidas 2019/2020

As “Férias Divertidas” constam no calendário como uma atividade central da política do município de Ílhavo, porque é sempre muito aguardada pelos mais novos.¹⁰⁵

Dirigido a crianças com idades compreendidas entre os 6 e 12 anos de idade, este programa de ocupação de tempos livres alia a formação pessoal ao entretenimento.

Pelo seu carácter pedagógico, cultural, desportivo e recreativo, constitui uma solução benquista durante as interrupções letivas (Natal, Páscoa e verão), ou seja, em períodos de férias escolares.

¹⁰⁴ A primeira sessão teve lugar a 18 de novembro de 2019 e contou com 22 crianças do 1.º ano da E.B.1 da Cale da Vila da Gafanha da Nazaré. Depois, a 29 novembro, teve lugar a segunda sessão, com cerca de 19 alunos, também do 1.º ano, da E.B.1 da Gafanha da Encarnação Centro. A 2 de janeiro de 2020, a terceira sessão, juntou um total de 29 alunos, uma turma do 3.º ano e outra do 4.º ano da E.B.1 da Senhora do Pranto, em Ílhavo. Por fim, a 13 de janeiro, ocorreu a sessão por mim dirigida, em que marcaram presença 19 alunos do 1.º ano da E.B.1 da Gafanha da Encarnação Norte.

¹⁰⁵ Remete-se para o n.º 11 do Anexo, na p. 125.

Todas as atividades do Programa Municipal Férias Divertidas têm lugar nas instalações culturais e desportivas da CMI.

Também o Centro de Documentação se associa a este programa de férias divertidas oferecendo aos participantes momentos de diversão, de aprendizagem e crescimento, neste caso, subordinados aos temas da história local, patrimónios e etnografia ilhavense.

No decorrer do estágio, pude ajudar a preparar e a orientar esses momentos.

Dinamizámos dois jogos diferentes. Um jogo intitulava-se “De cabeça no ar”, e consistiu numa ronda de nove perguntas de cultura geral sobre o município de Ílhavo. Cada grupo tinha de rebentar o balão correspondente à opção correta (como se vê na figura em baixo) e no final das questões construía a palavra “Património”. O outro jogo, designado “Eu vou ser o capitão” traduziu-se num jogo das cadeiras, mas dispostas em forma de barco. Cada cadeira correspondia a uma função dentro de um navio bacalhoeiro. À medida que iam perdendo o assento, era dada uma explicação sobre a função desempenhada a bordo.¹⁰⁶ A última cadeira em jogo, reservada para o vencedor, equivalia ao cargo de chefia da embarcação: o capitão.

Apesar do grupo abranger crianças de várias idades e muito diferentes entre si, todos gostaram de participar nas atividades que o CDI promoveu.

Com estes jogos compreendi que é muito mais fácil, com as crianças, transmitir uma mensagem e ensinar brincando e consolidar conhecimentos num ambiente não formal e descontraído.

¹⁰⁶ Com base no estudo de COSTA, Nuno – *Mulheres de bacalhoeiros: sazonalidade e género (1950-1974)*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Dissertação de Mestrado. 2008. [Em linha]. [Consult. a 19 de dezembro de 2020] Disponível em: WWW:<URL: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/1469>>, p. 20-32. Coube-me sintetizar cada uma dessas profissões bacalhoieras para as dar a conhecer às crianças de uma maneira criativa e simples. Como exemplo, apresentamos a função de escalador e de salgador no n.º 12 do Anexo, na p. 126.

Figura 12 e 13 – Férias Divertidas de Natal, 30/12/2019.

Fonte: CDI.



3. Eventos e outros

3.1. Ciclo de Palestras: “Ílhavo, Terra Milenar: A escrita da Era pré-digital no Município de Ílhavo”

Um dos muitos objetivos do CDI é, como atrás mencionado, promover encontros sobre História Local. O projeto “Ílhavo, Terra Milenar” foi pensado nesse sentido de levar o conhecimento científico à comunidade ilhavense. A escrita e o seu exercício ao longo dos séculos foi o tema central no encontro de 2020, com vista a assinalar o 122.º aniversário da Restauração do Município.¹⁰⁷

A iniciativa foi dirigida a toda a comunidade ilhavense, a estudantes e a investigadores, mas especialmente aos educadores de infância, professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, professores de História, de História e Geografia, de Português, de Educação Visual e Tecnológica, de Cidadania e de TIC, que receberam o certificado pelo Centro de Formação dos Agrupamentos de Escolas de Ílhavo, Vagos e Oliveira do Bairro.

O dia ficou marcado pela participação da Professora Doutora Maria José Azevedo Santos, docente na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), que, durante a manhã, proferiu uma lição sobre a História da escrita, a sua invenção, os

¹⁰⁷ Remete-se para o n.º 13 do Anexo, na p. 127.

agentes e os centros de produção desde as origens até ao séc. XVIII. Participou também o Mestre Paulo Bruno Reis, investigador do Centro de História da Sociedade e da Cultura da FLUC, que orientou uma oficina de manufatura de instrumentos e suportes de escrita, uma demonstração ao vivo das tintas, técnicas e materiais para os usos da escrita.

O dia contou ainda com a assinatura do protocolo entre a CMI e o Centro Social e Paroquial Nossa Senhora da Nazaré, pela sua participação no projeto “Se esta rua fosse minha...”, com a assinatura de alguns contratos de doação de documentos à Câmara Municipal por parte de particulares, e com o lançamento de um número especial da revista biográfica “Nossa Gente”, dedicada ao aguarelista ilhavense Hipólito Andrade em coautoria com Amaro Neves.



Figura 14 e 15 – Ciclo de Palestras: “Ílhavo, Terra Milenar: A escrita da Era pré-digital no Município de Ílhavo”, 18/01/2020.

Fonte: CDI.

Para mim, que ajudei na organização do evento e que contribuí com a comunicação “Tesouros escritos do Centro de Documentação de Ílhavo: divulgação e contextualização dos arquivos dos órgãos autárquicos do Município de Ílhavo”,¹⁰⁸ que antecedeu uma visita guiada ao espaço de arquivo (através do percurso que os documentos que ao dar entrada no arquivo fazem, ou seja a visita iniciou na sala de expurgo, passando pelo gabinete de descrição arquivística e pelo depósito terminando

¹⁰⁸ Em Anexo, na p. 88-94 figura uma tabela construída por mim que reúne e sintetiza a informação relativa a cada um dos arquivos conservados nos depósitos do CDI e da qual me servi para abordar os tesouros da Era pré-digital do Município de Ílhavo.

na sala de leitura com a exposição de alguns tesouros documentais do CDI), foi com certeza um dos maiores desafios que abracei ao longo deste estágio, porque representou uma grande responsabilidade dado que constituiu a minha primeira comunicação para um público especializado. O facto de o público ser formado na área das Humanidades elevou ainda mais o grau de exigência na organização e participação no evento. Mas foi também um grande desafio porque pretendi sensibilizar os professores (os que lecionam nos agrupamentos de escolas do Município de Ílhavo) a transmitirem aos seus alunos a identidade e os valores da nossa terra.

3.2. II Jornadas escolares da Gafanha da Encarnação: “A história do hospital de Ílhavo (Santa Casa da Misericórdia)”

O Agrupamento de Escolas da Gafanha da Encarnação (AEGE) promove todos os anos letivos dois dias repletos de atividades a favor dos seus alunos e de toda a comunidade educativa. No âmbito destas jornadas escolares, todas as atividades se desenvolvem subordinadas ao tema escolhido pela direção.

São convidadas várias entidades de dentro e de fora do município para abordar o tema em diferentes perspetivas. No presente ano, o AEGE escolheu a saúde e os hábitos de uma vida saudável como temática.

Marcaram presença várias farmácias, nutricionistas, laboratórios de análises clínicas, uma equipa de bombeiros e do INEM, entre outros profissionais de saúde.

Também o CDI marcou presença, com a história do hospital de Ílhavo.

Logo que integrei a equipa para dinamizar uma atividade, pensámos organizar um jogo de perguntas com opções e por equipas sobre a história do antigo hospital da Santa Casa da Misericórdia de Ílhavo. O objetivo principal do jogo seria contar essa história da forma mais interativa possível às turmas do 5.º ao 9.º ano de escolaridade.

Numa primeira fase, tratei eu mesma de pesquisar e recolher toda a informação disponível sobre o hospital da Misericórdia em depósito no CDI,¹⁰⁹ para depois a transformarmos num conteúdo apelativo.

Numa segunda fase, elaborámos um folheto informativo para distribuir aos alunos sobre o CDI como “instituição arquivo”, de maneira a divulgar o serviço e dar a conhecer este

¹⁰⁹ Encontrei essa informação sobretudo em recortes de jornal, nomeadamente, em “*O Ilhavense*” e “*O Nauta*”.

equipamento municipal. Por outro lado, inserimos algumas ideias a reter sobre a história do hospital de Ílhavo.¹¹⁰

Por último, preparámos todos os aspetos logísticos como a feitura dos cartões de resposta: A, B, C e D.

Nos dois dias da atividade, à medida que as equipas iam respondendo às perguntas, justificámos a opção correta com uma breve explicação com base na informação recolhida em arquivo.

O meu parecer é que todos gostaram de participar na atividade, pois revelaram-se muito entusiasmados e divertidos. Fizeram perguntas e partilharam conhecimentos.

No geral, foi uma atividade bem conseguida e muito bem aceite.

E porque contribuiu para a formação dos alunos, recebemos como eco do AEGE que “as atividades que dinamizaram foram muito enriquecedoras para os nossos alunos, bem como para a comunidade escolar”.

O CDI não podia ficar mais satisfeito com este reconhecimento, que no fundo é a razão pela qual trabalha todos os dias.



Figura 16 e 17 – II Jornadas escolares da Gafanha da Encarnação, 27- 28/02/2020.
Pela autora.

¹¹⁰ Remete-se para o n.º 14 do Anexo, na p. 128.

3.3. Apoio no tratamento arquivístico: O arquivo do Grémio dos Armadores dos Navios de Pesca do Bacalhau

Em simultâneo com as tarefas e atividades preparadas e realizadas no CDI, houve um trabalho mais interno de apoio arquivístico a ser desenvolvido.

Coube-me auxiliar no tratamento da informação gerada pelo Grémio dos Armadores dos Navios de Pesca do Bacalhau (GANPB), nomeadamente das fichas de inscrição marítima, desde 1938 a 1974.

O GANPB, instituído em 1935 como órgão corporativo do Estado Novo, englobava todas as entidades dedicadas à indústria da pesca do bacalhau.

De organização patronal, dependente do Ministério do Comércio e Indústria, de representação profissional e regulação económica, detinha personalidade jurídica e um funcionamento e administração autónomos.

Competia-lhe, por exemplo, estabelecer trato ao nível do comércio importador de bacalhau, incrementar a frota de pesca e a produção nacional de bacalhau, fiscalizar e orientar a pesca, secagem e venda do pescado por navios nacionais, assim como a comercialização de subprodutos desta indústria e, também, criar uma companhia mútua de seguros para os navios bacalhoeiros. Visava, igualmente, assistir nas condições de vida e de trabalho dos tripulantes e pescadores do bacalhau em cada campanha, cooperar na instituição de caixas de previdência social e, ainda, assegurar a proteção contra acidentes de trabalho e riscos inerentes à profissão, através da realização de seguros.

O arquivo é composto por documentação resultante da atividade do GANPB até ao ano de 1976, data em que é determinada a extinção deste grémio, na sequência da queda do regime.

Além das fichas de inscrição marítima – uma matrícula que se torna de preenchimento obrigatório, em 1938, para todos os que quisessem ir ao bacalhau – o arquivo reúne as atas das comissões e do conselho geral, relatórios, seguros de proteção da frota bacalhoeira, de construção e transformação de embarcações, cobranças e depósitos, faturas e recibos, receitas, despesas e registos de pesca e da comercialização de bacalhau, inventários e balanços, correspondência, imprensa, listas de inscritos no grémio, fichas biográficas de pescadores e fichas de tripulantes.

Ao longo de meses de estágio cuidei de conferir o nome do tripulante e a data da assinatura (pelo próprio) em cada uma das fichas de inscrição marítima e certificar que esses dados teriam correspondência direta numa folha Excel, como se observa na figura que se segue, para agilizar e tornar mais proveitosa a recuperação da informação.

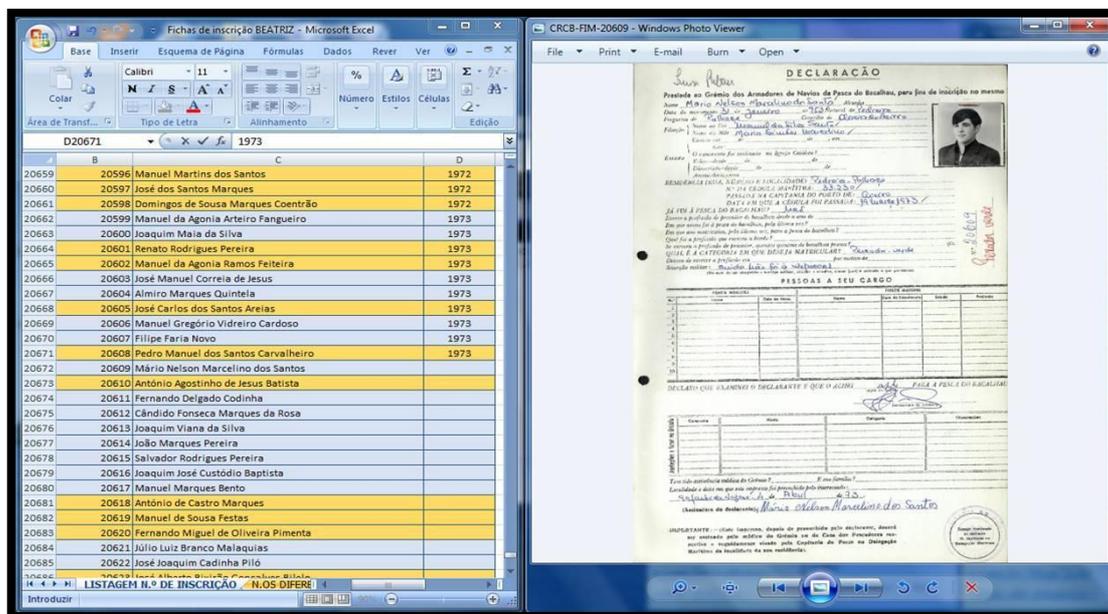


Figura 18 – Fichas de inscrição marítima no GANPB: organização da informação. Pela autora.

São, aproximadamente, 21.000 fichas que, digitalizadas e disponibilizadas na base de dados *online*, constituem uma importante fonte de informação e de investigação.

Muito mais do que os simples dados pessoais de cada tripulante (nome, data de nascimento, naturalidade, filiação, descendentes, residência e até situação militar), incluem dados profissionais (campanhas do bacalhau em que participaram, por ano, com a indicação da embarcação e categoria a bordo).

Estas fichas têm como complemento os cartões de identificação pessoal, onde se encontram registadas algumas informações adicionais, mais propriamente a categoria de embarque, a função desempenhada a bordo dos navios bacalhoeiros e os anos das campanhas realizadas, assim como o respetivo número de quintais pescados, no caso dos pescadores à linha.

Em articulação com uma colega estagiária no CDI no âmbito do PMBET, tratei de verificar a identificação de cada tripulante, o seu número de inscrição no GANPB e o nome do navio em que cumpriu a sua 1.^a campanha, com o objetivo de retificar e/ou colocar por ordem a digitalização desses cartões, de forma a organizar essa informação

para a disponibilizar no futuro por via digital a um público mais alargado. Todos esses dados, devidamente conjugados, alimentam o portal “Homens e Navios do Bacalhau”, um projeto lançado em 2015 pela Câmara Municipal de Ílhavo e desenvolvido pelo Museu Marítimo de Ílhavo com o apoio da Fundação Engenheiro António Pascoal.

A frota bacalhoeira portuguesa e os seus homens constituem um vasto e rico património do MMI e, por isso, este arquivo digital é uma excelente ferramenta de estudo, porque permite cruzar dados do registo dos homens com o dos navios, mas também e principalmente, porque facilita e incentiva a recolha, a partilha e a inclusão da comunidade ilhavense na construção e preservação da memória coletiva.

A par com todo este património escrito, o portal reúne vários testemunhos de homens ligados à pesca do bacalhau em formato audiovisual.

Este portal é uma verdadeira rede social da memória da pesca do bacalhau.



Figura 19 – Portal “Homens e Navios do Bacalhau”.

Fonte: WWW:<URL:http://homensenaviosdobacalhau.cm-ilhavo.pt/>.

Com este trabalho foi possível ter uma perspetiva histórica, uma visão global das datas, campanhas, navios e funções de todos e de cada um dos inscritos no Grémio dos Armadores dos Navios de Pesca do Bacalhau. Foi possível acompanhar a evolução desta atividade socioeconómica entre os anos 30 e 70 do séc. XX, vulgarmente conhecidos como os anos áureos da Faina Maior, mas sobretudo, acompanhar o percurso profissional dos tripulantes, uma vez que os cartões e as fichas de inscrição no GANPB permitem reconstituir o cadastro de serviços prestados por cada homem. E, simultaneamente, torna-se possível perceber que, além de oriundos de diversas

localidades do país, possuíam níveis de escolaridade muito distintos, pela análise das assinaturas autógrafas ou pela ausência delas.

Desde a caracterização das tripulações à análise do recrutamento, passando pela composição e evolução da frota bacalhoeira e seus armadores e construtores, ao desenvolvimento das técnicas e competências nas artes de pesca, são muitos e diversos os elementos de estudo.

Para além da perspetiva histórica e socioeconómica, o facto de ter colaborado num trabalho mais técnico, próprio de uma “instituição arquivo”, ajudou-me a perceber como funciona, verdadeiramente, um arquivo por dentro e no dia a dia, isto é, como são os “bastidores”, o “lado de lá” que o grande público não vê e não conhece.

Conclusão

De novembro de 2019 a maio de 2020 o estágio curricular que realizei no Centro de Investigação e Empreendedorismo do Mar – CIEMar-Ílhavo, na valência do Centro de Documentação de Ílhavo, permitiu-me adquirir uma importante experiência a nível pessoal, académico e profissional.

Para um estudante de Política Cultural Autárquica nada é mais desafiante e enriquecedor do que poder trabalhar numa Câmara Municipal, de participar em tomadas de decisão e de experienciar no terreno, com o público, o decorrer de atividades que foram programadas durante meses, assim como poder aplicar as aprendizagens e competências adquiridas na parte teórica do mestrado ao longo do período de estágio.

Devido ao estado de emergência decretado no nosso país, a agenda cultural do município foi quase totalmente cancelada ou suspensa como medida de contenção na propagação do novo coronavírus. No entanto, considero que os objetivos a que me propus com este estágio foram, em boa parte, cumpridos.

É certo que ficaram por realizar muitas atividades, nomeadamente as “Férias Divertidas” de Páscoa e Verão 2020, que todos os anos trazem ao CDI crianças novas, a “Semana dos Arquivos” que contempla sempre um seminário e a participação do CDI no “Ilustração à Vista” e na “Rota das Padeiras”, este ano com atividades pontuais alusivas ao projeto de toponímia “Se esta rua fosse minha...” em que eu iria participar. Também alguns dos projetos que idealizei e que pretendia desenvolver, não puderam ser concretizados devido aos condicionamentos impostos pela pandemia, é o caso do projeto educativo “Ílhavo e o Liberalismo”, porque “sem fontes não há História”, e uma vez que o arquivo da fábrica da Vista Alegre foi encerrado, a investigação teve de ser adiada e a colocação em prática do jogo que concebi intitulado “Memória(s) de Ílhavo” ficou a aguardar pelo restabelecimento das condições de saúde pública.

Porém a avaliação que faço é positiva, acredito ter adquirido as bases de trabalho essenciais para um futuro contexto profissional.

Creio que este estágio foi muito abrangente em atividades e com todas elas retive ensinamentos diferentes.

Para mim, esta experiência de estágio permitiu-me desmistificar o funcionamento de um arquivo, de ver por dentro e perceber que os arquivos são locais de formação, educação e conhecimento à semelhança de outros espaços culturais.

Os arquivos não se confinam a quatro paredes. Não servem apenas para proceder ao tratamento arquivístico, para descrever e conservar documentos.

Disponibilizar os documentos, criar contactos e ir ao encontro das comunidades é um desafio, mas também um privilégio.

Embora com uma dinâmica diferente quando comparados com uma biblioteca de leitura pública, servem, igualmente, a comunidade, constituindo um espaço de maior interesse pelas atividades sociais e culturais que a todos são proporcionados e acessíveis.

Como “guardiães da memória” e identidade coletiva, os arquivos são agentes da salvaguarda do património local e espaços privilegiados para o estudo, preservação e defesa da nossa história, pela função social de promoção da cultura.

No CDI, a política adotada é a do encontro com os vários tipos de público com quem trabalha e da comunidade na qual se insere. Com mais ou menos idade, com maior ou menor grau de conhecimentos e com diferentes interesses e necessidades, a estratégia educativa é igual para todos, incidindo num aspeto fundamental: a valorização do património material e imaterial local e o reforço da identidade municipal.

De facto, ao terminar este relatório não posso deixar de concluir que este estágio foi um grande desafio, na medida em que me colocou à prova em diversos momentos e, também, muito compensador, por obter ecos e críticas muito positivas em relação às atividades desenvolvidas.

Como indiquei anteriormente, à data de início do meu estágio a programação do CDI já havia sido estabelecida e, portanto, inclui-me nelas tentando sempre dar o meu contributo pessoal para o sucesso dessas atividades.

Recordo as ações de formação/consciencialização nas várias escolas do concelho de Ílhavo acerca da exposição itinerante – “Do Paleolítico à atualidade: herança arqueológica”, as sessões de genealogia – “Quem sai aos seus...” do 1.º Ciclo, as atividades das “Férias Divertidas”, as II jornadas escolares da saúde no agrupamento de escolas da Gafanha da Encarnação e o ciclo de palestras – “Ílhavo, Terra Milenar”, como atividades extremamente importantes para o meu percurso e para o meu desenvolvimento e capacitação.

Graças ao meu envolvimento nas atividades referidas pude superar-me, ganhando experiência no contacto com os públicos e tornar-me mais desperta para adequar o discurso aos destinatários.

Recordo igualmente a entrevista que fiz ao Dr. Luís Ferreira, diretor artístico do 23 Milhas – projeto cultural do Município de Ílhavo, ressaltando o privilégio de estabelecer contacto com um profissional da cultura com um currículo tão vasto no que toca à direção e coordenação de projetos e à produção de eventos e realizações socioculturais. Pela riqueza do seu testemunho nesta conversa, compreendi muito facilmente como se passa da concetualização de um projeto para a sua implementação no território, quais as estratégias a seguir e os passos a dar.

Perceber as necessidades e analisar as características do território e da comunidade são alguns aspetos absolutamente fulcrais para o sucesso, tanto de um grande projeto, como de uma pequena atividade e que qualquer aspirante a técnico superior de cultura numa autarquia deve ter sempre em consideração.

Se hoje Ílhavo se apresenta como um município culturalmente dinâmico e ativo, tal deve-se ao facto de ter sabido investir na área da cultura levando a cabo políticas culturais de interesse que não só promovem o desenvolvimento do setor cultural e artístico, como reforçam a coesão local a nível social e territorial.

Referências bibliográficas e eletrônicas

1. Consultas

23 MILHAS - A CULTURA DO DIA A DIA – Câmara Municipal de Ílhavo. 2017.

AGENDA 21 DA CULTURA – Um compromisso das cidades e governos locais para o desenvolvimento cultural. Barcelona. 2004.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DE ÍLHAVO – Guia dos Arquivos. 2015.

DIAGNÓSTICO SOCIAL DO CONCELHO DE ÍLHAVO – Câmara Municipal de Ílhavo. 2020.

Despacho n.º 6470/2019 – Diário da República n.º135/2019, Série II de 2019-07-17, relativo à organização dos serviços municipais.

GARRIDO, Álvaro (coord.) – *Boletim CIEMar-Ílhavo*, n.º 1 (2013).

GARRIDO, Álvaro (coord.) – *Boletim CIEMar-Ílhavo*, n.º 2 (2014).

GARRIDO, Álvaro (coord.) – *Boletim CIEMar-Ílhavo*, n.º 3 (2015).

GARRIDO, Álvaro (coord.) – *Boletim CIEMar-Ílhavo*, n.º 4 (2016).

INE: Estatísticas da Cultura – 2018. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. 2019.

MADAIL, António Rocha – *Milenário de Aveiro. Coletânea de documentos históricos*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro. 1959. Vol. I. 959-1516.

MONDIACULT – Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais. ICOMOS: Conselho Internacional de Monumentos e Sítios. México. 1982.

ONU: Relatório de Desenvolvimento Humano. 2004. Lisboa: Mensagem. 2004. [Em linha]. Disponível em: WWW:<URL: <http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2004-portuguese.pdf126>>.

PLANO ESTRATÉGICO DO MUNICÍPIO DE ÍLHAVO – Grupo de estudos em território e inovação do departamento de Ciências Sociais, Políticas e do território da Universidade de Aveiro. 2015.

Regulamento n.º 135/2018 – Diário da República n.º 40/2018. Série II de 2018-02-26, relativo aos equipamentos do Município de Ílhavo.

UNESCO – A nossa diversidade criativa: Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. UNESCO: Paris. 1995.

2. Estudos

ALBUQUERQUE, Luís Arroz – “Política Cultural: conceitos e tipologias”, *in Cadernos PAR*, n.º 4 (2011), p. 91-97 [Em linha]. Disponível em: WWW:<URL: <https://iconline.ipleiria.pt/handle/10400.8/403>>.

BARDALHO, Alexandre – “O papel da Política e da Cultura nas cidades contemporâneas”, *in Políticas Culturais em Revista*, vol. 2, n.º 2 (2009), p.1-3. [Em linha]. Disponível em: WWW:<URL: <https://portalseer.ufba.br/index.php/pculturais/issue/view/521>>.

BASTOS, Maria Rosário, DIAS, J.M. Alveirinho. “Uma representação do litoral português: o Baixo Vouga (séculos IX-XIV)”, *in O litoral em perspetiva histórica (Séc. XVI-XVIII)*. Porto: Instituto de História Moderna. 2002 p.111-126 [Em linha]. Disponível em WWW:<URL: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8051.pdf>>.

BETTENCOURT, José António – “A Arqueologia marítima da Ria de Aveiro: uma revisão dos dados disponíveis”, *in GARRIDO, Álvaro; ALVES, Francisco (coord.) –*

- Octávio Lixa Filgueiras: Arquiteto de culturas marítimas*. Lisboa: Âncora Editora. 2009.
- BRANCO, Maria João Violante – *Aveiro Medieval*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro. 1991.
- CARVALHO, José; RAMOS, Rui; SILVA, Ana Rita – *Do Paleolítico à atualidade: herança arqueológica*. Ílhavo: Câmara Municipal de Ílhavo; ERA-Arqueologia, S.A. 2019.
- COMISSÃO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS; COMISSÃO PARA A PREVENÇÃO DE DESASTRES – *Diretrizes para a prevenção e controlo de desastres em arquivo*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal. 2000
- COSTA, António Firmino – “Políticas Culturais: Conceitos e perspectivas”, in *OBS Publicação Trimestral do Observatório das Actividades Culturais*, n.º 2 (1997), p. 10-14. [Em linha]. Disponível em: WWW:<URL: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/13885>>.
- DIAS, João Alveirinho – “A história da evolução do litoral português nos últimos vinte milénios”, in TAVARES, António Augusto; TAVARES, Maria José Ferro; CARDOSO, João Luís – *Evolução geohistórica do Litoral português e fenómenos correlativos: geologia, história, arqueologia e climatologia*. Lisboa: Universidade Aberta. 2004 p. 157-170.
- FONSECA, Senos da – *Ílhavo: Ensaio monográfico Século X ao Século XX*. Porto: Papiro Editora. 2007.
- GARRIDO, Álvaro – *As pescas em Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. 2018.
- GIRÃO, A. de Amorim – *Bacia do Vouga. Estudo geográfico*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 1922.

GOMES, Saul António (coord.) – *Ílhavo: Terra Milenar*. Ílhavo: Câmara Municipal de Ílhavo. 2017.

HENRIQUES, Eduardo Brito – “Novos desafios e orientações das políticas culturais: Tendências nas democracias desenvolvidas e especificidades do caso português”, in *Finisterra*, vol. 37 n.º 73 (2002), p.61-80 [Em linha]. Disponível em: WWW:<URL: <https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/1608>>.

LIMA, Jaime Magalhães – *Os povos do Baixo Vouga*. Murtosa: Câmara Municipal da Murtosa. 1968.

LOPES, J.M. Teixeira – “Da democratização da Cultura a um conceito e prática alternativos de Democracia Cultural”, in *Cadernos de Estudo*, n.º 14 (2009), p.1-13. [Em linha]. Disponível em: WWW:<URL: https://www.researchgate.net/publication/276458003_Da_democratizacao_da_Cultura_a_um_conceito_e_pratica_alternativos_de_Democracia_Cultural>.

MATTOSO, José (dir.) – *História de Portugal* vol. 5: “O Liberalismo: 1807-1890”. Coordenação de Luís Reis e João Lourenço Roque. Lisboa: Círculo de leitores; Estampa. 1994.

MCILWAINE, John – *Prevenção de desastres e planos de emergência: manual básico da IFLA*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal. 2008.

NEVES, Amaro; FERREIRA, Delfim Bismarck – *História de Aveiro: sínteses e perspectivas*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro. 2009.

NEVES, José Soares – *Despesas dos Municípios com Cultura (1986-2003)*. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais. 2005. [Em linha]. Disponível em: WWW:<URL: <http://www.gepac.gov.pt/gepac-oac/outros-docs-02-pdf.aspx>>.

RAU, Virgínia – *Estudos sobre a história do sal português*. Lisboa: Presença. 1984.

RODRIGUES, Manuel Ferreira – *Empresas e Empresários das indústrias transformadoras, na sub-região da ria de Aveiro, 1864-1931*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia. 2010.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (coord.) – “Políticas Culturais em Portugal”, *in V Campus Euroamericano de Cooperação Cultural*. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais. 2007. [Em linha]. Disponível em: WWW:<URL: <http://www.gepac.gov.pt/gepac-oac/outros-docs-05-pdf.aspx>>.

SILVA, Augusto Santos (2007), "Como abordar as políticas culturais autárquicas? Uma hipótese de roteiro", *Sociologia Problemas e Práticas*, n.º 54 (2007) p.11-33.

SILVA, Augusto Santos; PÉRES BABO, Elisa; GUERRA, Paula – “Políticas Culturais locais: Contributos para um modelo de análise”, *in Sociologia, problemas e práticas*, n.º78 (2015), p.1-19. [Em linha]. Disponível em: WWW:<URL: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S087365292015000200006&lng=pt&nrm=iso>.

SOUSA, Carlos Alexandre Pires de – *A Política Cultural em Portugal: 15 anos de (in)sucesso*. Viana do Castelo: Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Dissertação de Mestrado. 2013. [Em linha]. Disponível em: WWW:<URL: <http://repositorio.ipvc.pt/handle/20.500.11960/1602>>.

3. Sites e conteúdos audiovisuais

Site oficial da Câmara Municipal de Ílhavo. Disponível em:

WWW:<URL: <https://www.cm-ilhavo.pt/>>.

Página de *Facebook* da Câmara Municipal de Ílhavo. Disponível em:

WWW:<URL: <https://www.facebook.com/camaramunicipalilhavo/>>.

Canal de *YouTube* do Município de Ílhavo. Disponível em:

WWW:<URL:

https://www.youtube.com/channel/UCArnaDDaYsPUrmJ_g2YB5w/fead>.

Plataforma *online* do Centro de Documentação de Ílhavo. Disponível em:

WWW:<URL: <http://www.centrodedocumentacao.cm-ilhavo.pt>>.

Página de *Facebook* do Centro de Documentação de Ílhavo. Disponível em:

WWW:<URL: <https://www.facebook.com/centrodocumentacaodeilhavo/>>.

Plataforma *online* do Museu Marítimo de Ílhavo. Disponível em:

WWW:<URL: <http://mmi.t-t.pt/>>.

Página de *Facebook* do Museu Marítimo de Ílhavo. Disponível em:

WWW:<URL: <https://www.facebook.com/museumaritimoiilhavo/>>.

Perfil de *Instagram* do Museu Marítimo de Ílhavo. Disponível em:

WWW:<URL: <https://www.instagram.com/museumaritimoiilhavo/?hl=pt>>.

Site do projeto cultural 23 milhas. Disponível em:

WWW:<URL: <https://www.23milhas.pt/>>.

Página de *Facebook* do 23 Milhas. Disponível em:

WWW:<URL: <https://www.facebook.com/23milhas>>.

Perfil de *Instagram* do 23 Milhas. Disponível em:

WWW:<URL: <https://www.instagram.com/23milhas/?hl=pt>>.

Site oficial do Turismo do Município de Ílhavo. Disponível em:

WWW:<URL: <http://www.visitilhavo.pt/pages/3733>>.

Perfil de *Instagram* do Turismo do Município de Ílhavo. Disponível em:

WWW:<URL: <https://www.instagram.com/visitilhavo/?hl=pt>>.

“História a História – Faina Maior: A pesca do bacalhau”, episódio 9. Disponível em:

WWW: <URL: <https://www.rtp.pt/play/p1683/e179495/historia-a-historia>>.

“Sociedade Civil – Eventos Pós-Pandemia”, temporada 16, episódio 75. Disponível em: WWW: <URL: <https://www.rtp.pt/play/p6714/e467497/sociedade-civil>>.

“Visita Guiada – Museu Marítimo de Ílhavo”, temporada 2 e 3 – episódio 12. Disponível em: WWW: <URL: <https://www.rtp.pt/play/p1623/e174426/visita-guiada>>.

“Visita Guiada – Vista Alegre”, temporada 6, episódio 24. Disponível em: WWW: <URL: <https://www.rtp.pt/play/p2366/e253943/visita-guiada>>.

“Da capa à contracapa – O estado das artes” Disponível em: WWW:<URL: <https://rr.sapo.pt/area/267/da-capa-a-contracapa>>.

“Fumaça: Entrevista – Luís Sousa Ferreira sobre cultura” Disponível em: WWW:<URL: <https://fumaca.pt/entrevista-luis-sousa-ferreira-cultura/>>.

Anexos

1. Empresas de seca do bacalhau instaladas na região de Ílhavo entre 1907 e 1928

Designação/Empresa	Fundação	Localização
Marques de Freitas e João Pedro Soares	-	Cale da Vila, Gafanha da Nazaré
Parceria Marítima Ilhavense	1907	Muro Gordo, Ílhavo
Parceria Marítima Africana	1911	Coutada, Ílhavo
Parceria Marítima Aveirense	1911	Chave, Gafanha da Nazaré
Parceria de Pesca Boa União	1912	Muro Gordo, Ílhavo
Empresa de Pesca Boa Esperança	1915	Muro Gordo, Ílhavo
Bagão, Nunes e Machado, Limitada	1917	Muro Gordo, Ílhavo
Nunes e Companhia, Limitada	1918	Muro Gordo, Ílhavo
Companhia Aveirense de Navegação e Pesca	1918	Chave, Gafanha da Nazaré
Infante de Sagres Limitada	1920	Cale da Vila, Gafanha da Nazaré
Empresa de Navegação e Exploração de Pesca	1921	Cale da Vila, Gafanha da Nazaré
Parceria de Pesca, Limitada	1922	Cale da Vila, Gafanha da Nazaré
Sociedade Ilhavense Turuna, Limitada	1922	Ílhavo
Empresa Naval de Pesca, Limitada	-	Cale da Vila, Gafanha da Nazaré
Parceria Marítima de Pesca	1923	Cale da Vila, Gafanha da Nazaré
Cravo, Vilarinho, Limitada	-	Cale da Vila, Gafanha da Nazaré
Empresa de Pesca de Aveiro, Limitada	1928	Chave, Gafanha da Nazaré

Fonte: Adaptado de RODRIGUES, 2010 p. 148.

2. Associativismo cultural no Município de Ílhavo

Academia de Dança – “*Dance Beat*”

AGIL – Associação Cultural

Associação Bacalhoeiros de Portugal

Associação Cultural da Gafanha do Carmo

Associação Cultural e Recreativa – “Os Baldas”

Associação Cultural e Recreativa – “Os Palheiros” da Costa Nova

Associação Recreativa e Cultural “Chio-Pó-Pó”

Associação de Amigos da Malha da Carvalheira

Associação de Amigos do Museu Marítimo de Ílhavo

Auroque – Associação Cultural

Banda dos Bombeiros Voluntários de Ílhavo – “Música Nova”

Cardadores de Vale de Ílhavo – Associação Cultural e Recreativa

Casa do Povo da Gafanha da Nazaré

Confraria Camoniana de Ílhavo

Confraria Gastronómica Bacalhau

Coletividade Popular da Coutada

Cooperativa Cultural e Recreativa da Gafanha da Nazaré

Full Dance Studio

GRAL – Grupo Recreativo Os Amigos da Légua

Grupo Etnográfico da Gafanha da Nazaré

Grupo Folclore – “Os Arrais”

Grupo de Danças e Cantares da Gafanha do Carmo

Grupo de Teatro Amador Ribalta

IP. Arabesque – Escola de Ballet

Orquestra Filarmónica Gafanhense

Os Cardadores de Vale de Ílhavo – Associação Cultural e Recreativa

Pestinhas – Grupo de Dança – Associação Cultural

Quinto Palco – Associação Cultural

Rancho Folclórico “As Ceifeiras” da Gafanha da Encarnação

Rancho Regional da Casa do Povo de Ílhavo

Fonte: WWW:URL:<https://www.cm-ilhavo.pt/viver/cultura/associacoes/associacoes-culturais>>.

3. Entrevista ao Dr. Luís Sousa Ferreira, diretor artístico do 23 Milhas (Projeto cultural do Município de Ílhavo)

Com uma formação base em *Design* e dono de um valoroso currículo na área da Cultura, Luís Ferreira é um profissional de mão cheia.

Criou o Festival de música portuguesa “Bons Sons”, que colocou no mapa a aldeia de Cem Soldos. Tido já como o 12º maior festival do país, este visou, logo de início, desmistificar a ideia de que na paz da aldeia a cultura não acontece.

Foi programador cultural do projeto em rede “Caminhos” que se centra nas áreas da música, teatro, dança e circo na Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo. Estando já na 3.ª edição envolve treze municípios da região: Abrantes, Alcanena, Constância, Entroncamento, Ferreira do Zêzere, Mação, Ourém, Sardoal, Sertã, Tomar, Torres Novas, Vila de Rei e Vila Nova da Barquinha, que vivem e celebram a cultura como princípio, meio e fim.

E, em 2017, deu alma ao projeto cultural do Município de Ílhavo: o 23 Milhas, “um projeto de transformação e desenvolvimento cultural, transversal e inclusivo, que se funda num olhar entre pessoas e territórios”. (23 MILHAS – A CULTURA DO DIA, 2017 p.6)

Pergunta 1: O 23 Milhas é um projeto cultural com um conceito inovador e ambicioso, no sentido em que aproxima a Cultura à comunidade e a faz mais presente no seu dia a dia.

Como nasceu um projeto cultural desta dimensão?

Quais os seus objetivos?

Resposta: O projeto nasceu quando me lançaram o desafio de trabalhar no Centro Cultural de Ílhavo. Na altura existiam várias necessidades dentro daquilo que considero ser um trabalho municipal para a cultura. Para mim, cultura é muito mais do que um punhado de programação num espaço “auditório”, porque colmata uma franja muito pequena.

Existia uma principal necessidade que acabou por se transformar numa oportunidade. Ílhavo é fragmentado, repartido em vários núcleos, composto por duas cidades com diferentes pontos de interesse: um município “poli-centro”, portanto, essa noção de centro cultural nunca conseguiria dar resposta às suas necessidades reais.

E por isso mesmo, porque acredito nas margens e nas periferias, a equipa do 23 Milhas ousou pensar um projeto que não tivesse esse centro.

Depois, porque se por um lado Ílhavo possuía um grande potencial em termos de edifícios culturais que, apesar de tudo, existiam sem razão, sem um projeto, por outro, o município estava a ser engolido pelo vizinho concelho de Aveiro. Em consequência assistia-se à perda do sentimento de pertença, de identidade, principalmente nas camadas mais jovens, o que, aliado a uma antiga e acesa rivalidade entre Ílhavo-Gafanhas e vice-versa foi o mote para se criar um projeto agregador do território.

A partir da imagem poética do farol da Barra, um símbolo identitário cujo feixe luminoso tem um alcance de 23 milhas náuticas e que abrange todo o município, foi possível restabelecer os elos de união. Assim, os quatro edifícios culturais sitos em Ílhavo passaram a ter uma nova lógica, ou seja, a ter uma programação, mas a especializarem-se noutra dimensão e com um objetivo complementar. O Laboratório das Artes, na Vista Alegre, tido como um espaço de formação, pesquisa e de pensamento; a Fábrica das Ideias, na Gafanha da Nazaré, como um espaço de criação com oficinas várias, onde surge inclusive uma boa parte dos projetos nacionais; a Casa da Cultura, em Ílhavo, essencialmente, como local de acolhimento e apresentação de obras e, o Cais Criativo, na Costa Nova, com uma vertente mais informal, jovem e veraneante.

O 23 Milhas promove ao longo do ano uma série de festivais que trabalham a dinâmica do território e a identidade própria do local: O Palheta: Robertos e Marionetas, o Rádio Faneca: Criação em comunidade, o Leme: Festival de circo contemporâneo, o Ilustração à vista: Desenhar um território e a Milha: festa da música e dos músicos de Ílhavo, eventos que agregam os equipamentos do 23 Milhas e envolvem as outras instituições culturais do Município. Promove ainda um conjunto de projetos contínuos: o +Palco, o Performance da Democracia, a Orquestra de percussão, o Olhar por dentro, o Territórios públicos e os projetos em parceria com os agrupamentos de escolas do Município.

Por tudo isto, o 23 Milhas é um projeto muito complexo e ambicioso, que está ainda aquém do que pretendemos e tem três objetivos centrais, muito claros: promover as práticas e a participação cultural da comunidade; contribuir para o desenvolvimento do setor cultural e reforçar a coesão do território e a atratividade do mesmo.

P. 2: Este projeto cultural tem dinamizado bastante o Município de Ílhavo no seu todo, tem captado o interesse da população dos concelhos vizinhos e colhido elogios um pouco de toda a Região Centro, precisamente, pelo seu cariz multidisciplinar e multigeracional.

Que impactos trouxe a atuação do 23 Milhas à vida do Município?

Como define o antes e o depois do 23 Milhas?

R.: O Projeto 23 Milhas cumpre quatro anos no início do próximo ano e, por isso, é muito difícil ter já uma noção clara sobre a sua atuação e impactos. Mas o balanço que fazemos baseia-se em algumas evidências como, por exemplo, a questão do sentimento de pertença e a notoriedade e marca de Ílhavo estar reforçadíssima.

Há quem saliente a cultura como um trunfo, um ponto forte do Município, por outras palavras, uma das características que mais distingue Ílhavo. E também os jovens que diziam pertencer a Aveiro já dizem ser naturais de Ílhavo e com orgulho. Este primeiro passo está conquistado.

Depois, há toda uma dinâmica que se gerou em torno do 23 Milhas e dos seus quatro palcos. Assistimos à criação de várias associações culturais, designadamente o Quinto Palco, uma associação multidisciplinar que, no fundo, é o palco da comunidade e a AGIL ligada à gravura, ao trabalho editorial e ao *design*. Testemunhamos a transformação interna e evolução de uma Banda Filarmónica Gafanhense para uma Orquestra Filarmónica Gafanhense, constantemente desafiada por outras estruturas culturais e a estar presente em vários festivais nacionais.

De uma maneira geral verificou-se um emergir e uma transformação das associações, ainda que de um modo tímido. Tal como a participação, que tem aumentado significativamente, dado que cada vez mais os festivais esgotam.

Ora, o 23 Milhas não é um projeto paternalista no sentido de dar às pessoas o que elas querem ver, mas sim um projeto feito com as pessoas e sempre na intenção do desafio. Trata-se de um projeto que leva o nome de Ílhavo mais longe, pois têm chegado espetadores de Coimbra, Viseu, Porto e obviamente da região de Aveiro.

Um estudo realizado pelo Ilustração à Vista revelou que o retorno da comunicação do festival foi dezasseis vezes maior que o seu investimento. Isto é, sem dúvida, um importante fator de desenvolvimento do turismo, que traz grandes oportunidades a nível económico ao território, mas não traduz de forma indireta e diretamente os efeitos da cultura que são tão importantes e, por isso, tão dificilmente quantificáveis. Os seus

efeitos não são palpáveis, nem sequer transpostos em dinheiro de uma forma simples e concreta.

Mas existem muitas outras evidências, embora necessitem de mais tempo para expressar factualmente a atuação deste projeto.

Para muitos o 23 Milhas encontra-se entre os dez mais referenciados do país e quando se fala em cultura, entre dez cidades, Ílhavo surge muito naturalmente nesse *top*.

P. 3: Na sua ótica, pela experiência que possui na produção, coordenação e direção de projetos e eventos culturais, em que medida o 23 Milhas é um projeto cultural verdadeiramente diferenciador e exemplo do que melhor se faz ao nível da Cultura, colocando Ílhavo em posição de destaque?

R.: Eu creio que o segredo está nesta dimensão holística da cultura, isto é, o tentar não resumir a cultura a um punhado de espetáculos, mas conseguir que os públicos acompanhem, que façam e se sintam parte dos processos, que está neste carácter multidisciplinar e transdisciplinar, no facto de haver uma relação desde o pensamento até à apresentação, de fazer com que as pessoas estejam expostas à cultura de várias formas e em várias fases, e de existir um pensamento agregador.

O projeto cultural 23 Milhas não é dos projetos mais financiados e, mesmo assim, está a obter bastante projeção lá fora. Não é por acaso que vários projetos vêm ter connosco (equipa 23 Milhas) para perceber como montámos esta estratégia para, a seguir, a replicar nos seus locais de origem.

Cá dentro, também está a ser lentamente percecionado. Gosto de pensar que um projeto é como um cubo de gelo, que nasce frio porque não está, ainda, humanizado e que vai derretendo e entrando lentamente na terra, tornando-se o projeto a terra molhada.

Este é um trabalho e processo que leva o seu tempo, uma vez que as pessoas não estão conectadas com a cultura *per se* e necessitam de compreender o que se está a fazer e como se está a fazer. Não é apenas uma questão de Ílhavo, mas sim uma questão à escala nacional.

Contudo, o 23 Milhas, tem reunido indícios e colhido importantes ecos. Sem dúvida que marca pelo seu pensamento aglutinador e transversal a nível de disciplinas, lugares e da relação entre processo criativo desde o momento da conceção até à realização.

P. 4: A Pandemia provocada pelo Covid-19 foi colossal para o setor da Cultura. A situação que vivemos obrigou ao encerramento dos equipamentos culturais como medida de contingência na propagação do vírus. Porém, o 23 Milhas reinventou-se não deixando jamais de cumprir a sua missão.

Ao longo de várias semanas de confinamento, de meses de incerteza, a Cultura em Ílhavo nunca vacilou.

Como diretor artístico do projeto 23 Milhas como surgiu a ideia e como foi preparar conteúdos para levar a Cultura a casa de cada ilhavense?

Qual o seu sentir em relação à adesão ou não da população ilhavense à solução cultural encontrada?

Crê que com o isolamento social as pessoas passaram a atribuir mais valor à Cultura e ao seu usufruto?

R.: Fizemo-lo porque sentimos que, se a cultura já era tão importante, nunca fez tanta falta como durante esta fase de isolamento em que as pessoas viveram circunstâncias muito difíceis, não só económicas, mas também de medos e fobias.

O 23 Milhas compreendeu que era preciso respeitar um distanciamento físico, mas não um distanciamento social, e a cultura seria a grande responsável por essa aproximação. Assim, decidimos montar uma estratégia mista para manter “a cultura do dia a dia”, através dos *Kits* da cultura (que consistiu em entregar porta-a-porta desafios e práticas culturais para cada ilhavense realizar em sua casa), dos Guias de Navegação (que se materializou em pacotes de iniciativas para ver, ler, assistir, visitar e experimentar, no fundo, uma programação completa e diversificada sem sair do sofá) e da “Rádio 23 Milhas” (que em parceria com a Rádio Regional “Terra Nova” se tornou uma fiel companhia ao longo de dez semanas, onde foram transmitidos espetáculos, formações, debates, concertos, poesia e uma série de programas produzidos pelas várias instituições culturais do Município em sinal aberto).

A estratégia foi pensada com o objetivo de fazer sair as pessoas do período de confinamento mais fortes.

De uma maneira geral, a cultura do dia-a-dia em casa teve impactos muito positivos até para a própria equipa do 23 Milhas. Este conjunto de ferramentas que preparámos, preparou-nos também para o reativar da programação presencial logo em junho, quando se deu ordem ao desconfinamento. Tudo isto se revelou muito importante porque, uma

vez mais, mostrou como somos um projeto cultural com tantas outras ferramentas e não apenas um espaço de acolhimento de espetáculos.

É certo que ainda existem medos, receios e muitas incertezas associadas à situação pandémica que vivemos, mas desde junho temos tido os espetáculos cheios (a 50% naturalmente) e estes resultados são verdadeiramente bons.

O 23 Milhas procura transmitir a ideia de que a cultura não é descartável ou que não é apenas “a cereja no topo do bolo”. A cultura é, com certeza, o bolo inteiro, é a nossa essência e tem de existir sempre, independentemente das verbas disponibilizadas e, há que adaptá-la às circunstâncias quando assim tiver que ser.

4. A Cultura em tempo de Covid-19

RÁDIO 105.0 FM
23 MILHAS

AO VIVO
NO FACEBOOK
23 MILHAS - ÍLHAVO

16:00~19:00
segunda a sexta-feira

17:00
segundas
Rádioativos na Maioridade
Maior Idade

terças
Todos a Bordo
Museu Marítimo de Ílhavo

quartas
Arquivo do Avesso
Centro de Documentação de Ílhavo

quintas
Biblioteca gira, que Gira!
Biblioteca Municipal de Ílhavo

sextas
Entrevistas com Ciência
Estaleiro
Estação Científica de Ílhavo

A Rádio 23 Milhas é, mais que uma emissora, uma plataforma de encontro e criação, de manifesto e partilha. Na frequência FM e ao vivo no Facebook, simulamos os palcos agora vazios, enchendo-os, convocando quem nos ouve e vê a ocupar os lugares de uma plateia que não se esgota. Sobretudo em possibilidades. Uma rádio que toca a muitos: desde concertos exclusivos a criações únicas de artistas chamados a criar para a rádio, discos pedidos a rubricas especiais das estruturas culturais do Município de Ílhavo, residências artísticas a debates, poemas lidos pela comunidade a programas especiais dos festivais do 23 Milhas. Pode mudar tudo, a frequência com que ficamos em casa.

23 MILHAS.PT



RÁDIO 105.0 FM
23 MILHAS

quarta AO VIVO
NO FACEBOOK

17:00

Arquivo do avesso
Programa do Centro de Documentação de Ílhavo



Fonte: WWW:<URL:https://www.23milhas.pt/edicao/radio-23-milhas/>.

da cultura do dia a dia Desafios e práticas culturais em sua casa

23 MILHAS ● BIBLIOTECA
MUNICIPAL ● CENTRO DE
DOCUMENTAÇÃO ● MUSEU
MARÍTIMO



23 MILHAS Guia de Navegação em casa
1-8 abril Caderno 1

Assistir

SUGESTÕES

- Festival Inócente Emergency Edition #LIVESTREAM #MUSICA
- Backyard Sessions #LIVESTREAM #MUSICA
- Atelier d'Arquitetura - Espaço Público #RTTPPLAY #ARQUITETURA #DOCUMENTARIO
- Portugal que Dança - Lander Patrick e Jonas Lopes #RTTPPLAY #DANÇA #DOCUMENTARIO
- O Eterno Debate por Teresa Coutinho #RTTPPLAY #TEATRO

23 MILHAS Guia de Navegação em casa
1-8 abril Caderno 1

Visitar

SUGESTÕES

- Museu Nacional de Arte Moderna e Contemporânea de Seul #EXPOSIÇÕESONLINE
- Museu Marioneta do Porto #VISTAVIRTUAL
- Visita virtual 3000 por Santiago Ribas #CONCELHOTOMAR
- Visita Guiada por Paula Moura Pinheiro #VISTAALLEGRE
- MISAOR - Arte, Cultura e Exposição #PLATAFORMADEARTE

23 MILHAS Guia de Navegação em casa
1-8 abril Caderno 1

Pensar

SUGESTÕES

- Em que pensamos? com Luis Ferreira #ACCESSOCULTURA
- Architectural Affairs por Andreia Garcia #TERTULIASDEARQUITETURA
- Fim do mundo em formato irónico #CONVERSADOBANICOMIO
- Educação para os média #RTPENSINA
- Da Gruta, Ecos do Grande Retiro #RGETUA

23 MILHAS Guia de Navegação em casa
1-8 abril Caderno 1

Experimentar

SUGESTÕES

- GAGA Dance online #PAULASDEDANCA #POSDINAMIZIN
- Contradição #ARTKITCHEN #TIBORNADACALHAU
- Desenhe cabeças rapidamente com o método Loomis #PAULASDEDESENHO

23 MILHAS Guia de Navegação em casa
1-8 abril Caderno 1

Famílias

SUGESTÕES

- A Caminhada dos Elefantes por Fátima Almeida #TEATRO
- IndieJunior Allianz #CURTASDEANIMAÇÃO
- Aurora por Teatro e Marionetas de Handrêgira #TEATROEMARIONETAS
- Oficina de expressão plástica #TEATROESCORNIAS #SOCIALDASTEP1
- A Toupeira que Quería Saber quem lhe Fizera Aquilo na Cabeça #HISTORIASPARADIVULVEVER

Museu Marítimo de Ilhavo

 da cultura
do dia a dia
Desafios
e práticas culturais
em sua casa

1 **KIT Didático** €
SE VIAJAR É MARAVILHOSO,
BRINCAR É VIAJAR EM FAMÍLIA

2 **KIT LIVRARIA** €
SABERES LITERÁRIOS,
COM VIAGENS NO TEMPO

3 **KIT LOJA** €
IGUARIAS PARA SABOREAR

ENCOMENDAS
museuilhavo@cm-ilhavo.pt
234 329 990 (10:00-17:00)
Facebook (mensagem privada)

23 MILHAS ● BMI ● CDI ● MMI




Fonte: WWW:<URL: <https://www.23milhas.pt/edicao/kit-cultura-do-dia-a-dia/>>.

WWW:<URL: https://museumaritimo.cmilhavo.pt/frontoffice/pages/41?event_id=742>.

WWW:<URL: <https://www.23milhas.pt/edicao/guia-de-navegacao-em-casa/>>.

PROGRAMAS:
Expresso Musical
EmocionARTE
Ciência em Ação
Mexe-te
Pim, Pam, Pum

EMISSÃO EM DIRETO
segunda a sexta
às 10:30
www.CanalCentral.pt

PROGRAMA DE APOIO
RADAR
A COMUNIDADE EDUCATIVA

Integrado no terceiro eixo
de intervenção do RADAR

**criar e disponibilizar conteúdos
pedagógicos em plataformas
comunicacionais como complemento
às ofertas educativas em curso**

foram produzidos diversos vídeos
dedicados ao Pré-Escolar e 1.º ciclo,
abrangendo as áreas da Ciência,
Atividade Física, Rítmica e Expressiva,
Expressão Plástica, Dramática,
Música e a Educação de Infância,
transmitidos através
do Canal Central/AEVA.


Câmara Municipal de **ilhavo**

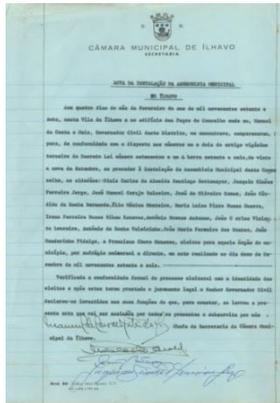


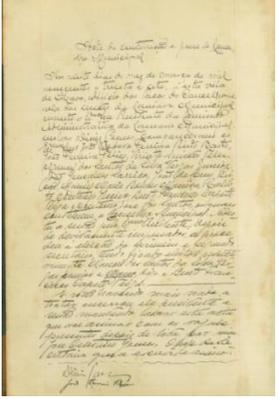
Fonte:WWW:<URL:https://www.cmilhavo.pt/viver/areasdeintervencao/educacao/iniciativa
s/radar-programa-de-apoio-a-comunidade-educativa.</p>
</div>

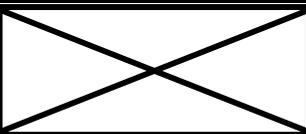
WWW:URL:https://www.facebook.com/maioresidadeilhavo/photos/3829797677095
331.</p>
</div>

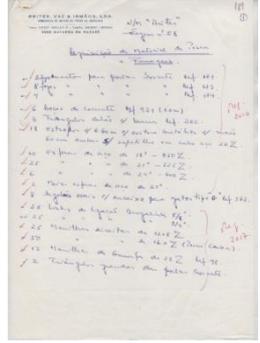
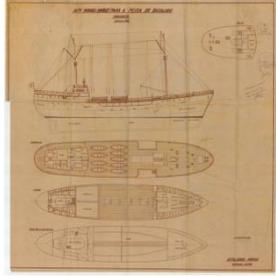
87

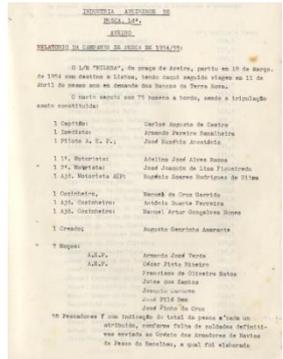
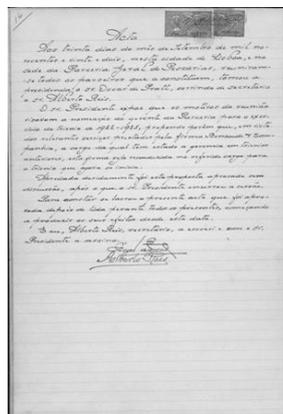
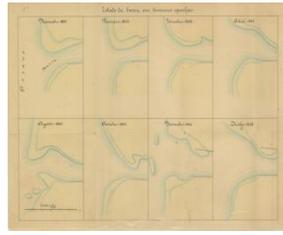
5. Os documentos escritos do Município de Ílhavo

Arquivos de Órgãos Autárquicos	Data de produção	
<p>Câmara Municipal de Ílhavo</p> <p>Órgão executivo do município, órgão colegial composto pelo presidente e por vereadores com e sem pelouros.</p> <p>Documentação que resulta da atividade deste órgão no exercício das suas funções.</p>	1296 –	
<p>Câmara Municipal da Vila e Couto da Ermida</p> <p>Órgão executivo do município, órgão colegial composto pelo presidente e por vereadores com e sem pelouros.</p> <p>Reflete a atividade no decorrer das suas funções.</p>	1727 – 1834	
<p>Assembleia Municipal de Ílhavo</p> <p>Órgão deliberativo da autarquia local</p> <p>Arquivo constituído por atas, correspondência recebida e expedida e respetivos registos, documentos de reuniões e regimentos.</p>	1977 –	

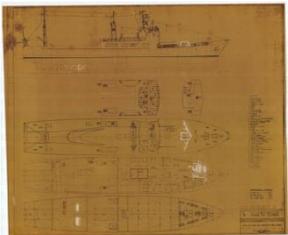
<p>Conselho Municipal de Ílhavo</p> <p>Participação popular na gestão pública. Atas de eleição de representantes, convocações, adiamentos, marcações de reuniões, instalações e perdas de mandato.</p>	<p>1937 – 1982</p>	
<p>Administração do Concelho de Ílhavo</p> <p>Atas da instalação da Sociedade Filial Agrícola: 1855 - 1865; Autos de sanidade dos funcionários da Câmara Municipal de Ílhavo: 1899; Copiador geral de correspondência expedida: 1929 - 1941; Copiador de correspondência expedida pela 1ª repartição: 1840 - 1909; Copiador de correspondência expedida pela 2ª repartição: 1840 - 1920; Copiador de correspondência expedida pela 3ª repartição: 1872 - 1875; Copiador de correspondência expedida pela 4ª repartição: 1856 - 1929; Inventário de documentos da Secção Administrativa da Câmara Municipal de Ílhavo: 1931; Juramentos e posses: 1927 - 1937; Processos de fiscalização de legados pios: 1889 - 1939; Registo de reservistas do exército: 1884 - 1891; Registos de autos de abertura de testamentos cerrados: 1871 - 1934; Registos de carros de cavalos, camionetas e automóveis: 1926 - 1939; Registos de carros de transporte de passageiros: 1894 - 1930; Registos de cartas e diplomas: 1867 - 1936; Registos de editais, 1880 - 1915; Registos de licenças: 1900 - 1922; Registos de licenças de uso e porte de armas de caça: 1927 - 1948; Registos de passaportes: 1836 - 1841; Registos de responsabilidade, identidade, idoneidade e fiança: 1922 - 1939; Registos de termos de fiança ao serviço militar: 1911 - 1922; Registos de testamentos: 1854 - 1932; Registos dos resultados dos exames do curso elementar de instrução primária: 1882 - 1891; Registos vacínicos: 1880 - 1888.</p>	<p>1836 – 1937</p>	

<p>Capitania-mor das Ordenanças de Ílhavo</p> <p>Livros de registos de fogos e moradores no distrito da 1ª, 2ª, 3ª e 4ª companhias.</p>	<p>1827 – 1832</p>	
<p>Arquivos de Temática Marítima</p>	<p>Data de produção</p>	
<p>Associação dos Armadores da Pesca Longínqua</p> <p>Documentação produzida pela Associação dos Armadores de Pesca Longínqua no exercício da sua atividade. O arquivo é composto por monografias, correspondência, diários, viagens e legislação.</p>	<p>1974- 1995</p>	
<p>Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau</p> <p>Acordos sobre pautas aduaneiras; atas; contas de gerência; contas e orçamentos; copiador de informações; despachos; documentos das atas; índices das atas; orçamentos; atribuições de serviços; autos de entrega e receção; autos de sindicância; Caixa de Previdência; certificados de garantia de guerra; comissão de trabalhadores; Comissão Económica Mista Luso-Norueguesa; comunicações internas; Comunidade Económica Europeia; contratos; correspondência; ordens de serviço; salários; escrituras; exposições; fichas de tripulantes; fotografia; balancetes; inquéritos; organigrama; pareceres; recortes de imprensa; relatórios; seguros; sindicância; autorizações de pagamento (registos); balanços; caixa; clientes.</p>	<p>1934 -1986</p>	

<p>Brites, Vaz & Irmãos, Lda</p> <p>Consiste na documentação produzida pela empresa Brites, Vaz e Irmãos, Lda. Contém correspondência, diários, viagens, documentos de caixa e planos.</p>	<p>1935 - 1996</p>	
<p>Estaleiros Mónica</p> <p>Documentos de contabilidade, correspondência e planos de embarcações.</p>	<p>1922-1981</p>	
<p>Grémio dos Armadores dos Navios de Pesca do Bacalhau</p> <p>Atas das comissões, atas do conselho geral, autos de posse, listas de presenças, relatórios, seguros de proteção da frota bacalhoeira, certificados de garantia de guerra de navios, balancetes, caixa, caracterização da frota bacalhoeira, cobranças e depósitos, comercialização de bacalhau, comissão de lotação de tripulações, construção e transformação de embarcações, correspondência, despesa, factos sociais, faturas e recibos, fichas biográficas de pescadores, fichas de inscrição marítima, fichas de tripulantes, gestão de Recursos Humanos, guias, imprensa, inventários e balanços, listas de inscritos no Grémio, listas de tripulações, razão, receita e registos de pesca.</p>	<p>1935 -1976</p>	

<p>Indústria Aveirense de Pesca</p> <p>Correspondência, diários, safra dos navios Milena e João Ferreira, projetos de construção de navios, fotografias e negativos.</p>	<p>1935-1980</p>	
<p>Parceria Geral de Pescarias</p> <p>A documentação reflete a atividade da Parceria Geral de Pescarias enquanto parceria marítima dedicada à pesca e tratamento de bacalhau. O arquivo é constituído por documentos de contabilidade, correspondência, Recursos Humanos, legislação, relatórios, diários, desenhos e publicações.</p>	<p>1891-1999</p>	
<p>Octávio Lixa Filgueiras</p> <p>Documentação que reflete a atividade do Professor Arquiteto Octávio Lixa Filgueiras enquanto estudante, docente, arquiteto, membro associativista, rotário, e acima de tudo como investigador e defensor da arqueologia e Etnologia Navais.</p>	<p>1846-1995</p>	
<p>Porto de Aveiro</p> <p>Documentação produzida pelas entidades responsáveis pela abertura da barra, gestão e administração, desde 1755 até 1998, nomeadamente projetos, cartografia, atas, receita, despesa e correspondência.</p>	<p>1755 - 1998</p>	

<p>Américo Simões Teles</p> <p>Documentos relativos ao trabalho desenvolvido por Américo Teles no âmbito da atividade do Museu. Contém documentos pessoais, monografias, publicações periódicas, postais, fotografias, correspondência, recortes e cartazes.</p>	<p>1930-1989</p>	
<p>António Gomes da Rocha Madail</p> <p>Documentos pessoais, textos assinados pelo próprio e por outros, documentação ligada às investigações, apontamentos e transcrições manuscritas, obras autografadas, edições do autor, monografias, publicações periódicas, postais, cartazes, fotografias, negativos e correspondência.</p>	<p>19?? - 1960</p>	
<p>Diários de Bordo</p> <p>Diários manuscritos de viagens da pesca do bacalhau e de comércio a bordo de navios.</p>	<p>1903 - 1994</p>	
<p>Cartas Náuticas</p> <p>A coleção comporta cartas hidrográficas, cartas de apoio à pesca, cartas de vento e cartas de correntes marítimas.</p>	<p>1849-1981</p>	

Estaleiros Navais de Viana do Castelo Processos de construção, alteração ou reparação de embarcações: arrastões, <i>ferry-boats</i> , rebocador, embarcações de pesca artesanal.	1944 – 2015	
--	-------------	---

Fonte: Pela autora, com base em:

WWW:<URL:https://loja.cmilhavo.pt/uploads/writer_file/document/3628/Guia_dos_Arquivos_2015.pdf>.

6. A programação do CDI (relativa ao ano civil de 2019)

	Crianças	Jovens	Adultos	Seniores
Jan.	“Vamos a ilha’vô”	Programa Vocação	SEMI: Exposição itinerante: “120 anos da Restauração do Município de Ílhavo”	“Vamos a ilha’vô”
			Encontros de História Local: “Terra Milenar: Povoadores vs. Invasores do Município”	
			Lançamento do n.º 4 da revista “Nossa Gente, Biografias”	
		Clube de Genealogia		
Fev.	“Vamos a ilha’vô”	Prog. Vocação	Exposição: “Colónia Agrícola da Gafanha”	“Vamos a ilha’vô” “O arquivo do avesso”
		Clube de Genealogia		
Mar.	“Vamos a ilha’vô”	Prog. Vocação	Clube de Genealogia	“O arquivo do avesso”
	Jornadas escolares da Gafanha da Encarnação: “Profissões antigas do meu Município”			
Abr.	“Vamos a ilha’vô”; SEMI: Férias Divertidas de Páscoa	Prog. Vocação	Inauguração da exposição itinerante: “Do Paleolítico à atualidade, herança arqueológica”	“Vamos a ilha’vô”
	Clube de Genealogia			
Mai.	“Vamos a ilha’vô”	Prog. Vocação	Clube de Genealogia	“Vamos a ilha’vô”
		Exposição: “Mostra do trabalho de Hipólito Andrade”		

Jun.	“Vamos a ilha’vô”	Prog. Vocação	Ponto(s) de Acesso – Semana dos arquivos: Visita orientada: “Porto de Aveiro – Pesca e outras indústrias” (articulada com o MMI); Oficina de Grafologia; O arquivo do avesso: visita guiada ao CDI; Seminário: “Arqueologia documental”; Lançamento da obra “Do Paleolítico à atualidade: herança arqueológica”; Lançamento do n.º 5 da revista “Nossa Gente, Biografias”	Oficina de fotografias bordadas: “As mulheres ilhavenses”; “O arquivo do avesso”
	SEMI: Férias Divertidas de Verão			
Clube de Genealogia				
Jul.		PMOTL (Programa Municipal de Ocupação de Tempos Livres); PMBET (Programa Municipal de Bolsas e Estágios de Trabalho)	Clube de Genealogia	Oficina de fotografias bordadas: “As mulheres ilhavenses”
Ago.		PMOTL; PMBET	/	Oficina de fotografias bordadas: “As mulheres ilhavenses”
Set.	SEMI: “Quem sai aos seus...”	PMBET	Clube de Genealogia	Oficina de fotografias bordadas: “As mulheres ilhavenses”
	Apresentação do projeto “Se esta rua fosse minha...” colaboração dos agrupamentos de escolas do município			
Out.	SEMI: “Quem sai aos seus...”	Prog. Vocação; PMBET	Clube de Genealogia	Apresentação do projeto “Se esta rua fosse minha...” colaboração da

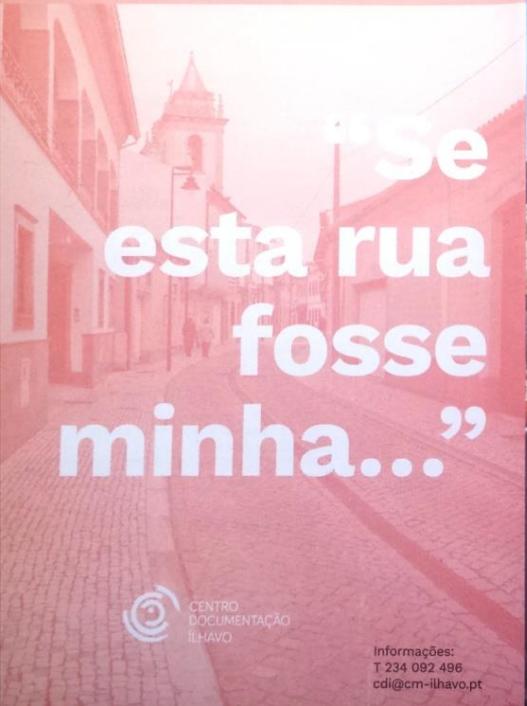
	Projeto “Se esta rua fosse minha...” colaboração dos agrupamentos de escolas do município			Universidade Sénior da Gafanha da Nazaré
Nov.	SEMI: “Quem sai aos seus...”; Apresentação da exposição itinerante: “Do Paleolítico à atualidade, herança arqueológica” nas escolas do Concelho	Prog. Vocação; PMBET	Clube de Genealogia; “Olhar por dentro com Teresa Soeiro”	
	Projeto “Se esta rua fosse minha...” colaboração dos agrupamentos de escolas do município			
Dez.	SEMI: Apresentação da exposição itinerante: “Do Paleolítico à atualidade, herança arqueológica” nas escolas do Concelho; Férias Divertidas de Natal	Prog. Vocação; PMBET	Clube de Genealogia	Festa de Natal da Maior Idade sobre o tema: “Se esta rua fosse minha...”
	Projeto “Se esta rua fosse minha...” colaboração dos agrupamentos de escolas do município			

Fonte: Pela autora, com base em:

WWW:<URL:https://www.cmilhavo.pt/comunicacao/publicacoes/agendaviverem?folders_list_65_folder_id=623>.

8. Projeto “Se esta rua fosse minha...” em destaque na agenda “Viver em...” do Município de Ílhavo

Projeto



“Se esta rua fosse minha...”

CENTRO DOCUMENTAÇÃO ÍLHAVO

Informações:
T 234 092 496
cdi@cm-ilhavo.pt

“Se esta rua fosse minha...”
Anda comigo ver aquela rua!
Tem vida, sabor e nome.
Anda, vem sentir as suas pedras,
Os ecos, o perfume.
Vem olhar o céu azul
Por entre o casario.
E o sol a brincar na calçada
Com alegria, em desvario.

(Refrão)
Se esta rua fosse minha
E eu pudesse lá mandar
Punha vasos nas janelas
Com as flores a espreitar.
Se esta rua fosse tua
E tu pudesses lá mandar
Que farias, que farias,
Para bem a conservar?

Esta rua tem um nome.
Esta rua tem uma história.
Nesta rua mora gente
Que partilha tradição.
Não deixes que ela caia
Num passado sem memória,
No vazio do esquecimento,
Num mundo sem coração.”

**ANDA COMIGO
VER AQUELA RUA!**

Letra: Maria Helena Malaquias
Música: Monika Silva Ferreira
Composição: Universidade Sénior do
Centro Social Nossa Senhora da Nazaré



Na Gafanha da Nazaré, perto da Igreja Matriz, encontra-se um topónimo proposto pela Junta de Freguesia e aprovado pela Câmara Municipal (Ata n.º 22/1990, de 18 de junho de 1990). O Padre Rubens, de seu nome Rubens António Severino, nasceu no Brasil (Rio Pedras) a 7 de agosto de 1942, filho de João Severino e Ângela Padovezi.

Em 1963 concluiu o curso de Formação para Professores Primários na Escola Normal Rural Professor José de Melo Morães. Continua a estudar e obtém a Licenciatura em Psicologia, Pedagogia e Sociologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Entretanto, especializa-se em Administração Escolar na Faculdade de Filosofia de Nossa Senhora Medianeira dos Padres Jesuítas. Toma contacto com o Movimento de Schoenstatt numa residência de estudantes de São Paulo e, mais tarde, parte para Schoenstatt, na Alemanha, onde ingressa no Noviciado do Instituto dos Padres de Schoenstatt, prosseguindo estudos universitários na Faculdade de Teologia de Münster. Antes de regressar ao Brasil, passa pela Gafanha da Nazaré onde trabalham outros padres do Instituto, como o Padre Miguel Lencastre.

É ordenado Presbítero a 12 de agosto de 1978, sendo nomeado Coadjutor da Paróquia da Gafanha da Nazaré em 1979, para em 1982 assumir os destinos da Paróquia.

Na sua passagem pela Gafanha da Nazaré, inicia o processo da construção do Lar da Nossa Senhora da Nazaré, a Casa José Engling, que inaugura em 1985 (junto ao Santuário Schoenstatt).

Pároco muito próximo das populações, vemo-lo em 1982 à frente do Agrupamento n.º 688 do Corpo Nacional de Escutas e a incrementar veementemente o apoio domiciliário da Obra da Providência.

Após doença grave, vem a falecer, no Brasil, a 21 de março de 1990, estando sepultado junto ao Santuário de Jaraguá, em São Paulo.



Colabore no projeto “Se esta rua fosse minha...”, contando as suas memórias, partilhando tradições, curiosidades, acontecimentos, lendas, primeiros habitantes, fotografias antigas e atuais, entre outros. Este espaço é seu.

Ajude-nos a imortalizar a sua rua!

INFORMAÇÃO MEMORIAL SOBRE O TOPÓNIMO, pelo cidadão Fernando Martins

O Professor Fernando Martins, sobre este pároco de Schoenstatt, refere no seu blog Galafanha que “na altura da sua morte, escrevi [...] que no seu exemplo de homem humilde e dedicado à Igreja permanecerá connosco, para nos iluminar uma vida mais desprendida e mais voltada para os outros”. E acrescenta: «Falar do Padre Rubens, da sua vivência entre nós, da sua total disponibilidade, da sua humildade em tantos gestos manifestada, e do seu espírito de pobreza, é deveras difícil. E é difícil porque sentimos a perda de um amigo com tudo quanto de bom sabia dar-nos no dia-a-dia do nosso viver comunitário e das nossas preocupações e anseios individuais. É difícil e doloroso porque sentimos como poucos quanto tinha ainda para nos transmitir numa doação não muito frequente nos tempos que correm, numa entrega enraizada numa fé toda ela impregnada numa simplicidade que cativava e sensibilizava.»

CENTRO DOCUMENTAÇÃO ÍLHAVO

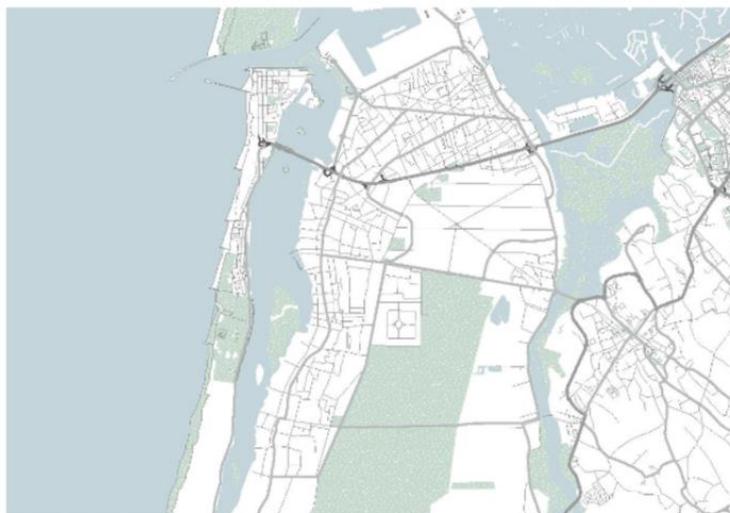
Informações:
T 234 092 496
cdi.investigacao@cm-ilhavo.pt

Fonte: WWW:<URL:https://www.cm-ilhavo.pt/comunicacao/publicacoes/agenda-viver-em?folders_list_65_folder_id=623 >.

9. Articulação do 23 Milhas com o CDI sobre o projeto de toponímia “Se esta rua fosse minha...”

Olhar por Dentro com Saul António Gomes, historiador

[OLHAR POR DENTRO →](#)



ponto de encontro: Casa Cultura Ilhavo
Transporte assegurado

Villa Ilhavo, Vila do Milho, Lagoa de Grou ou Esteiro dos Minhotos são alguns dos topónimos referentes a Ilhavo. Estudar a origem do nome destes lugares é um dos trabalhos que o historiador Saul Gomes tem vindo a desenvolver e que ajudará a caracterizar e cartografar, ao longo da visita, uma identidade ilhavense.

29 Feb 2020
Casa Cultura

HORÁRIO
10:30-13:00

CATEGORIA
ARQUITETURA

FAIXA ETÁRIA
M/12

PREÇO
€3,50

BILHETES →

Fonte: WWW:<URL: <https://www.23milhas.pt/evento/olhar-por-dentro-20-02/>>.

10. Projeto de Estágio – Jogo da Memória

Título: Memória(s) de Ílhavo.

Conceito: A memória é o que mantém viva a nossa essência. É o que recebemos de herança para cuidar e transmitir às gerações vindouras, é o que nos une ao passado e nos liga ao futuro. É a nossa História, Património e Identidade(s).

Destinatários: Público-alvo: 10-15 anos de idade (2.º e 3.º Ciclo).

Instruções: A cada par corresponde uma pergunta com opções. São 30 pares de imagens, o que equivale a 30 perguntas. O jogador que encontrar determinado par faz a pergunta correspondente ao adversário. Atenção que numa partida com 3 ou mais jogadores segue-se a lógica dos ponteiros do relógio ou distribuem-se por 2 equipas. No caso de o adversário acertar a pergunta, ganha o par de cartas que o outro encontrou.

Está associada uma legenda explicativa (como justificação da resposta) sob a forma de curiosidade, narração de um episódio, de uma história, etc. que dá substrato ao respetivo par de cartas. Vence, assim, não aquele que encontrar mais pares, mas o que conseguir acertar mais perguntas.

O jogo “Memória(s) de Ílhavo” desdobra-se em dois, com a possibilidade de acrescentar mais 2 cartas a cada par e com o baralho completo jogar o “Peixinho” consoante as regras já consagradas.

Objetivos: Contribuir para a formação cívica e cultural das gerações mais novas; promover de forma didática e pedagógica os seus conhecimentos sobre a História e o Património cultural material e imaterial do Município de Ílhavo; cultivar, entre os mais jovens, valores de corresponsabilidade na preservação da memória coletiva e reforçar o sentimento de pertença e identidade municipal.

1. Estátua do “Homem do mar”



Ílhavo vive “o mar por tradição”. É um Município iminentemente marítimo. A estátua do Homem do Mar é, pois, uma homenagem aos ílhavos que trabalharam na faina maior, homens exemplos de valentia e rostos de uma gente com garra.

Onde podemos encontrar esta estátua?

- A.** Junto ao Museu Marítimo de Ílhavo
- B.** Junto ao Navio-Museu Santo André
- C.** Junto aos bacalhoeiros no cais dos Bacalhoeiros

Nos dias de hoje as pescas já não têm a mesma importância económica que em tempos, sobretudo entre os anos 30 e 70 do séc. XX. No entanto, as atividades ligadas ao mar continuam a ser uma fonte de rendimento para muitas famílias desta grande comunidade piscatória que é o município de Ílhavo. Com certeza terás na tua família quem fez do mar a sua vida!

2. Foral de Ílhavo



Em 1514, a Coroa outorga à vila de Ílhavo uma Carta de Foral. Este documento veio reconhecer a plenitude de Ílhavo enquanto concelho e reger a sua vida económica e social até o ano de 1832.

Qual dos seguintes monarcas atribuiu maior número de Forais?

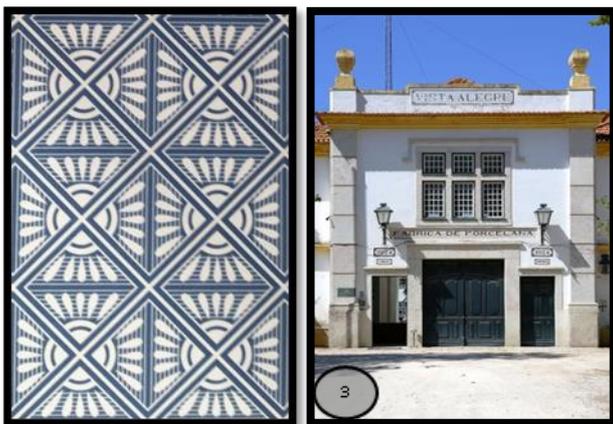
A. D. Sancho I “O Povoador”

B. D. Afonso III “O Bolonhês”

C. D. Manuel I “O Venturoso”

D. Manuel I reformula e atribui mais de 500 Forais conhecidos na História como os Forais Novos ou Leitura Nova. O Foral de Ílhavo por si outorgado data de 8 de março. Sabias que, de cada Foral eram elaborados três exemplares: um para a Câmara do Concelho, outro para o Senhor donatário, isto é, o senhorio a quem estava entregue a circunscrição territorial, e outro para o Arquivo real?

3. Fábrica da Vista Alegre por José Ferreira Pinto Basto



José Ferreira Pinto Basto funda, em 1824, a Real Fábrica da Vista Alegre. No espaço envolvente do complexo industrial encontrava-se edificada uma capela desde 1699, à qual se juntou mais tarde um bairro operário com uma creche, uma barbearia, um campo de futebol e até um teatro.

Todos os anos, no 1.º fim-de-semana de julho, acontecem as festas em honra da padroeira da fábrica. Qual a sua invocação?

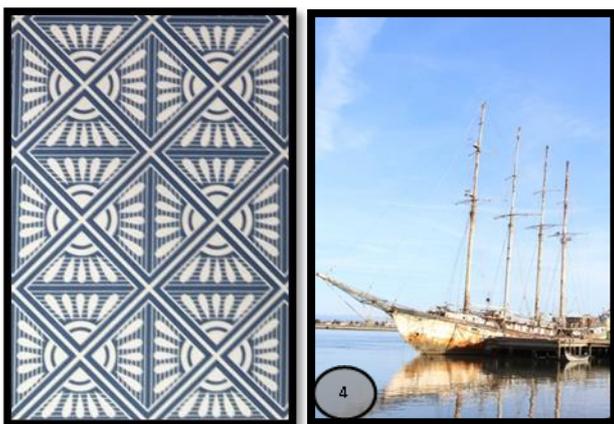
A. Nossa Senhora de Fátima

B. Nossa Senhora da Penha de França

C. Nossa Senhora do Pranto

A par com a indústria da pesca e seca do bacalhau, o Município de Ílhavo caracteriza-se pela produção de porcelanas de alta qualidade. A fábrica da Vista Alegre é um espaço cheio de história(s) que nos fazem viajar ao séc. XIX. A capela está hoje classificada como Monumento Nacional e a festa da Nossa Senhora da Penha de França foi inscrita no Inventário Nacional do Património Imaterial. O próprio museu já ganhou até vários prémios entre eles, o de Melhor Museu do Ano 2017!

4. “Argus” no Cais dos bacalhoeiros



No cais dos Bacalhoeiros, na Gafanha da Nazaré, concentra-se a maior parte da frota bacalhoeira portuguesa e também o grosso da indústria da seca do bacalhau. É como um museu a céu aberto, que nos mostra onde termina uma fase e outra logo se inicia.

Aqui podemos encontrar ancorado um *ex-líbris* da pesca longínqua. O quê?

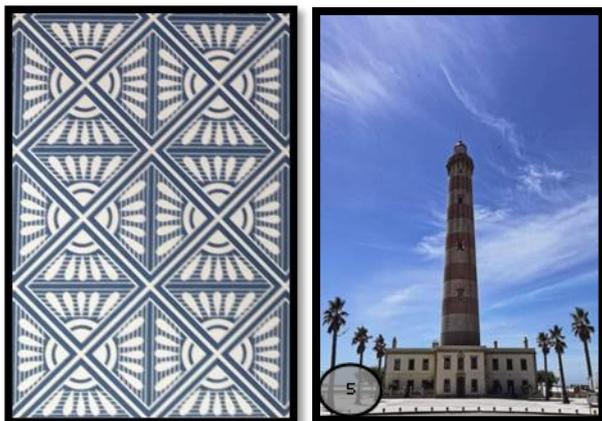
A. O “Argus”

B. O “Santo André”

C. O “Santa Maria Manuela”

Este local mantém vivos na memória os cantares que as mulheres trauteavam nas suas idas e vindas da seca, a pé ou de bicicleta e que tão bem assinalavam mais uma jornada de trabalho. Lembra, igualmente, a indomável tristeza nas despedidas, a preocupação nas partidas e a alegria e o alívio nos regressos. Nada melhor do que visitar os espaços para compreender as histórias que contam e os segredos que guardam. Percorrer o cais dos bacalhoeiros é, sem dúvida, conhecer a História da nossa terra!

5. Farol da Barra



No ano de 1758 dá-se início à farolização da costa portuguesa. Assim, em 1893, entra em funcionamento o Farol da Barra, com o propósito de auxiliar na navegação. Qual o alcance do seu feixe luminoso?

- A. 13 Nós Náuticos
- B. 23 Milhas Náuticas**
- C. 40.744 Km

Com 62 m de altura, o Farol da Barra é o mais alto farol português, o segundo maior da Península Ibérica e o 26º na lista dos mais altos do mundo. Acredita que depois de subidos os 288 degraus estarás perante uma das melhores paisagens costeiras do país.

6. Jardim Henriqueta Maia e Maria Henriqueta da Maia



O Jardim Henriqueta Maia, no centro de Ílhavo, deve o seu nome a D. Maria Henriqueta da Maia, mulher afortunada e oriunda de uma família com grande prestígio na vila.

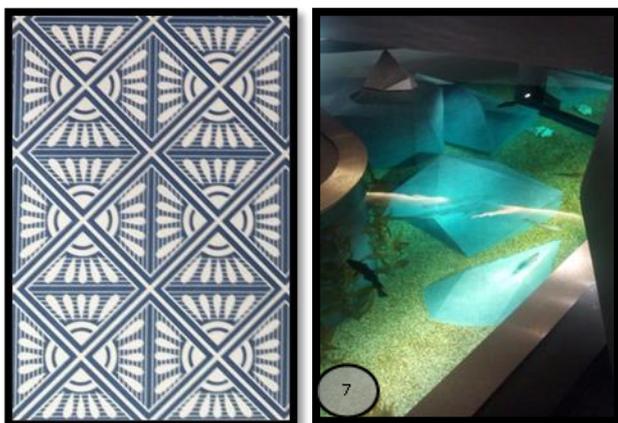
Graças a ela, neste jardim, em 1924, foi possível erguer um monumento que ainda hoje se mantém de pé.

A quem é dedicado esse monumento?

- A.** Aos mortos de Ílhavo na 1.ª Guerra Mundial
- B.** Aos mortos de Ílhavo na Guerra Colonial
- C.** Aos mortos de Ílhavo na pesca do Bacalhau

A Comissão de ilhavenses, encarregada de erigir este monumento não tinha ainda um local. Sabias que D. Henriqueta da Maia decidiu voltar a comprar um terreno que vendera e, generosamente, doá-lo para esse efeito?

7. Museu Marítimo de Ílhavo



Desde que abriu portas, em 1937, o Museu Marítimo de Ílhavo faz perpetuar na memória das gerações o trabalho árduo nas longas campanhas da pesca do bacalhau nos bancos da gélida Terra Nova e da Gronelândia. Um tema tão característico da identidade ilhavense como da cultura portuguesa.

Qual das seguintes personalidades fundou o MMI?

- A.** Octávio Lixa Filgueiras
- B.** António Rocha Madail
- C.** Américo Simões Teles

Falamos de um museu muito premiado e, só por isso, vale a pena visitar. Mas, para além de retratar o nosso passado em alto mar, possui a maior coleção de conchas do país e uma outra de algas marinhas. Faz também parte do MMI um aquário de bacalhaus e um centro de investigação: o CIEMar.

8. “Santo André”, navio bacalhoeiro



Este modelo da frota bacalhoeira portuguesa é um polo do Museu Marítimo de Ílhavo. Desde 2001, todos nós podemos visitar este navio bacalhoeiro. Percorrê-lo desde a proa à popa é embarcar na história da pesca longínqua e honrar todos aqueles que participaram nela.

Qual o nome deste bacalhoeiro?

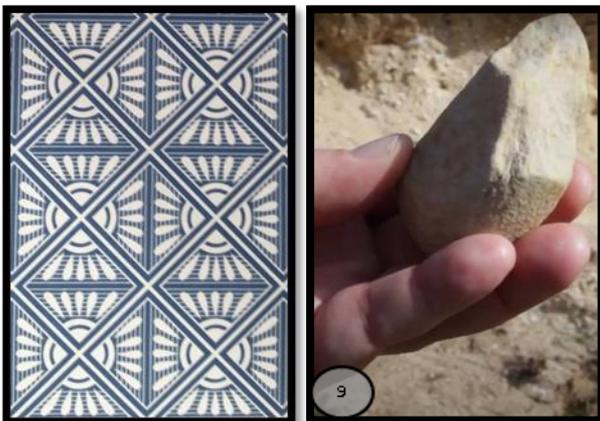
A. “Creoula”

B. “Santo André”

C. “Argus”

Foi mandado construir pela Empresa de Pesca de Aveiro, em 1948. Durante meio século de atividade, foi o único ganha-pão de muitos marítimos e pescadores. Tinha capacidade para carregar até 20 mil quintais de peixe (cerca de 1200 toneladas).

9. Vestígios arqueológicos



Graças aos trabalhos arqueológicos desenvolvidos no município de Ílhavo foi possível constatar a antiguidade deste nosso território milenar.

Os vestígios encontrados pelos arqueólogos permitem datar a mais remota ocupação humana da Pré-História de que período?

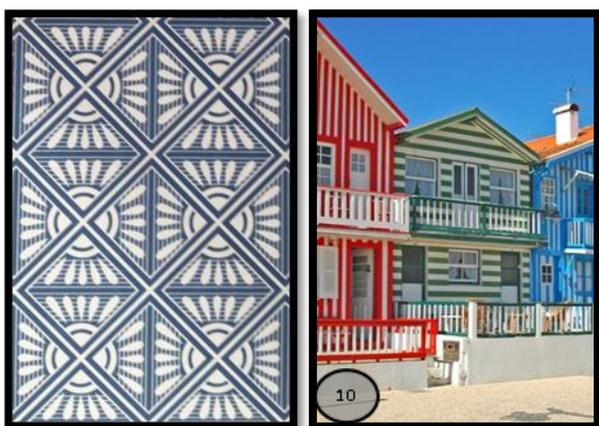
A. Paleolítico

B. Neolítico

C. Calcolítico

Também a Ria de Aveiro constitui um sítio arqueológico de extrema relevância. Uma série de embarcações naufragadas ao largo da costa provam as transformações ocorridas neste território lagunar. Além disso, foi descoberto um aldeamento neolítico a alguns metros de profundidade, considerado como o primeiro sítio pré-histórico subaquático do país.

10. Palheiros da Costa Nova



As famosas e castiças casas com riscas coloridas na Costa Nova designam-se “Palheiros” e remontam aos inícios do séc. XIX.

Para que fim eram originalmente construídas?

A. Casa de 1.^a habitação dos pescadores locais

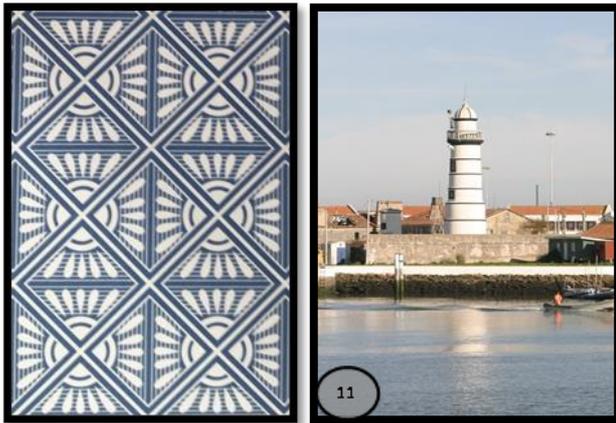
B. Alojamento durante a estação balnear

C. Armazém de alfaias agrícolas e materiais de pesca

Só na 2.^a metade do séc. XIX é que se torna prática corrente a valorização dos tempos de ócio e lazer. Várias figuras conhecidas da sociedade transformam os palheiros em residências balneares. É o caso do Palheiro que pertenceu a José Estevão. Ainda hoje, mantém características que o aproximam do aspeto original e onde o próprio reuniu

amigos influentes da época como, por exemplo, Eça de Queirós. O mesmo escreve, em 1893, que considera a Costa Nova como “um dos mais deliciosos pontos do globo”. Que orgulho!

11. Forte da Barra



Erguido em 1640 a propósito da Guerra da Restauração como ponto estratégico de defesa, foi reconstruído em 1801 como marco de referência à navegação e classificado desde 1974 como Imóvel de Interesse Público.

Falamos de que estrutura?

A. Farol da Barra

B. Forte da Barra

C. Guarita

Da arquitetura militar seiscentista já pouco resta, mas ainda é possível observar, de entre as ruínas e pelas sucessivas edificações que foram ocorrendo no espaço envolvente, alguns vestígios da fortaleza abaluartada. Mantém em funcionamento a torre de sinalização marítima, muito importante nas operações de entrada e saída de barcos na barra do Porto de Aveiro.

12. Indústria da Seca do bacalhau



A indústria transformadora de pescado junto ao Cais dos Bacalhoeiros, na Gafanha da Nazaré, contribuiu muito para o desenvolvimento da nossa terra. Rapidamente Ílhavo surge no panorama nacional como possuidor do maior e mais importante complexo industrial de secagem de bacalhau do país.

Em que altura foram instaladas as primeiras empresas de seca do bacalhau?

A. Finais do séc. XIX

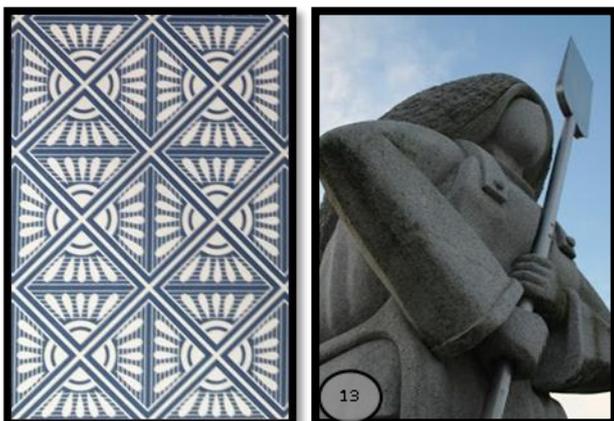
B. Inícios do séc. XX

C. Meados do séc. XX

O trabalho das mulheres nas secas podia ser tão ou quase tão duro quanto o dos homens no mar. Desde a descarga à comercialização era longo o processo de manipulação do pescado.

As secas do bacalhau são um património espelho da identidade ilhavense que merece ser preservado e valorizado.

13. Padas e Folares de Vale de Ílhavo



Na interseção da Rua do Cabeço do Nuno com a Rua da Felicidade, em Vale de Ílhavo, existe uma estátua que homenageia um dos aspetos da nossa identidade cultural.

Qual das seguintes figuras está representada nessa estátua?

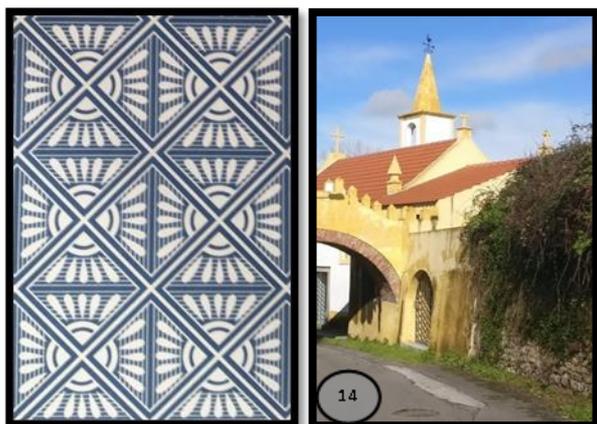
A. As mulheres das secas do bacalhau

B. As salineiras

C. As padeiras de Vale de Ílhavo

As padas e folares de Vale de Ílhavo são um ícone e as padeiras são figuras emblemáticas do Município de Ílhavo. O sabor rústico deste pão advém da sua confeção artesanal: cozido durante a noite no forno de lenha e entregue de porta em porta de madrugada. Todos os anos na habitual “Rota das Padeiras”, somos levados a apreciar este pão com tão longa tradição.

14. Capela da Ermida e a invocação a S. Cristóvão



A Ermida é, hoje, um lugar da freguesia de S. Salvador, mas no séc. XVI foi um pequeno Concelho. Só no séc. XIX (1834) é que perde esse estatuto, data em que é extinto e integrado no vizinho Concelho de Ílhavo.

Neste lugar, um ponto muito frequentado pelos itinerários terrestres e marítimos, houve uma primeira ermida. Qual o nome do santo que aqui era invocado por viajantes e peregrinos?

A. S. Cristóvão

B. S. André

C. S. Tiago

A primeira referência escrita sobre a Vila e Couto da Ermida chega-nos de 1088, quando este território é concedido por D. Sesnando à Sé de Coimbra, na pessoa do

presbítero Rodrigo Ourigues, com o objetivo de arrotear e povoar as terras envolventes. O maior símbolo identitário da Ermida é o Palácio da Quinta do Paço que foi, em 1812, adquirido por José Ferreira Pinto Basto, o fundador da Real Fábrica de Porcelana da Vista Alegre (1824).

15. Casa Gafanhua



A Casa Gafanhua, edificada em 1929, é um exemplar de casa típica das Gafanhas. Transformada em Casa-Museu no ano de 2000, pretende mostrar às gerações mais novas as características do espaço doméstico nos primeiros momentos do séc. XX. Podemos visitar esta casa em que Gafanha?

A. Gafanha do Carmo

B. Gafanha da Nazaré

C. Gafanha da Encarnação

Apresenta uma arquitetura simples de piso térreo. É possível percorrer as divisões e imaginar o quotidiano de uma família. Também os móveis, a sua disposição e os utensílios assim o permitem. O pátio e a eira, a cozinha e o borralho, a sala de jantar e a sala do Senhor são já memórias de outros tempos.

16. Cardadores de Vale de Ílhavo



Irrompem o cortejo carnavalesco de Vale de Ílhavo com os seus trajes coloridos cheios de chocalhos, apitos e guizos. Ano após ano, no Domingo Gordo e no dia de Carnaval, os mascarados saem a desfilarem pelas ruas em grande folia.

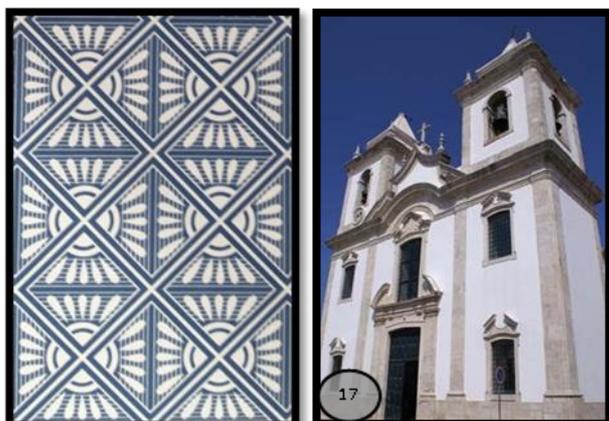
Que nome é dado a estes personagens míticos do Carnaval tradicional de Vale de Ílhavo?

- A. Entrudos
- B. Caretos
- C. Cardadores**

A execução das máscaras é manual e são trabalhadas por cada cardador, que aplica olhos de cortiça, bigodes de rabo de vaca ou de boi, duas asas de ave e fitas. Os carros alegóricos que circulam no cortejo obedecem à presença de sátira e crítica social.

Juntamente com os bailes populares, Vale de Ílhavo ostenta uma das mais tradicionais festas de Carnaval no panorama português.

17. Igreja Matriz de Ílhavo



Ílhavo dedicou a sua igreja, ainda na década de 1220, a S. Salvador. Esta era baixa, não permitia grande iluminação e possuía uma única torre. Foi necessário empreender uma obra de ampliação, até porque, com o aumento populacional registado na vila, tornara-se pequena para acolher tantos fiéis.

A estrutura e aparato da igreja que hoje conhecemos é uma reconstrução iniciada em que ano?

A. 1774

B. 1785

C. 1793

A 3 de outubro de 1774 é lançada a primeira pedra da nova igreja. A obra foi custeada quase totalmente pela generosidade do povo. É inaugurada em 1785. As suas três naves, as altas e robustas colunas de pedra e largas janelas, bem ao estilo setecentista, fazem da igreja matriz de S. Salvador uma das melhores, à época, de todo o bispado de Aveiro. Sabias que o cemitério de Ílhavo foi um dos primeiros a existir no país? Em 1835, a nova legislação proibiu os enterramentos dentro das igrejas. O acatamento imediato da lei fez com que o cemitério estivesse concluído logo em 1837.

18. Bairro dos pescadores da Malhada



Construído entre 1949 e 1959, o Bairro dos Pescadores foi pensado como uma resposta social, pelo Ministério das Obras Públicas do Estado Novo, aos pescadores do município, assim como às suas famílias.

Onde se localiza este conjunto de modestas habitações?

A. Junto ao Cais dos Pescadores, na Costa Nova

B. Junto ao Cais da Malhada, em Ílhavo

C. Junto ao Cais do Largo da Bruxa, na Gafanha da Encarnação

Trata-se de um conjunto de casas térreas e de média dimensão que se distinguem da arquitetura citadina pela sua decoração com motivos náuticos nas chaminés. Este projeto habitacional que abrange Ílhavo e outras cidades, como Fuzeta, Nazaré, Figueira da Foz, Vila do Conde, Póvoa de Varzim e Viana do Castelo, contou com o apoio económico do Grémio dos Armadores dos Navios de Pesca do Bacalhau.

19. Procissão da Nossa Senhora dos Navegantes



As festas populares e religiosas das gentes da beira-mar transmitem bem a fé e a confiança que depositam nos seus santos protetores.

Qual dos seguintes cultos não é tradição no Município de Ílhavo?

A. Nossa Senhora dos Navegantes

B. Senhor Jesus dos Navegantes

C. Nossa Senhora do Mar

O Senhor Jesus dos Navegantes é uma devoção muito antiga que recorda os navegantes ilhavenses e as embarcações naufragadas ao longo de séculos de História. Já a devoção a Nossa Senhora dos Navegantes enraizou-se na nossa comunidade piscatória na década de 70 do séc. XX. A procissão em honra da Nossa Senhora dos Navegantes é uma procissão náutica que representa a ligação íntima destas gentes ao mar.

20. Casa Vila Africana (Arte Nova)



Na cintura urbana de S. Salvador existe um núcleo muito específico de casas que constituem bons exemplos de um estilo artístico que marcou o início do séc. XX.

Pelas suas características arquitetónicas, pelas fachadas decoradas com gradeados de ferro, pelo uso de azulejos com motivos da natureza e de coloridos vitrais nas janelas associamos esta casa a qual das seguintes correntes artísticas?

A. Arte Nova

B. Futurismo

C. Expressionismo

A Casa dos Cestos, na rua do Cabecinho, é um Monumento de Interesse Público desde 2013. É um dos mais ricos exemplares da arquitetura da Arte Nova na Região Centro.

Outro dos expoentes máximos deste estilo no município de Ílhavo é a porta n.º 135 na Rua Vasco da Gama. A “Vila Africana”, construída em 1908, está também classificada pela Direção-Geral do Património Cultural como um Imóvel de Interesse Público, ou seja, a preservação e conservação destes edifícios diz respeito a todos nós.

21. José António Pereira Bilhano e a Rua Arcebispo Pereira Bilhano



Nasce em Ílhavo, no seio de uma família de pescadores, em 1801. Forma-se na Universidade de Coimbra e mais tarde segue a vocação religiosa, chegando a desempenhar importantes cargos na Igreja. É inclusivamente agraciado pelo Papa não só pelo carinho, mas também pela generosidade para com os seus fiéis.

Falamos de que personalidade?

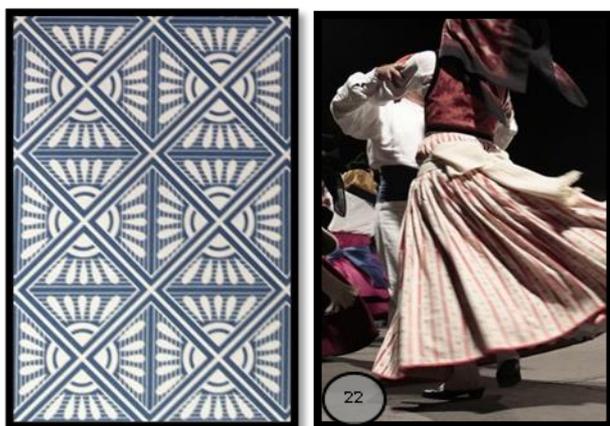
A. D. Manuel Trindade Salgueiro

B. Arcebispo Pereira Bilhano

C. D. Júlio Tavares Rebimbas

José António Pereira Bilhano cumpriu funções na diocese de Aveiro e na Arquidiocese de Évora onde se tornou uma pessoa muito querida pela sua bondade. Veio a falecer em 1890, com 89 anos de vida. No ano de 1919, com a intenção de homenagear quem fez o bem, a comunidade ilhavense decide atribuir o seu nome à rua onde Pereira Bilhano nasceu, cresceu e morreu.

22. Museu Etnográfico do Rancho Regional da Casa do Povo de Ílhavo



As Casas do Povo foram uma criação do Estado Novo (1933) com vários objetivos. Nelas surgiram algumas associações de carácter social e cultural. Também no Concelho de Ílhavo existiram Casas do Povo. Qual das seguintes associações culturais nasceu aí em 1984?

A. Filarmónica Gafanhense

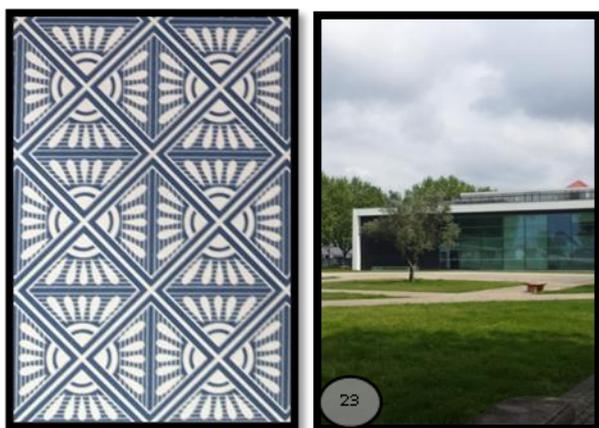
B. Grupo de Danças e Cantares da Gafanha do Carmo

C. Rancho Regional da Casa do Povo de Ílhavo

O Museu Etnográfico do Rancho Regional da Casa do Povo de Ílhavo, sediado na antiga Escola Primária da Boavista, pretende dar a conhecer aos visitantes os trajes, as

danças e os cantares, os usos e os costumes das gentes de Ílhavo. Neste museu somos convidados a preservar e a divulgar um património singular da cultura popular ilhavense.

23. Jardim 31 de Agosto



O Jardim 31 de Agosto na Gafanha da Nazaré, recorda-nos uma data importante na história desta terra. O que simboliza?

- A.** Criação da Freguesia e Paróquia
- B.** Elevação a Cidade
- C.** Abertura da Barra de Aveiro

A pedido da população, D. Manuel II decreta, em 23 de junho de 1910, que “o lugar da Gafanha tem os elementos necessários para se poder constituir numa freguesia”. E, pouco depois, a 31 de Agosto, chega pelas mãos do Bispo de Coimbra o documento que instituíu a paróquia, afirmando que “a freguesia da Gafanha será desanexada da freguesia de S. Salvador de Ílhavo tendo por orago Nossa Senhora da Nazaré”.

Sabias que o Pe. João Ferreira Sardo foi o primeiro pároco e que o primeiro registo paroquial é um batizado, logo em Setembro de 1910?

24. A calçada Arrais Ançã



Na grande calçada de frente para a Ria e junto à Avenida principal na Costa Nova encontramos o rosto de alguém que ousou desafiar o mar com a sua força e valentia. Graças a si, dezenas de pessoas foram salvas de naufrágio. Só um verdadeiro lobo-do-mar é capaz de um ato tão heroico como este. De quem falamos?

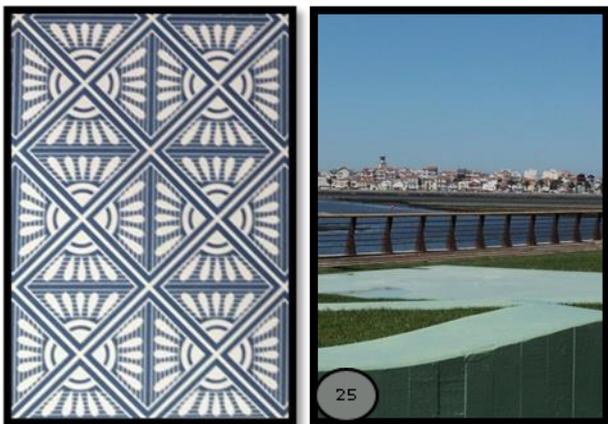
A. Comendador Egas Salgueiro

B. Arrais Gabriel Ançã

C. Capitão Francisco Marques

Nasce em Ílhavo em 1845, no seio de uma família humilde. Desde cedo se distingue pela maneira como enfrenta o mar. A Calçada Arrais Ançã, na Costa Nova, é um tributo a este glorioso ilhavense, responsável pela vida de tantos tripulantes que o mar surpreendeu. O arrais Gabriel Ançã foi condecorado com a medalha de mérito em 1886 e 1898.

25. O Largo da Bruxa



Trata-se de um antigo ancoradouro de barcas que faziam a travessia da Ria em direção à Costa Nova. Este local, onde existe ainda uma tasca, foi o ponto de encontro entre gerações de pescadores, que na pausa do trabalho ali se juntavam para petiscar. Que local é este?

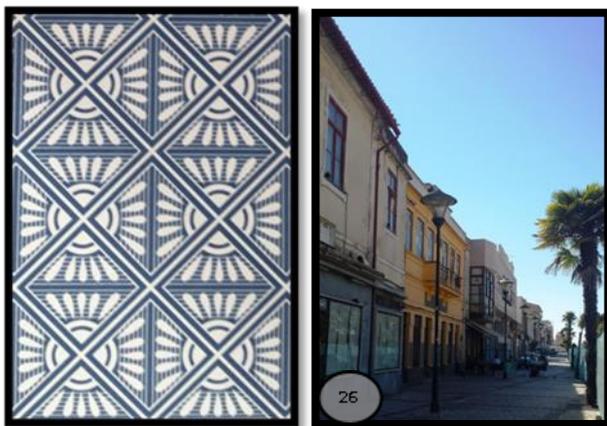
A. Cais da Malhada, em Ílhavo

B. Cais da Barca, na Vista Alegre

C. Cais do Largo da Bruxa, na Gafanha da Encarnação

A par com a pesca longínqua, a pesca lagunar foi para os pescadores um recurso essencial na alimentação e no sustento das suas famílias. A pesca está para a história local como o mar no ADN dos ílhavos, o que justifica o elevado número de cais, ancoradouros e marinas no nosso município. Junto à icónica tasca, o Largo da Bruxa é um lugar privilegiado para apreciar o pôr-do-sol.

26. A calçada Carlos Paião



A Calçada Carlos Paião no centro de Ílhavo, pretende homenagear um ilhavense dono de uma carreira musical de sucesso. Compositor, intérprete e instrumentalista sem igual, que produziu mais de 500 canções. Em 1981 concorre com “Playback” e vence qual dos seguintes festivais?

A. Festival da Canção da RTP

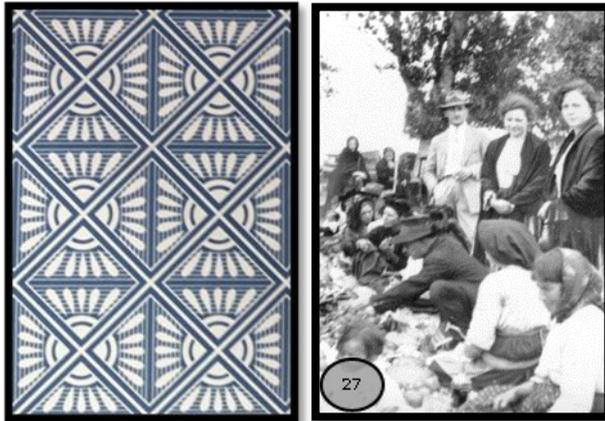
B. Festival da Eurovisão da Canção

C. Festival Mundial de Música Popular de Tóquio

Depois da Eurovisão, Carlos Paião concorre, em 1985, ao Festival Mundial de Música Popular de Tóquio, tendo a sua canção ficado entre as 18 seleccionadas, num total de

2.000, representativas de 58 países. Paião escreveu, inclusivamente, canções para outros artistas, como, por exemplo, a fadista Amália Rodrigues. Parte em 1988, conquistando um lugar no coração da comunidade e marcando a memória de um país inteiro.

27. A feira da Vista Alegre



A pedido da população e por mercê régia de D. Pedro II, em 1693, o que foi criado na vila de Ílhavo nos dias 12, 13 e 14 de setembro de cada ano?

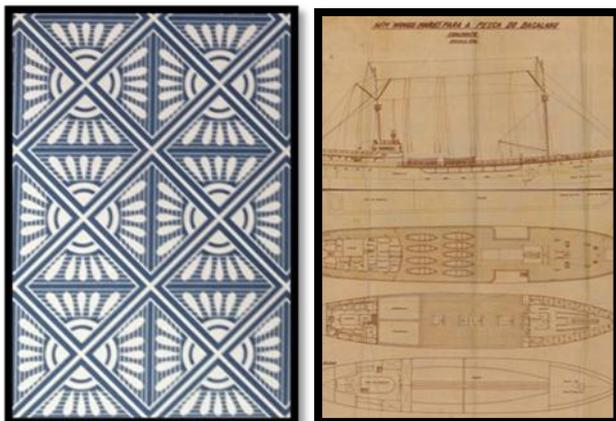
A. A Feira das colheitas

B. A Feira dos treze

C. A Feira de setembro

D. Pedro II é quem autoriza a realização de uma feira franca no concelho de Ílhavo. O documento régio ditava os dias 12, 13 e 14 de setembro de cada ano, mas, face à sua importância, desta feira passou a ser mensal e apenas no dia 13. A Vista Alegre tornou-se um lugar de tão grande afluência de gentes que permitiu a muitos vendedores e lavradores escoar os seus produtos, contribuindo para o desenvolvimento da economia local. Ainda hoje, neste mercado típico, são comercializados todos os tipos de bens.

28. O Mestre Mónica e os Estaleiros navais



No ano de 1887, é fundada uma empresa de construção e reparação naval que em muito contribuiu para o desenvolvimento da economia da nossa região. Entre 1889 e 1911, esta instalação industrial seria a única na construção de embarcações de grande tonelagem adequadas ao alto mar. De que instalação se trata?

- A. Estaleiros Navais de São Jacinto
- B. Navalria – docas, construções e reparações navais
- C** Estaleiros Navais Mónica

José Maria Bolais Mónica, fundador dos Estaleiros Mónica, destacou-se como mestre na arte da construção naval. Falamos da primeira unidade industrial com tamanha importância na Gafanha da Nazaré. Os anos de 1939 e 1945 foram muito positivos. Viveram-se tempos de prosperidade, graças à aposta na modernização que resultou num aumento de encomendas. Contudo, em 1962, a empresa mergulha numa grave crise, acabando dissolvida em 1981.

29. Caminho do Praiã e a natureza da Ria de Aveiro



Parte do território ilhavense está compreendido num longo espelho de água, classificado como Zona de Proteção Especial, pois é o habitat de muitos seres vivos. Anualmente, cerca de 20.000 aves marinhas podem ser avistadas em que curso de água?

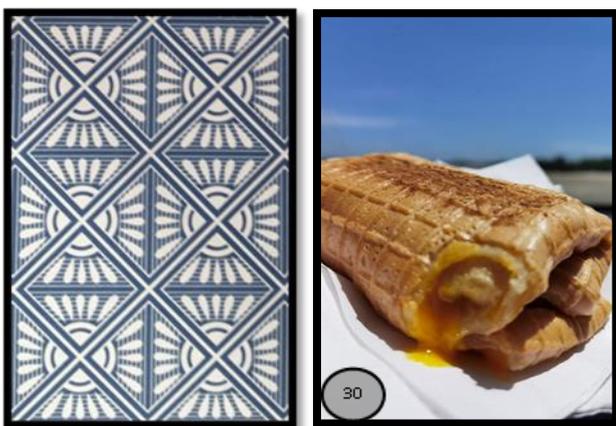
A. Na Ria de Aveiro

B. No Rio Vouga

C. No Rio Boco

A Ria de Aveiro oferece excelentes condições para a instalação e desenvolvimento de várias espécies, desde as aves, aos anfíbios, passando pela flora. O Caminho do Praiã, na Gafanha do Carmo, é um local de encontro com a natureza onde podemos contemplar essa biodiversidade. Este percurso sensibiliza-nos a preservar o meio ambiente e a proteger as dunas das nossas praias, onde as aves marinhas constroem os seus ninhos, assim como todo o património natural do Município de Ílhavo.

30. Tripa – doce regional



Com origem na praia da Costa Nova é hoje um doce característico da região de Aveiro. Primeiramente os vendedores vestidos de branco iam ao encontro dos veraneantes no areal; agora, com barraquinhas de venda que pontuam a marginal, este doce satisfaz locais e estrangeiros pelas mais diversas opções de recheio.

Falamos de que doce?

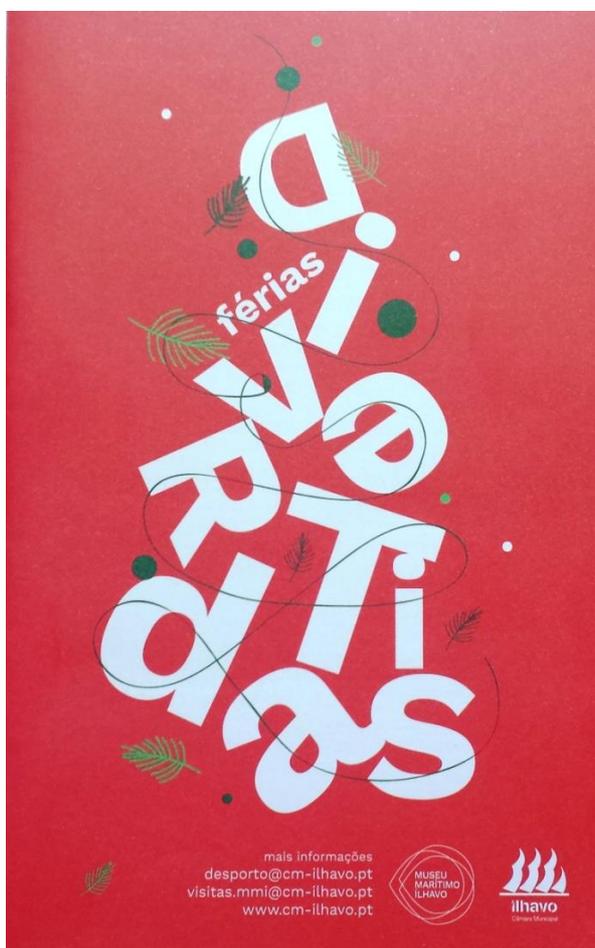
A. Bola de Berlim

B. Tripa

C. Regueifa

A partir da receita centenária da bolacha americana surgiu a tripa. A venda da bolacha era já um negócio consagrado nas praias quando o Sr. José Oliveira (Zé da Tripa) decidiu recriar a receita. A massa mal cozida, recheada com chocolate ou ovos-moles e servida quente, depressa se tornou um êxito. Difundido com o nome de “tripa” por causa da sua forma e textura iniciais, este afamado doce é já considerado um doce tradicional português.

11. Flyer – Programa Municipal Férias Divertidas - Edição Natal de 2019



Fonte: WWW:<URL:https://www.facebook.com/camaramunicipalilhavo/posts/2665107873582812/>>.

12. Atividade “Eu vou ser o capitão”



Escalador

Assim que o bacalhau é pescado é necessário proceder logo ao seu tratamento.

Eu sou escalador e trabalho diretamente com os meus colegas Troteiros e Parte-cabeças.

Uma vez amanhado, momento em que são retiradas as vísceras ao bacalhau por parte dos troteiros, o Parte-cabeças corta-lhe a cabeça e passa-o a mim para que eu possa abri-lo, retirar-lhe a espinha e espalmá-lo de forma a estar pronto para a salga.



Salgador

Juntamente com os ajudantes e mestres de salga, trato de salgar do bacalhau no porão do navio.

Passo muitas horas agachado e de joelhos a empilhar o bacalhau.

O sal tem de ser bem calculado e distribuído. Este trabalho é muito importante, dele depende a conservação e a qualidade do pescado. Não basta calcular o sal e empilhar o peixe, é necessário distribuir a quantidade de sal ideal e aproveitar bem todo o espaço disponível no porão.

Fazemos por camadas: ora bacalhau, ora sal ect.. Só quando o porão estiver completamente cheio é que regressamos a casa.

13. Ciclo de Palestras: “Ílhavo, Terra Milenar: A escrita da Era pré-digital no Município de Ílhavo” em destaque na agenda municipal

Ciclo de Palestras

“Ílhavo, Terra Milenar: A escrita pré-digital”
122 Anos da Restauração do Município de Ílhavo

Centro de Documentação de Ílhavo

9:30
Receção

9:45
Boas-vindas, contextualização e assinatura de protocolos

10:00
Lançamento da publicação
“Nossa Gente: Biografia de Hipólito Andrade”
por Amaro Neves

10:30
Pausa para café

10:45
A História da Escrita
por Maria José Azevedo Santos
Professora Catedrática da FLUC e Investigadora do Centro de História da Sociedade e da Cultura
> Quando, onde, porquê e como foi inventada
> Caminho percorrido desde as origens ao Século XVIII (manufatura e tipografia)
> Agentes da escrita (clérigos e copistas, tabeliães e escrivães), centros de produção de escrita, scriptorium, paço dos tabeliães e chancelarias

12:30
Almoço livre

14:15
Tesouros escritos do Centro de Documentação de Ílhavo
Divulgação e contextualização dos arquivos dos órgãos autárquicos do Município de Ílhavo, com a exibição de alguns tesouros documentais, pelo Centro de Documentação de Ílhavo

15:00
Pausa para café

15:15
Oficina de elaboração de suportes e instrumentos de escrita
por Paulo Bruno Reis
Mestre em Idade Média e investigador do Centro de História da Sociedade e da Cultura
> Suportes: papiro, pergaminho, tabuinhas enceradas e papel
> Instrumentos: estiletes, cálamos, penas, réguas, areia d'Ormuz, compassos, facas, lixas, entre outros;
> Tintas metálicas (ouro, prata, ferro-gálicas)

Inscrições:
cdi@cm-ilhavo.pt - 234 082 496
até ao dia 15 de janeiro
para professores:
www.cfaecivob.pt até dia 13 de janeiro

Público-alvo:
Educadores de infância,
Professores do 1.º ciclo do Ensino Básico,
História, História e Geografia, Português,
Educação Visual e Tecnológica, Cidadania,
TIC, estudantes e público em geral.

ATIVIDADE GRATUITA

 CENTRO DOCUMENTAÇÃO ÍLHAVO

18^{sáb}
janeiro

Fonte: WWW:<URL:https://www.cmilhavo.pt/cmilhavo2020/uploads/writer_file/document/6810/cdi___122_anos_restauracao_municipio.pdf>.

14. Folheto informativo



O Centro de Documentação de Ílhavo (CDI) é o organismo da Câmara Municipal de Ílhavo, responsável pela gestão da documentação produzida pelos órgãos e serviços municipais.

Integra também documentação de temática marítima e de história local.

O seu documento mais antigo é o Foral Manuelino de 1514.



Missão:

Preparar conteúdos informativos sobre Ílhavo.

Promover a História, Identidade e Patrimónios da terra e suas gentes, afirmando e projetando o Município de Ílhavo.

CIEMar
Travessa Alexandre da Conceição, Ílhavo
Tel.: 234 092 496 e-mail: cdi@cm-ilhavo.pt
<http://www.centrodedocumentacao.cm-ilhavo.pt/>
Horário: 2.ª a 6.ª das 9h-17h



O Ilhavense, 1 de Maio de 1920. Arquivo Américo Teles, CDI

“Aos orphãos pobres, pão e guarida, aos infermos necessitados, um hospital!”

O Nauta (13 de Abril de 1919).
Arquivo Américo Teles, CDI

Os Fundadores do Hospital da Santa Casa da Misericórdia: Viriato Simões Teles, Manuel da Silva Vergas, António Pereira Ramalheira, António José dos Santos, João Magano, António Pereira Ramalheira e Victor da Graça.

1914 - Criação da “Caridade de Ílhavo”.

1919 - Fundação do Hospital e da Santa Casa Misericórdia de Ílhavo.

1922 - Construção da Capela do Hospital Misericórdia.

1936 - Constituição do Asilo para proteção de inválidos e Órfãos Menores.

1941 - Encerramento temporário do Hospital.

1974 - Passagem dos Hospitais das Misericórdias para o controlo do Estado.

1988 - Devolução do Hospital à Misericórdia.

2010 - Inauguração da Unidade de Cuidados Continuados Integrados.